﻿The Project Gutenberg EBook of O Regicida, by Camilo Castelo Branco

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with

almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or

re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included

with this eBook or online at www.gutenberg.net

Title: O Regicida

Author: Camilo Castelo Branco

Release Date: July 9, 2008 [EBook #26017]

Language: Portuguese

\*\*\* START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK O REGICIDA \*\*\*

Produced by Pedro Saborano and the Online Distributed

Proofreading Team at http://www.pgdp.net (This book was

produced from scanned images of public domain material

from the Google Print project.)

ROMANCES NACIONAES

ROMANCES NACIONAES

O REGICIDA

Romance Historico

por

CAMILLO CASTELLO BRANCO

LISBOA

Livraria Editora de Mattos Moreira E Comp.ª

68--Praça de D. Pedro--68

1874

\_A propriedade d'este livro, pertence a Henrique de Araujo Godinho

Tavares, subdito brazileiro.\_

A

Francisco Martins de Gouvêa Moraes Sarmento

OFFERECE

o seu amigo mais devedor e agradecido

\_Camillo Castello Branco.\_

ADVERTENCIA

A urdidura d'este romance, que afoitamente denominamos \_historico\_,

deu-no'l-a um manuscripto, que pertenceu á livraria do secretario de

estado Fernando Luiz Pereira de Sousa Barradas.

O collector d'estes apontamentos, que a historia impressa, respeitando

as conveniencias, omittiu, foi contemporaneo dos successos que archivou,

pois escrevia em 1648.

De lavra nossa, n'este romance, ha apenas os episodios, que me sahiram

ajustados e congruentes com os traços essenciaes da narrativa.

O REGICIDA

I

Antonio Leite, casado com Maria Pereira, e morador na villa de

Guimarães, em 1634, era o cuteleiro de maior voga em Portugal.

N'aquelle anno, tinham um filho, de nome Domingos, com dezesete annos de

edade.

Quizera o pai ensinar-lhe a arte, que lhe dera fama e dinheiro. A mãe

desejava que o rapaz fosse frade, consoante á vontade de seu irmão fr.

Gaspar de Sancta Thereza, leitor apostolico de moral no convento de S.

Francisco de Lisboa.

Ora o rapaz não queria ser frade nem cuteleiro: aspirava ardentemente um

officio mais prestadio ao genero humano infermiço: queria ser boticario.

Era esperto o moço, não só porque appetecia ser boticario; mas porque

realmente era agudo de intendimento, ladino, sedento de saber tudo e

propenso a correr mundo, tendencia, na verdade, incompativel com a

quietação da almejada botica.

Aos quinze annos, Domingos sabia latim, cursava philosophia de

Aristoteles com um insigne mestre da ordem franciscana, e lia os

cartapacios pharmaceuticos do frade boticario do mesmo convento.

Participou Maria a seu irmão fr. Gaspar a inclinação do filho. Respondeu

o prudentissimo tio que lhe não torcessem a vocação, por quanto em todos

os misteres podia um bom christão servir o proximo e ganhar o ceo. E, em

prova do seu applauso, mandou ir o sobrinho para Lisboa, afim de lhe

arranjar mestre que o exercitasse e approvasse.

Foi Domingos Leite para a capital, e entrou como praticante na botica do

Hospital Real, sob direcção de Estevão de Lima, o primeiro mestre de

pharmacia entre os quarenta e trez boticarios de Lisboa.

Ao cabo do primeiro anno, o professor não tinha que lhe ensinar.

Domingos intendia e aviava as receitas com rara destreza. A estatistica

mortuaria, se não tinha diminuido, tambem não tinha augmentado. Todavia,

o habil praticante mostrava-se descontente d'aquelle genero de vida, e

de si comsigo resolvera encarreirar-se para outro destino mais adquado a

umas vaidades do mundo que lhe estonteavam a cabeça de mistura com o

cheiro nauseativo das drogas moídas no gral.

Frequentava a famosa botica Luiz das Povoas, provedor da alfandega, que

se comprazia de conversar com Domingos Leite em coisas de lettras,

mormente poetas latinos. O rapaz revelou ao provedor o seu desgosto da

botica, e rogou-lhe que o empregasse na alfandega. Vê-se que já em 1636

os bons talentos portuguezes, as aguias do genio, pairavam sobre as

prêas alfandegueiras, como hoje em dia succede com tanto litterato que

prefere á gloria de rimar ao ar livre a athmosphera aziumada dos

armazens, e o fartum engulhoso da matullagem.

De feito, Luiz das Povoas accedeu á petição de Domingos Leite,

nomeando-o escrivão das «Fructas» com 40:000 reis annuaes de ordenado.

Volvido um anno, o escrivão das fructas confessou ao provedor que a sua

vocação definida não era bem a alfandega; que semelhante vida lhe

desagradava por monotona; que o seu espirito precisava de repasto mais

poetico; em fim, que se sentia alli embrutecer com trabalhos em que a

intelligencia andava grávida de cifras e cifrões, coisas indigestas para

quem scismava em trechos de Virgilio ou estancias de Camões, quando a

penna alinhavava a um tendeiro da rua de Quebra-Costas a conta dos

direitos da alfarroba ou do cacáo.

--Que queres tu ser então, Domingos Leite?--perguntou-lhe o bom amigo.

--Estou gostando arrebatadamente da muzica, desde que vossa mercê me

levou ás festas da capella real. Se eu podesse arranjar o emprego de

môço da capella...

--Achas isso bom? Poucas ambições tens, rapaz!

--O que mais me encanta é o viver com os meus poetas, e ter alli á mão

as delicias da musica. O ordenado é pequeno; mas setenta cruzados chegam

e sobram. Lá ao diante, se eu grangear cabedal de saber para dar a lume

algumas ideias que me cá refervem nos miólos, então darei gloria ao meu

nome. Quanto a bens de fortuna, lá está meu pai na officina a ganhar-me

o patrimonio. Sou filho unico, e com pouco heide ir onde vão os grandes.

--Olha tu que os grandes não começaram por môços da capella real...

--Bem sei; mas eu, quando desprender as azas, voarei do zimborio da

capella, e irei poisar nas grimpas dos palacios.

--Vê lá se te aguentas no vôo, meu Icaro!--redarguiu o provedor--Cuidado

comtigo que não tenhas de voltar á botica a manipular aquella herva

bicha e o pastel de carne de gato com que me curaste das almorreimas...

--Não tenha medo, sr. Luiz das Povoas. Os homens da minha tempera tem

fados esquisitos! Eu, ás vezes, sinto uns deslumbramentos que me cegam!

Se eu não fosse filho de meu pai cuteleiro, e pudesse desconfiar da

honestidade de minha mãe, havia de crer que o meu sangue girou já nas

veias dos duques de Guimarães!

--Serás tu filho do real Encoberto D. Sebastião que se espera? Toma

tento, Domingos, que não te fermente no miôlo a parvoice do rei da

Ericeira ou do rei de Penamacor, ou do pasteleiro do Escurial...--volveu

casquinando o provedor da alfandega--Vê lá se contendes com o sr. D.

João, duque de Bragança, a ver qual dos dois é o Encoberto das profecias

do Preto ou do Caldeirão, astrologo de Cascaes!... Emfim, rapaz dos meus

peccados, eu fallarei ao sr. Miguel de Vasconcellos, e tu serás nomeado

môço da capella real com setenta cruzados; e, depois, quando te sentires

com voadoiros de servir, ála-te do zimborio da capella; mas guarda-te de

avoares com azas de páo dadas por algum cioso dos que seguem as damas da

princeza Margarida a ouvir as antigas cançonetas do Guerreiro, os

motetes do duque de Bragança, e os tonadilhos de Diogo de Alvarado.

(\_Nota 1.ª\_) Ora queira Deus!... És bem apessoado; tens-me uns requebros

de poeta galan; lês muito pelo livro das \_Saudades\_ de Bernardim

Ribeiro, que os moços do monte de el-rei D. Manuel mataram a tiro na Rua

Nova. (\_Nota 2.ª\_) Não vás tu pensar que o amor dá azas, e que o tracto

com as Camenas te habilita a ser ruysenhor do paço!...

--A boa fortuna--replicou enfaticamente o moço--hade dar-m'a o engenho e

a arte...

--\_Se a tanto me ajudar\_, disse o Camões, e a nada o ajudou, nem sequer

a envisgar de raiz o coração d'aquella dama da rainha D. Catharina!..

Chamavam-lhe a Bocca-negra da alcunha da mãe; mas meu pai, que a viu no

mesmo dia em que o poeta a encontrou na egreja das Chagas, n'uma sexta

feira da Paixão, em 20 de abril de 1542, disse-me que a menina era tão

esbelta como trêda. Que farte a cantou o poeta com diversos nomes; até

que ella, norteando o coração a mais substanciosos amores, tractou

cazamento com outro e finou-se antes de realisar o intento. Á conta

d'esta ingrata quatro vezes foi desterrado o nosso Homero. Primeiro, de

Coimbra, onde estava a corte, para Lisboa. Veio a corte para Lisboa,

desterraram-no para Santarem; depois para Africa, e por derradeiro para

a India, d'onde voltou á mercê d'alguns passageiros. (\_Nota 3.ª\_)

Não são de mais estes exemplos referidos a um galan de Guimarães que vai

implumar as azas debaixo dos tectos reaes da vice-rainha duqueza de

Mantua para depois voar...

--Sei todas essas historias, sr. provedor--atalhou Domingos Leite.--E

sei outras muitas de egual moralidade, como a do poeta Jorge da Silva,

que expiou no Limoeiro os seus amores a uma irmã de D. João III; e

tambem sei que D. João da Silva, por malogrado amor á imperatriz Leonor,

filha de D. Affonso V, se fez frade franciscano, chamou-se o Beato

Amadeu, e disciplinou as rebeldes carnes, lembrando-se sempre do paço

como S. Jeronimo se lembrava das virgens de Roma nos areaes do Mar

Morto. Não ignoro que D. Affonso V mandou degolar um Duarte de Souza que

visitava fóra de horas uma das suas criadas. Sei, finalmente, o que

custam sereyas da côrte, desde que D. João I mandou queimar no Rocio o

seu camareiro Fernando Affonso, por que uma dama da rainha se queimára

nas chammas do gentil galan... Sei tudo o que diz ao intento das

reflexões de vossa mercê; mas eu já lhe declarei que vou attrahido á

capella real pela musica á imitação do penhasco arrastado por Orpheu;

depois, irei, como Cezar, \_Quó Deus impulerit\_. De damarias não curo,

nem por mulheres vai longe quem lhes procura a fortuna no regaço. Não me

deu Deus geitos de pagem, nem de nâmorado de arrabil. Sou de Guimarães,

onde os corações tem mais aço que flores. Tudo que ali nasce parece

sahir da forja onde se fazem as rijas laminas das facas de matto e das

alabardas.

II

A residencia no paço da Ribeira facilitou ao moço da capella

relacionar-se com fidalgos que o estremaram da turba da criadagem.

O capellão-mór D. João da Silva, irmão do marquez de Gouveia, agradecido

ao rei intruso que, em 1625, dera a seu irmão Manrique, conde de

Portalegre, a coroa de marquez, ajoelhava nos estrados da vice-rainha,

como outros muitos portuguezes que, volvidos quatro annos, a ameaçaram

de ser despejada á rua sobre o cadaver de Miguel de Vasconcellos (\_Nota

4.ª\_)

Este D. João da Silva corria com os negocios da grande caza de seu

irmão, e sentia-se escasso de ideas e até de orthographia para

dignamente fazer a correspondencia. Outros fidalgos lhe gabaram a

esperteza de Domingos Leite, incitando-o a estipendial-o como secretario.

Convidado para o serviço da casa do capellão-mór, o moço da capella,

perscrutando ao longe, na escrevaninha de D. João da Silva, uma aberta,

para elevadas regiões, acceitou o encargo com dobrado salario, e sahiu

do paço com fastio á musica do Alvarado e aos vilhancicos do Guerreiro

com que na noite do Natal lhe gelaram a piedade na alma e nos ouvidos.

Logo que poz mão no archivo da casa de seu amo, assignalou-se a

actividade intelligente do secretario.

Ganhando a confiança de D. João e tambem a do marquez, entrou no segredo

de certos actos clandestinos da politica, e por ahi lhe alvoreceram

esperanças de entrar em carreira mais frizante com a sua vocação, que

elle ainda não sabia ponctualmente qual fosse.

Com quanto os Silvas da casa de Portalegre ou Gouvêa não sejam nomeados

entre os principaes fautores da conjuração heroica a favor do duque

bragantino, é averiguado que o marquez de Gouvêa e seus irmãos

assentiram á sublevação de 1640; d'outro modo D. João IV não nomearia

seu mordomo-mór o marquez que recebêra o titulo da chancella de Filippe

III, cujo mordomo-mór fôra tambem.[1]

Em caza do aulico da vice-rainha conversava-se, planeavam-se alvitres

ácerca da restauração, e não havia rezervas na presença de Domingos

Leite, abonado por seus amos e pelo enthusiasmo dos seus dizeres

conceituosos em annos tão juvenis. Os douctores João Pinto Ribeiro e

João Sanches de Baêna que, para assim dizer, foram o cerebro, o

pensamento do gigante que estendeu braços de ferro no 1.º de dezembro,

tinham justificado a confiança dos fidalgos, dignando-se approvar a

admissão de Domingos Leite Pereira ás reuniões da gente media, afim de a

ir educando e predispondo com argumentos patrioticos, mui eloquentemente

discursados.

E o ensejo veio bem de molde á explosão das iras de um portuguez

palavroso. N'aquelle anno de 1637 era o povo esmagado com tributos; e a

nobreza, menos ferida nas suas rendas, olhava de esconso para a desgraça

das classes mechanicas, e de fito para os seus proprios interesses. Não

obstante, alguns fidalgos sob-capa incitavam ao longe os motins. Nos

tumultos de Evora, houve precedencia de conciliabulos em que dois homens

da cidade e um estranho e desconhecido das turbas oraram de feição a

irritar a rebeldia ás execuções tributarias do corregedor André de

Moraes Sarmento.

Os sediciosos eborenses eram Sezinando Rodrigues e João Barradas; e o de

fóra era o quasi imberbe Domingos Leite Pereira, que depois de haver

pedido na praça a cabeça do corregedor, e rompido os diques á onda

popular contra o arcebispo e outros fidalgos que sahiram de cruz alçada

a socegar os amotinados, appareceu orando ás turbas preceitos de

prudencia e respeito ao ancião conde de Basto.

Vê-se que a vocação do rapaz, afinal, era a politica.

Em 1638 morreu D. João da Silva. Logo o marquez de Gouvêa chamou aos

segredos da sua escrevaninha Domingos Leite, exonerando-o dos encargos

impertinentes da administração da caza, e investindo-o de occupação mais

condigna. Os seus trabalhos meditados e escriptos eram relativos á

republica, já trasladando papeis mysteriosos que se trocavam entre

Portugal e Castella, já discorrendo de lavra propria declamações contra

o uzurpador, as quaes eram lidas com um sorriso de complacencia por João

Pinto Ribeiro, e repetidas com enfaze pelo padre Nicolau da Maya aos

lagrimosos burguezes da caza dos «Vinte-e-quatro.»

A importancia do filho do cuteleiro crescia á medida que o perigoso

levantamento da nação calcada se avisinhava da destemida audacia de

muitos e da receiosa prudencia de alguns. Domingos Leite aliáva á

energia intellectual a impavidez nas mensagens arriscadas. Uma noite se

offerecêra elle para entrar ao segundo andar do paço da Ribeira cujos

corredores conhecia, e apunhalar na sua propria camara Miguel de

Vasconcellos. Galardoaram-lhe com louvores o romano intento; mas

dispensaram-no de antecipar o sacrificio de uma vida, que poderia abrir

a sepultura de muitas vidas preciosas. Acceitaram-lhe, todavia, a

melindrosa missão de ir a Madrid prevenir alguns fidalgos affectos á

restauração, já quando Miguel de Vasconcellos, desde os tumultos de

Evora, o trazia espiado como suspeito de ser o ardente caudilho dos

amotinados a casa do corregedor Moraes Sarmento.

N'esta commissão associou-se Domingos Leite a um Roque da Cunha, homem

passante dos 40 annos, que elle havia conhecido nas assemblêas populares

do padre Nicolau da Maya, ardente impulsor do resgate do reino.

Roque vivia mysteriosamente e apenas sabia o nome de sua mãe, uma D.

Vicencia, de quem ao diante se fará menção.

Era temido como valente, e conceituado como perverso; mas ninguem o

excedia em vehemencia de applausos, quando Domingos Leite proclamava

ácerca da independencia da patria.

A vaidade do orador transpoz os obstaculos erguidos pela má fama do seu

enthusiastico ouvinte, e foi procurar um amigo em Roque da Cunha.

Travaram-se de intima estima, a ponto de lhe abrir o cofre dos seus

segredos o homem, cujos haveres procediam de fonte desconhecida e

forçosamente impura.

Entre diversas aventuras referiu o arrebatado patriota que os seus bens

eram a paga de uma boa acção; porém mesquinha paga; pois que se elle

podesse contal-a em dias de liberdade para a patria, os portuguezes

deveriam ladrilhar-lhe de ouro as ruas por onde passasse. Expendido o

caso, depois de o exordiar com o enfaze de um Sc½vola, disse que fôra

elle quem matára com um tiro de pistola Pedro Barbosa de Luna,

desembargador da casa da supplicação, pai de Miguel de Vasconcellos.

Deste homicidio havia elle cobrado alguns mil cruzados: e, posto que o

mandante fôsse um opulento mercador que assim vingava a justiça de um

pleito postergada pelo desembargador, Roque da Cunha recebêra os tantos

mil cruzados com os olhos postos na patria captiva. (\_Nota 5.ª\_)

Este feito, com outros significativos de esforço e destemor, captaram a

indole de Domingos Leite propensa á admiração da bravura que em Roque da

Cunha era realçada por intendimento e graça no desplante com que

assoalhava os vicios ao seu unico amigo.

Tal era o companheiro escolhido nas mensagens arriscadas de Evora e de

Madrid. E tanto Domingos Leite encareceu depois os serviços do amigo, na

volta a Portugal, que vingou leval-o comsigo a Villa Viçosa, e

apresental-o ao duque, no acto de lhe entregar cartas dos fidalgos com a

noticia dos planos discutidos no palacio dos Almadas.

III

O que o leitor sabe sobejamente da historia seria impertinencia

repetir-lh'o no romance.

A revolução de 1640 é tão fallada, desde a escola de instrucção primaria

até ás festividades rhetoricas de cada 1.º de dezembro, que a pessoa

intelligente em cuja mão este livrinho tem o prestimo de a livrar de ler

outro peor, me está pedindo que dê vivas á independencia nacional e

passe ávante.

Seja assim, para agradar a V. Ex.ª e não defraudar historiadores que não

tem, quando historiam, analoga consideração com os novellistas.

O duque de Bragança era já D. João IV; e Domingos Leite Pereira, desde

Janeiro de 1641, era escrivão da correição do civel da corte, logar que

rendia para mais de trezentos mil reis--quantia valiosissima n'aquelle

tempo. Além d'isso fôra-lhe facultado arrendar o officio e continuar

exercendo o posto de secretario do marquez de Gouvêa, mordomo-mór de

el-rei, e do seu conselho de estado e despacho. O marquez, indo

semanalmente á côrte, levava comsigo no coche o seu secretario: e bem

que o deixasse na sala da espera, algumas vezes o rei admittiu ao

gabinete de despacho o diserto moço folgando de o ouvir remedar alguns

bassos e tiples da capella real da princeza Margarida. É notorio que D.

João IV foi muito caroavel de musica; e, sendo analphabeto em quasi

tudo, publicou em 1649 uma \_Defesa da musica\_ em lingua castelhana, para

dar bom exemplo de patriotismo aos escriptores coevos. (\_Nota 6.ª\_)

Concorriam em Domingos Leite Pereira predicados bastantes a

distinguirem-no. As meninas cazadoiras viam o rapaz de vinte trez annos,

esbelto, valoroso, bemquisto dos fidalgos, estimado de el-rei. Os paes

d'estas meninas viam o escrivão da correição do civel, o secretario do

conselheiro de estado, o mancebo fadado para coisas grandes.

Nem sequer uma leve mancha de judeu, mulato, ou mouro na candidez de

tantos meritos! nem fama publica de vicios, em epoca tão eivada da

corrupção da mocidade! Bastava a honrar-lhe os creditos de bom christão

ser elle sobrinho de fr. Gaspar de Sancta Thereza, já prior de

franciscanos, e tão bom patriota que havia sido elle o primeiro que déra

a ideia de despregar o braço de Jezus crucificado afim de persuadir ao

povo revolto no 1.º de dezembro que a imagem do Redemptor desencravára a

mão da haste da cruz para abençoar o povo que lhe estendia os devotos

braços banhados de sangue!

O manuscripto que vai architectando este livro, ao entrar no periodo

amoroso de Domingos Leite, diz singelamente: «sahiram-lhe muitos

cazamentos.» E, nomeando algumas noivas de nascimento illustre, repára e

nota que o escrivão do civel se esquivasse a aparentar-se com familias

primaciaes regeitando a neta de um bispo do Funchal, que era muito

parenta da casa de Bragança e descendente de reis. (\_Nota 7.ª\_)

Passava então por ser uma das mais lindas mulheres da classe media, em

Lisboa, Maria Isabel, filha de um ricasso da rua dos Tanoeiros, João

Bernardes, de alcunha o \_Traga-malhas\_. Aos quinze annos era a moça tão

tentadora, os fidalgos tão tentadiços, e a honra das familias tão

menosprezada, que a mãe de Maria Izabel fez voto ao sancto Antonio de

fr. Bartholomeu dos Martyres accender-lhe luz toda a noute para que lhe

vigiasse a filha emquanto ella fosse solteira: tamanha era a falta de

illuminação e policia na rua dos Tanoeiros em 1639! (\_Nota 8.ª\_)

Como era filha unica e seus pais contavam bons vinte mil cruzados em

moeda, Maria teve mestre de escripta em casa--um padre de boa fama, do

qual ao diante daremos ampla e funesta noticia. Formosa, rica e

esclarecida, por consequencia um optimo cazamento para filho segundo de

caza illustre, e o mais que podia ambicionar Domingos Leite.

Foi o tio fr. Gaspar quem lhe fallou o cazamento, por ser muito da

familia Traga-malhas, e director espiritual da mãe da noiva.

Maria, ao principio, balbuciava respostas evasivas a respeito de

cazar-se; porém, quando viu Domingos Leite, e o ouviu dizer-lhe umas

palavras tão candidas que mais o pareciam pelo que o rosto respiráva de

amorosa brandura, decidiu-se apaixonadamente.

No entretanto, quando tudo era alegria na familia, Maria Isabel

escondia-se a chorar, e fazia promessas valiosas ao sancto Antonio do

sabido nicho em troca de um milagre de costa acima. Lá ao diante,

formará o leitor conceito da natureza do milagre solicitado, e então

verá que tal era elle que o sancto, se o não fez, foi por que realmente

não pôde.

O escrivão do civel da corte recebeu os emboras dos amigos mais ou menos

invejosos, quando annunciou o seu noivado com a filha do Traga-malhas; e

redobrou a inveja das congratulações ao saber-se que o rico tanoeiro

dotára a filha com dez mil cruzados. Ora para aproximadamente

computarmos o valor de dez mil cruzados n'aquelle anno de 1642, basta

saber-se que, no anno anterior, o mais opulento negociante de Lisboa,

Pedro de Baeça, thesoureiro da alfandega, condemnado á morte em

supplicios atrozes, como cumplice na conjuração de alguns fidalgos

contra D. João IV, offereceu em troca da vida a enorme quantia de trinta

mil cruzados!

Domingos Leite Pereira foi presenteado com rica baixela de prata pelo

rei, quando alfaiava a sua casa no sitio chamado o Salvador. O marquez

de Gouvêa assistiu como padrinho do cazamento, e o prelado franciscano

deu a benção nupcial aos conjuges, e uma preciosa gargantilha de

diamantes á esposada, por ordem de sua irmã, e de seu cunhado, pais do

desposado.

Principiou na alcôva conjugal, quando os anjos do amor e da ventura

deviam vedar os umbraes d'ella á tristeza e á desgraça, uma secretissima

lucta de desconfiança e lagrimas, de invectivas affrontosas e juramentos

de mãos erguidas. Quem diria que, áquella hora alta da noite, uma

formosa mulher, com as tranças desatadas em serpentes pelas espaduas

convulsas, ajoelhava aos pés do marido, e, lavada em lagrimas, soluçava:

--Eu te juro que nunca amei outro homem! Não intendo as perguntas que me

fazes! Fui creada no regaço de minha mãe! Nunca sahi de casa senão para

a igreja, e sempre com minha mãe! Os homens que para mim olhavam uma vez

não me tornavam a ver... Não me perguntes se amei alguem n'este mundo,

que mettes a tua alma no inferno, e me dás vontade de me ir afogar no

Tejo com a minha vergonha!..

Já se vai vendo que o padre Sancto Antonio do nicho assistia de longe e

neutral a este lance.

A luz do dia seguinte não alvorejou na alma entenebrecida de Domingos

Leite Pereira. Apenas rompeu a manhã, o noivo sahiu do thalamo como de

um cavalete de tractos, e foi em direitura procurar o seu antigo mestre

de pharmacia Estevão de Lima. Admittido á escrevaninha do matutino

boticario do Hospital real, revelou no rosto livido o febril anceio de

intender as anomalias possiveis na estructura do corpo humano. Disse

elle ao sabio em poucas e tartamudas palavras a ignorancia que o

atormentava.

Estevão de Lima ouviu-o cabeceando, baixou os oculos da testa sobre o

promontorio do nariz, ergueu-se silencioso, abeirou-se das altas

estantes dos seus livros, e tirou as seguintes obras de medicina, que ia

sacudindo da poeira, e atirando para sobre a banca: Amatus Lusitanus (ou

João Rodrigues de Castello Branco) Abraham Nehemias, Thomaz Rodrigues da

Veiga, Antonio Luiz, João Valverde, Garcia Lopes, Averroes, Affonso

Rodrigues de Guevara.

Quando desempoava o ultimo, affirmou o douto boticario:

--Este physico é chavão na materia, se bem me recordo.

E, percorrendo a lista alphabetica das coisas notaveis, poz o dedo

infallivel na questão subjeita, e disse ao offegante interlocutor:

--Veja isso a paginas 488, columna 1.ª

O contheudo da columna 1.ª da pagina 488 da obra admiravel, chamada \_De

re anatomica\_, não se reproduz, em respeito ás damas que se dispensam de

saber anatomia, apezar da senhora Deraisme, certa adversaria conspicua

de Dumas, para a qual o saber sciencias da organisação humana é coisa

util ás damas maridadas.

Qualquer que fosse, porém, o contexto da pagina consoladora, é certo que

na face de Domingos Leite transpareceu a claridade da interior alegria,

e tanto era o desafogo, e desoppresso o respirar do moço, que se abraçou

no seu antigo mestre, exclamando:

--Vossa mercê apagou-me o inferno da alma, e tirou-me da mão o ferro

uxoricida!

--Ó mentecapto!--volveu Estevão de Lima--Quem querias tu matar?!

--Ella que me infamára aos olhos do homem que m'a atirou aos braços com

uma gargalhada!

--Sobre infamado, matador!--acudiu Estevão--Ruim philosopho és, Domingos

Leite! Se o meu auctor Guevara te não defendesse a esposa com o escudo

da phisica, ainda assim deveras christã e honradamente desligar de ti a

mulher indigna, e salvar tua honra interpondo o juizo do mundo como juiz

na tua causa. A sentenciada seria ella; e tu, se fosses lastimado, não

perderias com isso o direito á veneração dos homens de bem.

--Excellentes rasões...--atalhou Domingos Leite;--mas, sr. Estevão, se

eu um dia fôr enganado, não me dê essas nem outras melhores, que eu não

lh'as escutarei...

Discorreram sobre o assumpto breve espaço, porque Domingos Leite anciava

reconciliar-se com a esposa, pedir-lhe perdão da injuria, indemnisal-a

das perguntas ultrajantes com affagos de noivo apaixonado e repêzo da

injustiça.

Maravilhou-se Maria Isabel, quando o esposo entrou alegre, e a surpresou

enfardelando nos bahús os seus vestidos.

--Que fazes?!--perguntou elle já de má sombra.

--Arranjava a minha roupa...

--Com que intento?

--De me voltar a caza de meu pai.

--Fugindo?

--Fugindo, não; livrando-te da mulher innocente que tu cobriste de

affrontamentos.

Demudou-se-lhe o semblante em ares supplicantes, e dobraram-se-lhe os

joelhos aos pés da esposa illibada pela pagina 488, columna 1.ª, do

livro \_De re anatomica\_ do physico thaumathurgo Affonso Rodrigues de

Guevára.

--Perdoas-me?--balbuciou Domingos Leite, ungindo-lhe a cara de lagrimas.

E ella, que ainda tinha pudor na consciencia, sentiu embargar-se-lhe na

garganta a palavra que perdoava, e ajoelhou tambem apertando-o

freneticamente ao coração.

Amaram-se em redobro desde aquelle momento: elle porque offendera uma

innocente; ella... porque o sancto Antoninho do nicho lhe fizera afinal

o milagre. «E, se não era milagre, diria ella comsigo, onde foi meu

marido desfazer as suas suspeitas? quem o despersuadiu?»

Nós é que sabemos como foi.

IV

Em alegre paz derivaram dois annos.

Ao fim do primeiro, deu ao amor de seu marido Maria Isabel uma menina.

Pouco depois, duplicou-se a riqueza do cazal com o falecimento do

Traga-Malhas, e a entrada da viuva n'um Recolhimento da Terceira ordem

de S. Francisco.

Não obstante, a felicidade do antigo aprendiz de boticario era dardejada

pela inveja disfarçada no epigramma.

Quando Maria Isabel apparecia nas festividades de igreja, egualando-se

nas pompas ás mais ricas fidalgas, rumorejavam-se facecias que eram

victoriadas com frouxos de riso.

A corrupção da epoca vestia-se de gala nas mulheres, Maria Isabel,

porque sabia que as fidalgas a remoqueavam, de dia para dia dava novo

pasto á satyra. Arrastava saias golpeadas de mosqueta; corpetes

recamados de oiro; chapins estrellados de prata e perolas; fraldelhins

agrinaldados de rubis. Sahia em liteira sua, das mais adamascadas e

pintadas, com lacaios bizarramente vestidos.

E, por sobre tudo isto, realçava como engodo ao despeito aquella

esplendorosa beldade de Maria Isabel, a quem as senhoras dos palacios,

arruinados como a honra propria, chamavam a \_Traga-malhas tanoeira\_.

N'este em meio, Domingos Leite Pereira, advertido pelo marquez de

Gouveia que posesse côbro ao luxo da mulher, respondeu que era

bastantemente rico...

--E bastantemente inepto, sr. Leite--acudiu o mordomo-mór--Quando um

marido assim arreia sua mulher para a exhibir nos adros das igrejas, os

outros podem suspeitar que elle a veste, á guiza de moira da procissão,

para a mostrar bem adubada e apetitosa á cupidez dos outros.

--Se o sr. marquez pensasse como esses vilãos que assim pensam, eu

sahiria da sua casa, com a magua de o não poder reptar ao baixo ponto em

que está a honra dos plebeus--replicou Domingos Leite com altivez.

--Eu não penso assim--obviou o fidalgo--mas sei como os outros pensam.

--Quem são os outros? diz-m'o V. Ex.ª?

--Não denuncio, sr. Leite; advirto-o e mais nada. Vossa mercê conhece os

livros; mas desconhece os homens. Tem grandes espiritos; mas possue

imperfeitissima rasão. Guarde isto que lhe digo; e oxalá que eu nunca

lh'o recorde.

--Sr. marquez!--volveu o secretario com vehemente arrebatamento--se

minha mulher não é a honesta esposa que eu creio, diga-m'o; peço a V.

Ex.ª pela sorte de suas filhas!

--Nada sei...--balbuciou o marquez, refreando a perturbação.

--V. Ex.ª está indeciso!--sobreveio Domingos Leite agitadissimo.

--Não seja louco!--objectou o velho, refazendo-se de apparente

serenidade--Nada sei de sua mulher que o desdoure.

E, rematando o dialogo, o mordomo-mór disse que el-rei o esperava para o

despacho.

Esta acerba palestra instillou peçonha no coração de Domingos Leite.

Havia um só homem e esse o mais indigno de todos com quem o marido de

Maria Isabel desafogava a plenos pulmões: era Roque da Cunha, que, ao

tempo, exercia um officio dos mais grados entre os aguasis de uma das

corregedorias criminaes da corte, em recompensa de haver testemunhado em

1641 contra o general Mathias de Albuquerque, por industria e compra dos

inimigos d'aquelle insigne cabo de guerra. E, bem que Mathias de

Albuquerque provasse sua innocencia, D. João IV, tão presador dos

denunciantes como dos bons e fieis generaes, não retirou a Roque da

Cunha a paga da aleivosia. Parece que antevira a urgente necessidade

d'aquelle homem...

Abriu sua alma Domingos Leite ao assassino de Pedro Barbosa,

referindo-lhe o que passara com o marquez de Gouvêa, e terminando por

lhe perguntar se ouvira qualquer calumnia contra a honestidade de sua

mulher.

--Ouvi, respondeu friamente Roque.

--O que?! acudiu o outro sobresaltado e livido.

--Ouvi que antes de ser tua mulher tivera outros amores.

--Com quem? bradou arquejante Domingos Leite.

--Não perguntei. O calumniador disse a calumnia, e adormeceu na rua dos

Romulares com dois bofetões puxados á sustancia, que lhe dei nos

indignos focinhos.

--Nunca m'o disseste...

--Não sou echo de calumniadores, amigo Leite. Encarecer-te a minha

amisade com a noticia dos bofetões, seria dar importancia a bagatellas.

Se eu estivesse em sitio onde podesse arrancar-lhe a lingua, mandava-t'a

embrulhada em uma folha de alface com a mesma facilidade com que t'o digo.

--Mas conheces esse homem?

--Conheci ha muitos annos: era parente de um official, ou quem quer que

fosse de Miguel de Vasconcellos. Não lhe sei o nome, nem o tornei a ver

desde ha dois annos. Morreria elle?... Se o matei com o primeiro murro,

era escusado pregar-lhe o segundo...

Esta revelação attribulou Domingos Leite por tanta maneira, que Roque da

Cunha chacoteava a irracional afflicção do seu amigo, chegando a

dizer-lhe brutalmente:

--Homem! se este caso te faz tamanha mossa, parece que estás mais

inclinado do que eu a acreditar a calumnia do tal que eu esmurracei! Em

fim, tu lá sabes... concluiu faceiramente.

--Deixa-me... Olha que me estás fazendo perder a razão! atalhou o

desvairado moço. Vê se me encontras esse homem, Roque! Pede-t'o a minha

honra! dou-te por esse homem metade do que tenho! Se o tu não achares,

ninguem o achará... Olha que me salvas, se m'o trazes! salvas o teu

maior amigo!

--Irei procural-o no inferno, se o não achar cá em cimo. Confia nos

quadrilheiros de todos os bairros de Lisboa. Saibamos: que queres tu do

homem?

--O nome do amante que teve Maria Isabel antes de ser minha mulher.

--Então é coisa averiguada que teve? interpellou despejada, mas

rasoavelmente o cynico.

--Perguntas-m'o!... balbuciou Leite Pereira.

--Não t'o pergunto: és tu que m'o dizes, homem! Seja como for.

Apparecendo vivo o sujeito, queres interrogal-o, ou fias de mim

desembuchar-lhe tudo que elle souber?

--Fio de ti a minha honra, que ha de sahir limpa d'essa prova, ou hei de

lavar o ferrete com o sangue de alguem.

--Até mais ver, Domingos Leite. Dá-me tres dias e tres noutes. D'aqui

até lá não tujas palavra que possa espantar a caça, percebes? Olha que

as mulheres tem faro de tres narizes, quando não podem apresentar folha

corrida ao almotacé do bairro da virtude.

Nos dias subsequentes, o secretario do marquez de Gouvêa, pretextando

extraordinarios trabalhos, apenas pernoitava em casa; e, apesar de

esforçada dissimulação, denunciou a Maria Isabel torvado animo e

sobresaltos no dormitar. Interrogava-o ella amorosamente e com uns

abalos de susto. Elle attribuia o seu dessocego a receios da causa da

patria, visto que o exercito do Alemtejo soffria numerosas deserções, e

perigava á mingua de generaes. No entanto, a esposa decifrara desgraça

eminente em umas lagrimas que lhe vira toldar os olhos fitos no rosto

angelico da filhinha adormecida. E perguntando-lhe então porque chorava,

elle respondera que chorava em nome da creança a desventura de ter nascido.

Devoravam-no entretanto impaciencias de ouvir Roque da Cunha.

Chegou o mensageiro ao escriptorio de Domingos Leite, no palacio do

conselheiro de estado, terminado o praso prescripto, e começou dizendo,

com solemnidade e tristeza, coisas singulares e raras no seu caracter:

--Achei-o. Morava em Alfama, e tem loja de mercearia.

--Bem! exclamou Leite Pereira com um tregeito de ficticia alegria que

poderia egualmente significar a angustia de uma noticia

dilacerante.--Que diz elle?

--Vamos de passo. Indaguei primeiro quem tinham sido os officiaes da

escrivaninha de Miguel de Vasconcellos. Nomearam-m'os todos; e eu, logo

que ouvi o nome de um, recordei-me de que o homem em quem eu dera os

cachações era parente do tal. Ora este tal, que foi muito da confiança

do ministro, conhecia-o eu como as minhas mãos. Fui ter com elle, e sem

detença soube que o seu parente era tendeiro. Isto no primeiro dia. No

segundo, mandei-o chamar por um quadrilheiro á corregedoria. Carreguei a

sêlha, e perguntei-o sobre o que havia dito a respeito da mulher do

escrivão do civel, Domingos Leite Pereira, no anno de 1643, na praça dos

Romulares. Como elle fingisse estar esquecido, lembrei-lhe os dois

murros, e ajudei-lhe a memoria, promettendo-lhe mandal-o para o Limoeiro

até se lembrar. Confessou então que, estando em um jantar de annos, onde

o vinho sobejava e minguava o juizo, ouvira dizer a um dos do banquete,

fallando-se no teu casamento, que elle conhecia um sujeito que, se não

tivesse coroa rapada, a Maria Traga-Malhas e os dez mil cruzados não

seriam para ti. E que mais? perguntei ao homem que engulira o principal.

Não sei mais nada, respondeu elle. Chamei um aguazil e disse-lhe que

levasse aquelle esquecidiço ao Limoeiro, e o trouxesse quando elle

tivesse mais miudas lembranças do que ouviu n'um tal jantar. Deixou-se

levar, e foi posto no segredo, e prohibido de fallar ou escrever a

alguem. Segundo dia. Agora o terceiro, que é hoje. Ás duas da tarde

pediu que o trouxessem á corregedoria. Recuperara a memoria. O homem que

tinha coroa rapada, e se gabava de te disputar a noiva e os dez mil

cruzados, era propriamente o primo d'elle, que eu conhecera official de

Miguel de Vasconcellos.

--Como se chamava? atalhou Domingos Leite com os olhos abraseados e a

respiração a trancos.

--Chamava-se o padre Luiz da Silveira.

--O que?... dize! Luiz da Silveira?! Esse padre foi o mestre de Maria

Isabel... Basta!... Disseste tudo...--rugia Domingos Leite, regirando

como fera prêza, de um lado a outro da saleta, e tomando o chapêo,

apertou as mãos do informador, rugindo-lhe como em segredo:--Se eu

precisar de ti, não me desampares... Bem sabes que eu só chamo amigo a

quem me matar ou me restituir a honra n'esta horrivel conjunctura. Olha,

escuta-me, Roque... Maria Isabel, antes de ser minha mulher, foi... Oh!

como é atroz esta certeza!...

E, batendo com os punhos nas fontes, ringia os dentes, e

istriavam-se-lhe os olhos de filamentos sanguinosos.

N'este comenos, ouviram-se os passos mesurados do marquez mordomo-mór no

salão contiguo. Os dois amigos evadiram-se pressurosos escada abaixo.

V

O padre Luiz da Silveira viera da Alhandra para Lisboa, chamado pela

fama de prégador, em 1635, tendo vinte e quatro annos de edade.

A marqueza de Montalvão deu-lhe capellania em sua casa, e accesso á

estima dos fidalgos mais parciaes do rei castelhano. Os sermões de padre

Luiz degeneravam, pelo ordinario, em arengas politicas em prol da

legitimidade dos Filippes, e invectivas ironicas adversas aos

sebastianistas. N'aquelle tempo, tanto os esperançados no vencido de

Alcacer-kibir, como os imaginativos de rei portuguez, eram chanceados de

sebastianistas.

Em casa da marqueza beijara o padre a mão do arcebispo de Braga, D.

Sebastião de Mattos e Noronha, um dos mais esturrados sustentaculos do

dominio hespanhol, e tão execrado dos portuguezes como Miguel de

Vasconcellos.

Affeiçoou-se o arcebispo ao capellão da marqueza, ouvindo-o prégar no

anniversario de Filippe IV, de Castella, e de moto proprio lhe offereceu

o emprego honroso e lucrativo de official do secretario de Vasconcellos.

N'esta posição, e com promessas de boa prebenda na Sé lisbonense, o

sobresaltou a revolução de 1640. Dormia elle ainda o somno do justo,

quando o ministro era espostejado no terreiro do Paço da Ribeira. A

consciencia remordia-o já com os delictos oratorios, já com os aggravos

feitos aos seus compatriotas, sob a egide de ministro despota.

Escondeu-se, portanto, no palacio do arcebispo de Braga, que os

conjurados teriam morto, se rogos de D. Miguel de Almeida o não

salvassem, e se D. João IV, receoso do clero e de Roma, lhe não desse

parte no governo provisorio, defraudando de tamanha honra fidalgos que

jogaram a cabeça, proclamando-o.

O arcebispo, inflexivel á indulgencia do rei, urdiu, travado com outros

da sua estofa, a malograda contra-revolução, a fim de reconquistar a

graça de Filippe IV.

Carteando-se com o conde-duque de Olivares, confiou a mensagem da

correspondencia ao seu commensal, padre Luiz da Silveira, que tres vezes

desempenhara destramente a perigosa empreza, disfarçado em almocreve.

Planeada a tentativa dos conjurados, de accordo com a Junta de Madrid,

chamada da \_Intelligencia secreta\_, padre Luiz, ou por que desconfiasse

do bom exito, ou por que um leicenço de infamia lhe apojasse na alma,

ou--e seria o mais improvavel--porque o patriotismo o esporeasse,

resolveu delatar os conspiradores a D. João IV.

Outra versão correu explicando a perfidia do padre. Disseram que elle, a

fim de alliciar um antigo parceiro, communicara o segredo da conjuração

a Luiz Pereira de Barros, que tambem servira Miguel de Vasconcellos, com

grande applauso e confiança do ministro; porém Luiz de Barros, como a

esse tempo já fosse contador da fazenda, a revellação do familiar do

arcebispo recebeu-a sem enthusiasmo, promettendo, todavia, reflectir

antes de se alistar nos conjurados. Mas, como quer que o clerigo

desconfiasse que Pereira de Barros denunciasse a conspiração, deu-se

elle pressa na precedencia da protervia e da paga. Não se illudira, por

que D. João IV recebera os dois delatores no mesmo dia, e os enviara

conjunctamente ao seu ministro Francisco de Lucena, e este os mandara ao

procurador geral da coroa, Thomé Pinheiro da Veiga.

Simultaneamente, novas denuncias asseveraram a do confidente do

arcebispo, umas espontaneas, outras arrancadas pela tortura. Dois

capitães, Diogo de Brito e Belchior Corrêa de França, postos a tormento,

confessaram os nomes dos cumplices; não assim o opulento mercador Pedro

de Baeça que, desde o cavalête, em que lhe quebraram os ossos, até o

verdugo bamboar-lhe o corpo dependurado, apenas fallou para offerecer

trinta mil cruzados pela vida, mostrando até final, como bom mercador,

que a vida tambem era mercadoria.

Não podemos attribuir especialmente á delação do clerigo o malôgro da

revolta: tão obcecados de medo de Castella tremiam os conspiradores, que

não viram o carrasco em casa, nem se arrecearam da irreflectida escolha

dos cumplices. No entanto, os pormenores da revolução, que devia estalar

no dia 5 de agosto de 1641, começando pelo incendio do Paço da Ribeira e

assasinio do monarcha, deu-os o padre Luiz, taes quaes os sabia da

confidencia plenissima do arcebispo de Braga.

A 28 de julho, a mais selecta porção de conjurados foi aferrolhada em

diversos carceres; e a 28 de agosto soffreram decapitação na Praça do

Rocio o marquez de Villa Real, o duque de Caminha, o conde de Armamar, e

o escriptor D. Agostinho Manuel. Quanto aos outros padecentes, por que

eram plebeus, as agonias estiraram-se mais prolongadas, desde o serem

cavalleados pelo algoz, e d'ahi, como ignominia aos vilissimos

cadaveres, começou a estupida ferocia de os arrastarem e esquartejarem.

O amigo do padre Luiz morreu nas masmorras de S. Julião da Barra; o

bispo de Martyria acabou socegadamente no claustro de S. Vicente; o

inquisidor-geral, D. Francisco de Castro, dois annos preso, sahiu

perdoado e d'ahi a pouco reposto em todos os cargos e honras, depois de

accusar, com a promessa do perdão, as particularidades do plano

sedicioso. Este abjecto prelado, que merecera depois a estima de D. João

IV, era esbofeteado, passados annos, pelo principe D. Theodosio, que o

detestava como denunciante dos seus parceiros de infamia. (\_Nota 9.ª\_)

O padre Luiz da Silveira, dado que el-rei o recommendasse a D. Rodrigo

da Cunha, arcebispo de Lisboa, não tinha ainda, em 1642, recebido

condigno galardão, pois que n'esse tempo esbrugava apenas o escarnado

osso de thesoureiro de S. Miguel de Alfama. O arcebispo D. Rodrigo da

Cunha era homem honesto e verosimilmente despresador do fementido padre

que prégara a legitimidade dos Filippes, e denunciara os seus co-reos na

trama contra a liberdade da patria.

Retrocedamos dois annos na biographia d'este clerigo. Quando, em 1639, o

tanoeiro João Bernardes Traga-malhas resolveu aperfeiçoar a sua filha em

lettra e leitura, já quando a menina, por muito encorpada, corria perigo

em andar na mestra, indagou como cauteloso pae onde houvesse um

sacerdote ajustado ao intento.

Inculcaram-lhe padre Luiz da Silveira, a quem muitos fidalgos confiavam

a educação de suas filhas.

Quiz o Traga-malhas julgar do clerigo pela cara, e desagradou-se da

mocidade do mestre; porém, como pegassem de conversar a respeito da

soltura do genero humano, o official do ministro Vasconcellos tamanhas

lastimas gemeu sobre os peccados do mundo, que o bom João Bernardes

ponderou a sua mulher que o mestre de Maria Isabel era o que elle nunca

tinha visto em padres.

Teria vinte e oito annos, ao tempo, o capellão da marqueza de Montalvão.

Bem apessoado, limpo no trajar, polido pelo trato da melhor sociedade,

sisudo nas fallas, grave e composto com aquelle geito nobre que lhe dera

o pulpito, padre Luiz fez-se, a um tempo, respeitar e estimar da discipula.

Do adiantamento da menina, em materia de escripta, leitura e doutrina,

eram sensiveis os effeitos, e bem provada portanto a aptidão tanto do

professor como da alumna.

Maria Isabel, que até então só conhecia em leitura a \_Primavera de

Meninos\_, do Brochado, por conselho do novo mestre lia o \_Clarimundo\_,

de João de Barros, e os \_Contos do Trancoso\_; e quanto a escripta,

sahiu-se muito habilidosamente imitando os \_Exemplares de diversas

sortes de lettras\_, de Manuel Barata.

Ora os paes, quando admiravam as rapidas sabensas da filha, graças á

assiduidade do mestre, de certo não sentiam sobresaltos que lhes

agorentassem a satisfação, lembrando-lhes que houvera no mundo uma

discipula muito aproveitada, chamada Heloisa. Se na mente de padre Luiz

chammejaram memorias historicas de Pedro Abeilard, e o demonio da

imitação entrou com elle, é o que vamos deprehender do capitulo seguinte.

VI

Vimos, no capitulo IV, Domingos Leite e Roque da Cunha esquivarem-se

rapidamente á presença do marquez de Gouvêa.

Ao separar-se, o allucinado escrivão murmurou sinistramente ao seu

funesto amigo:

--Conto comtigo, Roque! Se algum de nós faltar ao que deve ao outro,

esse seja infame!

--Seja!--assentiu o sicario de Pedro Barbosa, sacudindo-lhe a mão com a

solemnidade cavalheirosa de um pacto de honra.

D'ali, de Pedroiços, onde o marquez residia, até Lisboa, Domingos Leite

não desfitou as esporas dos ilhaes do cavallo. (\_Nota 10.ª\_)

Quando apeava no pateo de sua casa, vinha Maria Izabel, ao longo d'um

corredor que conduzia ao jardim, com a menina no collo. A creancinha

festejava o pai, batendo palmas, e exuberando de alegria no riso que

tanto lhe brincava nos labios como nos olhos. Domingos fitou a mãe com

torvo olhar, e apenas de relance olhou para a filha, como se o encaral-a

de fito lhe traspassasse a alma.

--Olha a creancinha como se ri para ti!..--disse Maria Isabel entre

meiga e atemorisada, já quando o marido galgava apressadamente as escadas.

Ella, apesar do susto que lhe arfava o coração, seguiu-o até á

ante-camara. Ahi, Domingos Leite, voltando-se para a mulher, e

repulsando as caricias da menina, disse-lhe com desabrimento:

--Largue a creança, e volte, que preciso fallar-lhe!

--Que modo de me tratar!--acudiu Maria--Tu que tens, Domingos? Que

queres dizer-me? Podes fallar, que a tua filha não entende injurias, se

m'as queres dizer...

--\_A minha filha\_....--atalhou elle casquinando um froixo de riso por

entre os dentes cerrados; e logo, arrugando a testa e alteando a cabeça

com intimativa, bradou:

--Não me percebe!?

E, arrancando-lhe a filha do collo, sahiu com ella pendente dos braços,

fechando a porta da ante-camara para que a mãe a não seguisse em gritos.

A creança, apesar do repellão, olhava para o pae com a mesma

jovialidade. Domingos Leite, que parecia buscar a quem entregasse a

menina, parou de repente, aconchegou-a do peito, beijou-a, lavou-a de

lagrimas, e, soluçando no seio d'ella, queria talvez evitar que a mulher

lhe ouvisse os gemidos. Deteve-se largo espaço assim, até que uma

escrava, passando acaso, o surpresou n'aquelle lance. Como vexado da sua

fraqueza, Leite Pereira entregou a menina á negra, e, enxugando o rosto,

voltou ao quarto onde Maria Isabel estivera em rogos á Virgem, sem

todavia saber que soccorros lhe cumpria pedir.

Entrou o marido, fechou-se por dentro, travou do pulso de Maria,

empurrou-a para sobre um preguiceiro, sentou-se á beira d'ella, e disse:

--Porque treme? A innocencia não costuma assim tremer!... Porque treme?

--Pois eu vejo-te enfurecido sem saber que mal te fiz!... Sahiste de

casa tão contente commigo...

--Quantas vezes a senhora escarneceu o contentamento com que eu sahia e

entrava n'esta casa? Tinha alegria ou remorso de me enganar com

juramentos sacrilegos, invocando o testemunho de Deus sobre a innocencia

da sua vida de solteira?... Que responde?

--Voltas ás tuas suspeitas antigas...--balbuciou Maria Isabel, menos

affoita do que tinha luctado n'aquella primeira noite.

--Não me irrite com referencias estupidas ás suspeitas

antigas!--redarguiu o marido enfreando as arremettidas da raiva--Diga-me

cá, barregan de clerigo, diga-me que conceito formou de mim, quando,

depois de eu ter sahido d'aquella alcôva na primeira noite de meu

deshonrado consorcio com uma manceba de padre Luiz da Silveira, voltei,

passadas poucas horas, e me ajoelhei a seus pés, pedindo-lhe me

perdoasse a injuria que fizera á sua puresa de menina solteira?

Maria Isabel soluçava uns gemidos que a estrangulavam. Elle arrancou-lhe

as mãos do rosto, e bradou-lhe:

--Olhe para mim! Nada de momos! Responda: que juizo fez de mim n'este

espaço de tres annos em que a tenho tratado com os extremos de noivo no

primeiro dia da sua felicidade? Imaginou que eu fosse um vil, que se

habituou á deshonra, a troco de vinte mil cruzados da sua infame mulher?

Responda, que o seu silencio obriga-me a arrancar-lhe do coração a

resposta!

--Não...

--Não... o quê?..

--Eu nunca te suppuz vil...

--Suppoz-me então enganado?...

--Enganado... não...

--Então, vil... uma das duas coisas... Em que ficamos: vil, conformado

com a deshonra, ou enganado, isto é, persuadido de que tinha casado com

uma mulher honesta?

--Meu Deus!--exclamou ella afflictissima--Matae-me, Senhor!--e punha os

olhos sinceramente supplicantes na imagem de Jesus.

--Pois que suppunha?--insistiu Domingos Leite--Cuidou que a sua devassa

mocidade seria segredo entre Deus e o padre? Nunca lhe gelaram terrores

a alma, prevendo que um acaso viria explicar a rasão que eu tive para a

injuriar poucas horas depois que lhe dei o meu nome honrado e a minha

vida sem mancha? A senhora deve ter tido remorsos de mentir tão

torpemente a um homem que tinha direito a encontrar esposa honrada! Bem

sabia que eu não era marido que se vendesse, e trocasse a ignominia da

pobresa pela ignominia de uma manceba de clerigo com alguns mil

cruzados. Quem a privou de me dizer, quando fallou a só commigo; que na

sua vida havia desaires que a prohibiam de amar um homem de bem?

Recorde-se... Não lhe disse eu que, apesar de lhe querer com toda a alma

d'um primeiro amor, como não acreditava na efficacia dos meus meritos,

reflectisse antes de me acceitar como marido, e não viesse para os meus

braços com o mais pequeno affecto sacrificado á vontade de seus paes?

Maria Isabel prostrou-se aos pés do marido, exclamando:

--Foi verdade...

--Foi verdade!... e a senhora mentiu-me, cobriu-me de lama, fez-me o

successor indissoluvel do padre!.. E que sou eu então diante de si e

diante do mundo? A irrisão dos meus inimigos, e a compaixão aviltadora

dos meus amigos!...

E, levantando-se de golpe, sacudiu phreneticamente a mulher, que lhe

abraçava os joelhos, e, dados alguns passos, parou em frente d'ella,

cruzou os braços, e rouquejou convulsamente:

--Ó miseravel! pôde assim, formosa e rica, aos quatorze ou quinze annos,

resvalar á voragem das loureiras secretas por entre os braços d'um

padre! Amou-o? diga, mulher impudica, amou-o?

--Pelas chagas de Jesus Christo!--volveu ella, ajoelhando-se-lhe

novamente--Eu sei que vou morrer... Se me tu não matares, heide eu

matar-me!. Ai! minha querida filha!... Ó Domingos, não desampares

aquella creancinha que é tua filha!...

--Matar-se!--replicou sarcasticamente--As mulheres na sua condição não

se matam, porque... estão mortas... Quem teve a coragem de se deshonrar

perdeu a força moral que dá a rehabilitação...

--Eu era uma innocente...--soluçou Maria Isabel--Não sabia o que era

deshonra... Passára a minha infancia entre meus paes. Minha mãe era tão

virtuosa que nem me precaveu contra a maldade do mundo...

E, como os arrancos lhe embargassem a voz, o marido, que parecia

ferozmente interessado na confidencia, disse:

--Continue... Vae-me contar por miudos a historia da sua... queda... Conte.

--Oh!.. pelo divino amor de Deus!--clamou ella--que queres saber d'esta

desgraçada?... Eu só soube que estava perdida, quando te amei, porque

então senti que era indigna do teu amor!..

--E não obstante... diga o mais... Conhecendo-se indigna, fez-me descer

na rampa da infamia para me nivelar com a senhora!..

--Pois bem!--bradou ella com vehemente resolução--Esmague-me, que eu sou

punida, e o senhor vingado!

--Heide reflectir...--retrocou Domingos Leite serenamente--Nem todas as

mulheres são dignas de morrerem ás mãos de homens honrados. Entretanto,

dê-me o infernal praser de lhe ouvir contar a historia dos seus

primeiros amores.

E, dizendo, sentou-se, indicando-lhe com um tregeito de cabeça que se

assentasse a seu lado. Ella hesitou; mas um arremêsso de impaciencia, e

duas fortes punhadas que elle deu no espaldar do preguiceiro, incutiram

no animo de Maria Isabel a suspeita de não sahir com vida de tamanha

angustia.

Sentou-se ella, a tremer, com as mãos cruzadas sobre o peito e os olhos

piedosos fitos no perfil do marido.

--Conte lá,--disse elle com os cotovellos apoiados nas pernas, a face

entre as mãos, e os olhos postos no pavimento--conte desde o principio

essa historia... Como foi que o padre lhe fez saber que a desejava, e

como foi que a menina de quinze annos acceitou as doutrinas do mestre.

O dialogo seguido a esta intimação demorou-se meia hora, que devia

figurar-se um dia de tormentos a Maria Isabel: tão dilacerantes cortavam

as perguntas no pudor d'aquella mulher.

Porém, finalmente, no rosto de Domingos Leite Pereira já vislumbravam

sentimentos de compaixão, porque os do rancor tinham posto a pontaria em

outro alvo.

As ultimas palavras d'elle, proferidas com gravidade, mas sem tom de

ira, foram estas:

--D'hora em diante eu continuo a ser seu marido perante o mundo; mas

diante da senhora sou um estranho. Emquanto a mãe de minha filha assim

quizer viver commigo, essa creança, que eu adoro, será sua tambem; mas,

se este viver lhe não quadrar, eu sahirei com minha filha; e farei que

ella nunca saiba quem foi sua mãe. Esta sentença não condemna o delicto

da sua impuresa; condemna o enorme crime de me ter acceitado como

marido. Concorda na minha proposta?

--Sim... concordo... Eu viverei como tua criada, se assim o quizeres;

mas não me tires a minha filha.

--Retire esse tratamento do \_tu\_--voltou o marido com sobrecenho.--Nem

uma palavra, nem um gesto que indique a maior ou menor alliança de duas

almas que se estimaram, ou tredamente se dissimularam... Esta casa é

bastante grande. Podem viver n'ella duas pessoas sem se encontrarem. A

senhora é rica: administre o que tem: eu não tenho nada que vêr com os

seus bens de fortuna. Ficamos entendidos. Qualquer infracção d'este

pacto, estalará em tempestade sem bonança.

VII

Aquelle mercieiro, primo do mestre de Maria Isabel, attribulado agora

pelas revelações que fizera a Roque da Cunha, avisou padre Luiz da

Silveira, encarecendo os martyrios que lhe arrancaram o segredo.

O thesoureiro de S. Miguel de Alfama ponderou o melindre da situação, e

maldisse a embriaguez que o levou á imprudencia de se gabar d'um delicto

que elle julgava já esquecido e delido como o bôlo avinhado de que lhe

espumara aos beiços a jactancia de ter sido amado da esbelta Maria

Isabel Traga-malhas.

Trazia elle, ao tempo, requerimento bem protegido no paço, pedindo um

beneficio na sé de Silves. O aviso do parente esporeou-lhe a diligencia

na obtenção da prebenda; para o que, logo na mesma hora, se foi

pessoalmente á côrte da Ribeira, e logrou alcançar do secretario de

estado a promessa do despacho n'um dos seguintes dias.

No entretanto cuidou o padre de enfardelar o mais precioso dos seus

haveres, sendo o sobre todos estimadissimo fardel, uma rapariga de bons

quilates de bellesa, não sabemos se tambem discipula d'elle, se creatura

já amestrada em amores, quando o cauto clerigo a installou na freguezia

de S. Mamede, no \_Bêco dos Namorados\_,--nome gracioso que desdizia da

immundicie d'aquella escura alfurja, apenas palmilhada a horas mortas,

por um só namorado, que era padre Luiz. Este béco abria por uma das

extremidades no \_Terreirinho do Ximenes\_, local azado para amantes

clandestinos, visto que raro viandante por ali transitava depois das

Ave-Marias.

Para afugentar o terror que o primo lhe incutira, pintando-lhe Roque da

Cunha caudilho de uma horda de quadrilheiros facinorosos, padre Luiz

fiava-se na convicção de que ninguem lhe suspeitava a lura, nem por

aquelles sitios desfrequentados lhe faria espera. Ainda assim, como o

seu mêdo era mais de clerigo do que de homem, e o escandalo o assustasse

mais do que a lucta, cingiu um correão de pistolas, envolveu-se na capa

longa de arruador nocturno, derrubou a aba do sombreiro aragonez, e, á

hora do costume, sahiu com o intento de conduzir para casa do primo

tendeiro a moça inquilina do \_Bêco dos Namorados\_.

Meia hora antes de elle entrar no \_Terreirinho do Ximenes\_,

precederam-no n'aquella paragem, desembocando das \_Pedras Negras\_[2]

dois vultos, que pareciam, no moverem-se umas sombras; e

sendo dois homens, tão subtilmente deslisavam que difficil fôra estremar

qual d'elles projectasse a sombra do outro.

--Hade passar aqui ou entrar pelo outro lado--disse Roque da Cunha a

Domingos Leite--A tua paragem é esta; a minha é a outra. Dou-te o ponto

mais arriscado, visto que m'o não cedes. Olha que o padre tem figados,

torno a dizer-t'o... Até logo.

Domingos Leite retrahiu-se para o escuro de um arco sotoposto ao

collegio jesuitico de S. Patricio, e acantoou-se no angulo mais

comvisinho da passagem. O quarto de hora, que seguiu esta emboscada

traiçoeira, arrastou-se vagaroso e dilacerante por sobre a alma ainda

immaculada d'aquelle homem, que se via precipitado a um tal feito; que

nem a vaidade nem o pundonor justificavam bastantemente a matar um homem

desconhecido, que não o ultrajara, que era innocente nas suas angustias

de marido e amante vilipendiado. Era atroz. Mas esse homem, ébrio ou

infame, proferira com fatuidade o nome de Maria Isabel, conspurcando-lhe

a fama, e assoalhando a deshonra do marido ao sêvo dos seus muitos

inimigos, invejosos do patrimonio da esposa ou do rendoso officio com

que el-rei lhe premiára intelligentes serviços. O orgulho afinal

amordaçara o instincto da justiça; ainda assim, a batalha travada na

consciencia de Domingos Leite era despedaçadora. A espaços, mettia-lhe

horror na fantasia o pensar que rasgaria a punhaladas o peito do homem,

cujo nome havia de ouvir dos labios d'elle mesmo; porém, se lhe

negrejava no espirito a horrivel irrisão de encontrar-se rosto a rosto

com o seductor da donzella, que se deixára poluir como um anjo de

alabastro se deixaria inconscientemente despedaçar ás mãos de um ébrio

furioso, então o pulso latejava-lhe iracundo no cabo do punhal, e o

ouvido escutava com avidez o rumor de passos que lhe figurava a

aproximação da victima.

N'este conflicto, ouviu o estampido d'um tiro, a curta distancia, e um

grito agudo de voz de mulher. A detonação e o brado soaram do lado do

\_Bêco dos Namorados\_. Promptamente reflectiu Domingos Leite que Roque da

Cunha se encontrára com o padre; e, por saber que a arma do seu

confidente era o punhal, inferiu que o outro desfechára com elle. Isto

colligia correndo ao longo do bêco, de faca arrancada, e os olhos

cravados no reluctar de dois corpos, sobre os quaes, a revezes,

resvalava o frouxo clarão da lampada de um nicho.

Ao avisinhar-se dos dois vultos, entreviu o relampejo da lamina d'aço

contra um corpo já cambaleante, e ouviu o rouquejar de moribundo, que

pedia misericordia, ao mesmo tempo que de uma adufa de casa proxima

estrugiam gritos \_á-d'el-rei\_.

A supplica de misericordia, que padre Luiz da Silveira vociferára,

foi-lhe cortada pelo decimo golpe que Roque lhe vibrou ao peito; e

quando Domingos Leite se abeirou do amigo, que alimpava o rosto banhado

de sangue, já o mestre de Maria Isabel jazia morto.

--O ladrão crivou-me a cara de zagalotes!--murmurou Roque da Cunha--Olha

do que eu te livrei, rapaz!... Vê lá se o diabo tuge, e toca a safar,

que a barregan não se cala...

Domingos Leite olhou de revez para o cadaver que cahira de bruços,

esforçou-se para ir examinar-lhe a respiração; mas as pernas tremiam-lhe.

--Não vais?!--disse Roque, embebendo na capa o sangue que lhe gotejava

da face direita--Tu és covarde ou sandeu, homem?

--Podemos ir que elle está morto...--respondeu tiritando Domingos Leite.

--Podemos ir que elle está morto?--replicou sorrindo--Cá te avirás com o

padre, se ressuscitar--volveu Roque, e sahiu pelo outro lado, descendo a

calçada de S. Chrispim; e, atravessando o Beco do Bogio, baixaram até ás

Portas do Ferro, onde morava o matador do padre.

Examinada a ferida, Domingos Leite decidiu, com a competencia de experto

boticario, que o pelouro resvalára na maçan do rosto, sem ferir osso nem

cortar veia importante.

O ferido, restaurando o sangue esgotado com uma botelha de vinho

hespanhol, contou modestamente que o padre vinha entrando ao \_Beco dos

Namorados\_, quando elle, ouvindo passos, se cozêra com a sombra de um

cunhal, afim de o reconhecer, ao tempo que a lumieira do nicho lhe desse

na figura; porém, ajunctou elle:

--O homem, a trez passos de mim, desembuçou-se, arremetteu commigo,

poz-me a pistola tão perto da cára, perguntando-me quem eu era, que, a

fallar-te verdade, se eu não tivesse alguma experiencia d'este mundo e a

certeza de que ninguem morre duas vezes, talvez dissesse ao padre que

fosse em paz e não contendesse com quem estava manso e quieto. Mas hasde

tu saber, amigo do coração, que eu, quando tenho medo, mato mais

depressa. Um gato brinca com a ratazana que a final estripa; mas, se é

cão o inimigo, o gato crava-lhe as unhas logo nos gorgomilos, e não

brinca. Deu-se com o perro do clerigo o mesmo cazo. Perguntou-me quem

era, de pistola abocada. Respondi-lhe com as punhaladas, que o escrivão

do corregedor ámanhã dirá quantas foram. Atirou-me á cabeça ainda antes

que eu lhe tocasse. Folgo de ter luctado com um homem. Se eu tivesse

matado um poltrão, isso havia de me custar remorsos, palavra de Roque da

Cunha! Estás ahi a contemplar-me com uma cara de môço de côro da real

capella, homem! Parece que o mestre de tua mulher, se até ha pouco te

andava ás cavalleiras da honra, te peza agora ás cavalleiras da

consciencia! Vamos a saber: estás contente commigo, ou querias que eu,

em vez de matar o padre, lhe pedisse que me contasse historias do seu

systema de ensinar raparigas?

--Sei que me não queres inxovalhar com esses remoques...--acudiu

gravemente Domingos Leite Pereira--Eu sou um homem triste como todos os

desgraçados, Roque!.. Se vês em meu rosto o terror, é porque a minha

felicidade morreu primeiro que esse homem... que devia morrer. O meu

desejo seria tel-o morto, para me apresentar á justiça, e dizer: «fui eu

quem o matou; matem-me, que me dispensam d'um martyrio sem fim!..» E, se

acontecer que a justiça te culpe, irei eu denunciar-me como matador.

Agora, meu amigo, pelo que cumpre á minha obrigação para comtigo, sou a

dizer-te que disponhas de tudo que eu valho, e da minha vida, que pouco

vale.

--Tudo que tenho a pedir-te cifra-se em pouco--respondeu Roque da

Cunha--Ámanhã fallas com o corregedor do bairro, e lhe dirás que estou

doente: bem vês que não devo apparecer com o carão esfarrapado. Depois,

trarás o betume com que se fecham estas gretas, e cuidarás de mim,

mandando-me da estalagem do hespanhol do \_Largo do Forno\_ umas empadas

de gallinha, e do armazem dos \_Sete Cotovêlos\_ algumas botijas do de

Torres Novas. Feito isto estão saldadas as nossas contas; e, quando

souberes que tua mulher t'as não dá direitas, abriremos novo saldo.

Uma hora depois, Roque da Cunha, affeito a dormir em conjuncturas

analogas, admirava-se de não ter ainda adormecido: e Domingos Leite

Pereira, entrando em sua caza com todas as precauções para não ser

ouvido, fechou-se no seu quarto, abriu a janella para sentir na fronte

esbrazeada o frio da noute, vagou a vista errante pelo ceu estrellado;

e, chorando como nunca chorára, disse entre si:

--Porque sahi eu da tua sombra, meu pobre pai, que a estas horas dormes

serenamente no regaço da honra!... Bem me dizias tu, minha sancta mãe,

que eu fazia mal em deixar a caza, onde nunca chorara alguem até á hora

da minha partida... para este inferno em que estou penando!

Ao arraiar da manhã, Domingos Leite ouviu, no corredor contiguo ao

quarto, a voz da filha, que, por costume, se erguia de madrugada e ia

deitar-se com o pai. Foi abrir a porta, tomou-a do collo da ama,

agazalhou-a no peito, porque a menina tremia de frio, aqueceu-lhe o

rosto com o respirar febril e cortado de soluços, e longo tempo anceou

n'aquella tortura misturada com o desafogo aprasivel das lagrimas.

VIII

O assassinio do padre Luiz da Silveira foi explicado por varios modos,

tanto que o cadaver appareceu, no \_Bêco dos Namorados\_, com dez

punhaladas no peito.

Disse-se que os seus antigos consocios de infidelidade á patria, e

contubernaes em patifarias, receiosos que elle lhes delatasse os

delictos, visto que medrava na estimação dos ministros de D. João IV, o

matariam para se desfazerem de um delator perigoso. Diziam outros, mais

plausivelmente, que o padre acabára ás mãos dos vingadores do arcebispo

Sebastião de Mattos e seus cumplices, levados ao patibulo pela delação

do seu ignobil confidente. Outros finalmente accusavam sem rancor, antes

com approvação, um tal licenciado Ruy Pires da Veiga, irmão da manceba

do clerigo, desde que a viram abraçada ao morto, e reconheceram n'ella a

menina que, dous annos antes, desapparecera de casa de sua familia

honesta e abastada.

Instaurou-se a devassa.

O primeiro que mui secretamente se apresentou a fazer revelações na

corregedoria foi aquelle mercieiro, primo do clerigo morto. O testemunho

deste sujeito, forçado a confessar a Roque da Cunha o que ouvira

respeito á esposa do escrivão do civel da corte, illucidava cabalmente a

morte do padre Luiz.

No entanto, o escrivão do civel da corte continuava a exercer o seu

officio, Roque da Cunha tambem, e ambos desassombradamente fruiam os

seus direitos de cidadãos bem procedidos. Não succedeu o mesmo com Ruy

Pires da Veiga, que se homisiou, quer envergonhado de ser o irmão da

mulher teúda e manteúda do clerigo, quer receoso de que o prendessem por

suspeito do homicidio.

Sabia-se, porém, e com grande espanto, que o rei mandára suspender a

devassa. Os politicos inferiram d'ahi que na morte do antigo official de

Miguel de Vasconcellos, e secretario particular do arcebispo de Braga,

havia segredo de estado cujo rastro era perigoso farejar.

Volvido um anno sobre a morte do thesoureiro de S. Miguel de Alfama, Ruy

Pires da Veiga, indigitado homicida pela maioria das opinioens, sabendo

que sua irmã era já falecida de paixão em rigorosa clausura, appareceu

na côrte a defender-se da calumnia. A voz publica, espicaçada por este

novo estimulo, deu vida ao esquecido assumpto, concorrendo bastante o

mercieiro com as suas revelações feitas em segredo, mas, a poucas

voltas, divulgadas por toda a cidade.

Estes murmurios chegaram aos ouvidos de D. João IV, que de sobra sabia

quem era o assassino directo ou indirecto do clerigo.

O rei estimava Domingos Leite Pereira, já pelos corajosos serviços que

lhe prestára nos passos anteriores á sua acclamação, principalmente nos

tumultos de Evora e recovagem de recados a Madrid e a Villa Viçosa, já

pelos creditos em que o trazia abonado o seu ministro e mordomo-mór

marquez de Gouvêa. E, posto que el-rei timbrasse na rigorosa execução

das leis, suspendendo agora a devassa, parecia indultar Domingos Leite

por que o delicto do padre, seductor da discipula, lhe era odioso; e a

circumstancia da delação dos conjurados, feita por um seu confidente,

não melhorava em seu particular conceito a condição perversa do traidor.

Perguntara o rei ao marquez de Gouvêa, quando se viu forçado a dar

satisfação aos boatos que manchavam a justiça dos seus executores, o que

sabia de Domingos Leite Pereira e de sua mulher. O marquez respondeu que

o seu secretario, desde a morte do padre, nunca mais abrira um sorriso,

nem dera azo a que se lhe perguntasse coisa relativa ao seu viver

domestico:

--Mas vivem com apparencia de bem casados...--observou maliciosamente

o rei.

--Um viver mais horrivel que a separação com escandalo publico, real

senhor!--disse o marquez.--Ha um anno sei eu que nunca mais se fallaram

nem viram de portas a dentro. Tem Domingos Leite uma filha que adora.

Uma vez unica me fallou da sua desgraça, bem que me não desse novidade;

porque eu, antes que elle a conhecesse, já a sabia das atoardas

publicas, auctorisadas pelas gabações do clerigo. Então, n'essa vez

unica em que Leite Pereira desafogou commigo, lhe ouvi dizer que pensava

em sahir da corte, e recolher-se a Guimarães ao amparo de seu pai; mas

que o não faria sem levar comsigo a filha; receava, porém, que a mulher,

irritada por se lhe tirar a filha, desse occasião a divulgar-se um

opprobrio nocivo á creança que elle queria defender da deshonra da mãe.

Fiz quanto pude em despersuadil-o de tal proposito, incutindo-lhe

sentimentos generosos de perdão á esposa por amor da filha. Este

argumento não o convenceu, antes parecia exasperal-o; pois que, a seu

ver, era indigna de misericordia tal mulher que, depois de o ter

enganado quanto ao seu passado, e tendo a certeza que a morte do padre

ninguem melhor do que ella poderia explical-a, em vez de viver

amargurada do despreso do marido, ousava estadear-se nas igrejas e nas

ruas com ar de senhora honesta, ou antes de mulher despejada que

despreza os malsins da sua reputação, fazendo gala da sua formosura e

riqueza...

--Tenho ouvido dizer que é muito formosa...--atalhou o rei.

--Não ha em Lisboa quem lhe dispute a primasia. Nunca Vossa Magestade

viu mais galante mulher, sendo a côrte da rainha, minha senhora, a mais

selecta de bellas damas!

--E o seu procedimento?

--Apparentemente bom--respondeu o mordomo-mór sorrindo--Digo

apparentemente, porque não sei quantos astutos velhacos deixou em Lisboa

o padre Luiz, nem Vossa Magestade crê que tão sómente os mestres de

meninas tem a fortuna de armar em segredo as suas aboizes a estas

avezinhas innocentes; e, depois que as avesinhas uma vez deixaram pennas

das azas na esparrela, hade ser difficil fazel-as entralhar sem que

ellas se guardem de perder a plumagem.

--Assim parece--assentiu o rei--Seja como for, Domingos Leite andaria

melhor avisado se sahisse da côrte logo que vingou no padre a aleivosia

da mulher, se aleivosia houve. Mandei suspender a devassa, quando eram

já declarados os criminosos. Não consenti que se prendessem porque

bastante causa dera o padre a ser castigado; e, alem disso, ás cegueiras

do coração e do brio é mister conceder o que não concedemos aos

matadores que matam de animo frio. É tambem culpado na morte do padre,

como o marquez deve saber, um Roque da Cunha, que se tem salvo á sombra

de Domingos Leite, e de alguns serviços que me fez. Sei que máo homem é,

desde que ha seis annos me denunciou Mathias de Albuquerque por motivos

de odio pessoal. Mas este e outros eguaes membros gangrenados não os

posso amputar cerces, em quanto preciso me for espiar uns infames com

outros infames. Se nos não valermos de quem os conhece de intimidade,

não teremos quem nos ponha de sobreaviso. Já o marquez sabe a razão

porque Roque da Cunha está logrando a impunidade de Domingos Leite.

Porém, desde que Ruy Pires da Veiga voltou do seu voluntario desterro e

passeia em Lisboa desmentindo e affrontando o boato, que lhe assacava a

morte do padre, a devassa tem de proseguir, e os reos, muito a pezar

meu, hão de ser presos, se estiverem no reino. Por tanto diga o marquez

ao seu secretario que se retire sem demora de Portugal; e o homem, que o

serviu na sua vingança, que se retire tambem, se Domingos Leite deseja

salvar o cumplice. O julgamento de Domingos Leite correrá os seus

tramites, e faremos que a sentença o não prive para sempre da patria.

O marquez de Gouvêa, bem que profundamente magoado, não ousou pedir ao

rei que a devassa permanecesse suspensa. D. João IV esfriava a coragem

dos poucos que privavam da sua confiança, quando dava ordens com tão

carregado e resoluto semblante, quanto, antes de acclamado, era com

todos os fidalgos ameno de tracto e docil aos votos alheios.

Bem quizera o amigo e protector de Domingos Leite rogar ao menos a

delonga da partida, e n'esse intuito começou perguntando ao monarcha se

era forçosa a sahida do seu secretario ainda n'aquelle mez de fevereiro,

que ia em começo.

O rei respondeu:

--É ámanhã que deve sahir; porque depois de ámanhã fecha-se a devassa,

infalivelmente.

O mordomo-mór beijou a mão do rei, e sentiu no animo recondita aversão

ao soberano aprumo de D. João de Bragança. Latejou-lhe talvez nas

arterias o sangue castelhano de seu pai, conde de Portalegre, tronco

d'aquella alta vergontea que cahiu com a corôa ducal de Aveiro sob a

lamina do algoz em 1759.

Sahiu triste o ministro a encontrar-se com o secretario, em seu

gabinete. Referiu-lhe o que se passára com el-rei, deplorando a

fatalidade que o privava temporariamente de tão bom como infeliz amigo.

Domingos Leite ouviu a nova, com exterior de mediano sobresalto.

--Agradeço a sua magestade--disse elle--a permissão de levar commigo o

homem que associei ao meu funesto desaggravo. V. Ex.ª sabe que eu me

furto ás penas da justiça mais para salvar Roque da Cunha. Nada monta

para mim a vida, se sou obrigado a desterrar-me, e deixar a minha

filha--unico amor que me ficou ao de cima d'este abysmo em que me vejo

precipitado com tantas quimeras brilhantes que me enganaram. Todo me

sinto perdido, e morto, peor que morto, se heide no exilio agonisar de

saudades d'aquella creancinha...

--Eu olharei por ella--consolou o marquez--Se não vier tão depressa

quanto eu desejo, sr. Leite, creia que heide conseguir mandar-lhe sua

filha, logo que ella esteja creada.

--Não mande, sr. marquez...--acudiu Domingos Leite.

--Que não mande?! Porque não?..

--Porque eu não sei se terei lá fora de Portugal um pão que repartir com

minha filha...

--Pois vm.ce não é rico?

--Eu tinha bom officio, e os grandes salarios que v. ex.ª me dava.

N'este momento deixei de ser o escrivão do civel da côrte e o secretario

do mordomo-mór. Sou um assassino sem patria. Verdade é que meu pae, o

cuteleiro de Guimarães, apesar de eu lhe pedir que sahisse da forja e

descansasse, com os seus haveres e os meus, o restante da velhice, ainda

trabalha: mas eu não sei se elle enviará a um filho apregoado assassino

o que adquiriu com o trabalho honrado que eu desprezei, apezar das suas

supplicas...

--Mas...--atalhou o marquez--O sr. Leite, desde que casou, tem parte no

grande patrimonio de...

--De Maria Isabel?--acudiu com vehemente repugnancia o

secretario--D'essa mulher não tenho senão a parte que me cabe do seu

desdouro. E quando eu pensava que a minha honra havia de sahir depurada

d'este fogo que me devora desde a noite em que vi o cadaver do padre,

afinal de contas, sou o mesmo desgraçado que era, e ajunto á desgraça de

perder uma mulher que adorava, tres grandes infortunios: não terei de

hora ávante patria, nem filha, nem meios de que viver com honrada

independencia. Dos bens de Maria Isabel não levarei um ceitil, sr.

marquez. Aqui mesmo, se v. ex.ª me permitte, escreverei a meu pae, a fim

de o preparar para o golpe. Não posso mentir-lhe. Eu não matei; mas

mataria com certeza, se estivesse no posto de Roque da Cunha. É forçoso

que eu diga a meu pae que tenho um grande crime; mas que em minha

consciencia não perdi o direito de lhe supplicar a esmola que os

encarcerados imploram pelas grades das masmorras aos que vão passando.

O marquez enxugava as lagrimas, emquanto Domingos Leite Pereira

escrevia, parando a cada palavra a penna, á espera que as palpebras

embebessem o jorro das lagrimas. Ao dobrar a carta, murmurava o

extremoso pai:

--Não vou despedir-me de minha querida filhinha... Isso é que eu não

posso, meu Deus!.. Sei que não posso... Quando eu tiver partido, mande-a

v. ex.ª buscar e falle-lhe de mim... Pede-lh'o esta alma que se me parte

de angústia, sr. marquez! Eu queria que ella me não esquecesse; e, a não

ser v. ex.ª, quem lhe fallará de seu pai!..

--Vá com a certesa de que heide mandar buscar a sua filha muitas vezes,

e não desanime de voltar a Portugal, sr. Leite. Eu quero ainda vêl-o

hoje á noite. Vá dar os passos que tem a dar, e volte a despedir-se do

seu velho e inutil amigo.

Debalde o esperou.

IX

Elle disse que não teria animo de se despedir da filha. Animo de partir

sem vêl-a é que elle não teve.

Sahindo do palacio do marquez seguiu o trilho de sua casa. A cada rua e

travessa, por onde podia desviar-se, parava, guinando os olhos tôrvos e

cheios de lagrimas, entre os dous caminhos. Em uma d'essas paragens de

dolorosa perplexidade avistou Roque da Cunha, que marchava de cara alta,

mão na ilharga, consciencia tranquilla no aspecto ridente.

Esperou-o Domingos Leite, e disse-lhe offegante:

--Ámanhã sahiremos de Lisboa e passaremos a raia. Prepara-te.

--Então que ha?

--Uma ordem de prisão é o que vae haver contra nós. Fecha-se ámanhã a

devassa.

--E para onde vamos? já resolveste?

--Para Hespanha.

--Está claro. O meu dinheiro são oitenta cruzados; mas tu vaes assombrar

Madrid com o cofre do Traga-malhas, que Deus tem na gloria dos tanoeiros.

--Eu tenho de meu ainda menos do que tu--respondeu Domingos Leite com

severidade--Escrevi a meu pae pedindo-lhe alimentos; se elle m'os não

der, veremos em que trabalho a Providencia m'os depára.

--A Providencia, amigo Leite,--replicou o folião--não tem n'este mundo

secretario das mercês conhecido, a não ser o padre santo. Este anda ás

avessas com portuguezes, e não me parece que deva ser assaz amigo de

quem lhe bate seriamente nos padres. Leva dinheiro, homem; que um

portuguez pobre em Madrid vale menos que um judeu rico em Lisboa. Mas

não esmoreças se fizeste voto de ir por Castella dentro com esclavina e

bordão de peregrino. Lá está em Madrid minha mãe. Se ella me reconhecer

e não tiver pejo de me haver gerado, não nos hade faltar boa meza em

casa de meu padrasto o desembargador do Paço Francisco Leitão...

--Não percamos tempo--interrompeu Domingos Leite, aborrecido do tom

jovial do interlocutor--Á noite, serei em tua casa, e de manhã partiremos.

--Olha lá, Domingos Leite,--volveu Roque, cingindo-lhe o braço pelas

espaduas--conselho de amigo que anda cá n'este vale de lama ha quarenta

e oito annos...

--Que é?

--Não deixes a mãe de tua filha á matroca, com lastro de vinte mil

cruzados na falua, e vinte e dois annos de edade, e com mais tentações

no rosto que todas as moiras juntas em noite de S. João. Convento com

ella, ouviste?

Domingos Leite encarou torvamente Roque, e respondeu-lhe, passados dois

segundos:

--Que me importa isso a mim? Sabes que, ha um anno, vivo ao lado da mãe

de minha filha, como se entre nós se mettesse a pedra que separa duas

sepulturas. Nunca pensei em lhe dar maior castigo que o do meu despreso.

O enclausural-a dentro dos ferros do mosteiro não a lavava da mancha

indelevel de donzella que foi as delicias d'um padre. Eu sentia por ella

alguma coisa mais implacavel que o odio: era o nôjo. Que me faz a mim já

agora que essa mulher cave com as proprias mãos mais um palmo no seu

abysmo de lôdo?

--Palavrorio!--replicou o quadrilheiro--Se tua mulher te não fosse leal,

enforcaval-a como o alcaide de Belmonte fez á mulher por causa de outro

clerigo da casta do padre Luiz da Silveira. (\_Nota 11.ª\_) Contava-me o

caso minha avó, que era do tempo em que se enforcavam as fidalgas

adulteras.

--Acabemos esta semsaboria...--cortou Domingos Leite com trejeitos

desabridos--Cuida de ti, e não entrevenhas nas coisas alheias da tua

alçada...

--Intervim de mais...--murmurou Roque estomagado do repellão--Cá vou

tratar de mim, amigo Leite... Sempre será bom que me não ponham a prumo

no logar onde eu puz o padre de bruços, por intervir de mais nas coisas

alheias da minha alçada. Até á noite.

Ao separarem-se assim irritados, Leite Pereira, pezaroso da sua

impertinencia, ainda se voltou para chamar o amigo e dar-lhe satisfação

das palavras rudes; mas Roque da Cunha estugára o passo, como quem ia

mais preoccupado da devassa que da offensa.

Este incidente carregou mais a treva d'aquella alma. Zoavam-lhe

estridores metalicos na cabeça, e confragia-se-lhe a fronte crivada de

dores como se esgarçassem por ella os espinhos mordentes de uma corôa. A

revezes, parava, porque o respirar lhe dava afflições, ou o pavimento se

lhe figurava um despenhadeiro. Quando chegou a sua casa, á Porta do

Salvador, sentou-se no escabello do pateo, e arquejou largo espaço,

olhando para a escada, ainda indeciso se subiria a despedir-se da filha,

se encarregaria um criado de lhe levar a sua bagagem a casa de Roque da

Cunha.

N'este comenos, entrava Maria Isabel, vinda de fóra, com a creancinha

pela mão.

Estremeceu dando de rosto com o marido. Leite Pereira, ao vêl-a, ainda

se esforçou por evital-a; mas a filha corrêra contra elle, com os braços

abertos, balbuciando palavras cariciosas. O pae sentou-a sobre os

joelhos, e rompeu em alto choro, que a menina acompanhava em gritos,

affagando-lhe as faces e beijando-lh'as com ternissima anciedade.

N'isto, levantou-se de golpe, aconchegou do seio a filha, e subiu

acceleradamente as escaleiras.

Seguiu-o Maria Isabel, sinceramente consternada, dizendo-lhe palavras

maviosas; e, quando elle entrava no seu quarto e fazia menção de se

fechar por dentro, a mulher, arrostando o perigo de soffrer o embate da

meia-porta, rompeu de poz o marido, e, pondo-se de joelhos, exclamou:

--Se podes ser mais feliz com a minha morte, peço-te que me acabes de

uma vez!.. Eu já não posso com o teu despreso; tenho procurado viver por

amor desta creança; hoje creio que ella já não precisa de mim, visto que

tu a amas, e a Virgem do céo attendeu os meus rogos. Desde que me

abandonaste, não cessei de pedir a Deus que te voltasse o coração para a

nossa filha, embora eu fosse a odiada. Agora que o meu querido anjo tem

o teu amparo, peço a Deus que me tire d'este supplicio; peço-te a ti que

me dês uma morte bem rapida, de modo que eu não possa vêr na minha

agonia de morte esta menina a chorar!...

Domingos Leite, que havia sentado a filha sobre o leito, ouviu a

exclamação de Maria Isabel, fitando-a com terrivel immobilidade de

olhos. E, quando ella acabou a supplica, e parecia de mãos postas

esperar a morte, o marido, avançando para ella os dois passos

interpostos, disse-lhe com serena voz:

--Levante-se e escute-me!

Ella ergueu-se encarando-o espantada, e abeirou-se do leito em que a

menina, de pé e tremente, relançava olhares espavoridos entre o pae

e a mãe.

--Sou obrigado a desterrar-me, senhora!--disse elle pausadamente--Á

mulher, que fez da sua mocidade o opprobrio do marido, e que fez do

marido um assassino, é preciso que eu n'esta hora lhe diga que ámanhã a

justiça me pedirá contas da vida d'um homem que devia morrer, visto que

elle matára a honra da mulher de Domingos Leite. Vou homisiar-me, e não

mais voltarei a Portugal, porque vae commigo a ignominia que lá fóra me

hade espedaçar...

--Ó Domingos...--exclamou Maria Isabel--Ó filho do meu coração, leva-nos

comtigo!..

--Não me atormente com interrupções frivolas!--obstou elle mal

assombrado--Deve saber, senhora, que eu vou sahir de sua casa

extremamente desvalido, pobrissimo, com umas migalhas que hontem recebi

dos meus ordenados. Hade encontrar de portas a dentro tudo que seus paes

lhe deixaram, e o mais que eu lhe pude accrescentar com os meus

recursos. Se alguem na sua presença me alcunhar de homicida, não me

defenda; mas, se lhe disserem que eu no desterro mitigo as saudades da

patria com os haveres da mulher que a fatalidade me deu, negue, negue,

senhora, porque eu fui cinco annos seu marido, e não toquei em um

cruzado do seu patrimonio. Prouvera a Deus que esta creança tivesse a

necessaria intelligencia para me ser testemunha da minha pobre honra,

por essa parte illesa! Oxalá que depois da minha morte esta menina

podesse dizer que seu pae foi um desgraçado sem nodoa na sua probidade!..

Fez uma dilatada pausa, porque os soluços lhe cortavam as palavras,

emquanto Maria Isabel, tomando a filha nos braços, lhe ajoelhava outra vez.

--Não serve de nada essa humildade, senhora!--volveu elle com desalento

e desesperação--Levante-se; peço-lhe que se levante, se alguma pena tem

de mim. Eu necessito pedir-lhe que seja boa mãe... que ame esta creança,

que reduza a sua existencia em lhe preparar o futuro. Lembre-se que eu

lá do desterro lhe estou sempre pedindo que se sacrifique á minha filha.

Expie a sua culpa, formando-lhe o coração com as virtudes que até as

mães pessimas conhecem quando chegam a ter pezar do seu vilipendio. Faça

tudo que entender preciso para que sua filha não leve com um pouco de

ouro um grande cabedal de infamia a seu marido. Vigie-lhe os passos da

mocidade afim de que o marido, que lhe escolher, não tenha de apartar-se

d'ella com o ferrete de assassino na fronte. Não tenho mais que lhe

pedir. Agora, rogo-lhe que me deixe.

--Não, não te deixamos...--tornou a esposa--Ó Angela, ó minha querida

filha, pede com as mãos erguidas a teu pae que nos deixe acompanhal-o!

A creança ajoelhou, supplicando:

--Deixe, deixe, meu pae!..

Domingos Leite poz na mulher um olhar enfurecido, fez arremêço de

indignação, e bradou:

--Quem lhe disse, mulher, que eu lhe perdoei?! Se estava morta para mim,

como heide eu dar-lhe vida de esposa, fazel-a minha companheira do

desterro, quando a justiça me persegue porque eu lhe matei o amante?

E, ao proferir a palavra indecorosa, olhou vertiginosamente para a

filha, travou d'ella com impeto phrenetico, ergueu-a á altura dos

labios, e murmurou:

--Eu morreria de vergonha, se me tivesses comprehendido!..

E, voltando-se para Maria Isabel, que tiritava apoiada no espaldar de

uma cadeira, bradou-lhe:

--Deixa-me levar minha filha? deixa-m'a levar só a ella?..

--Meu Deus!--exclamou a mãe.

--Diga, diga!--instou elle com crescente vehemencia--Fica-lhe tudo,

riquesa, mocidade, liberdade, tudo; mas deixe-me levar Angela... Não deixa?

--Não posso, não posso!.. Mate-me, mate-me, e depois leve-a!..

--Que a mate!.. Olhe que eu não tenho sangue nas minhas mãos, mulher!..

Veja-as, que estão limpas... eu levo sobre a consciencia o peso de uma

enorme vergonha; não levo o peso de um cadaver, percebeu-me?... Pois

cuida que as entranhas que tanto amam uma filha podem ser as d'um

carniceiro? Poderia matal-a o homem que viveu anno e meio n'esta mesma

casa, sem vêr a mulher que o mundo chamava minha esposa, e que viveu

aqui, e d'aqui sahia todas as manhãs com apparencias de feliz, para que

o mundo duvidasse de que a senhora tinha sido a recatada amante de...

Soffreou de novo a palavra infamante; e, cravando os olhos nos de

Angela, parecia indeciso sobre a intelligencia da creança.

--Ó infindo tormento!--clamou Domingos Leite apertando a cabeça, e

debruçando-se prostrado sobre o leito.

N'este lance, Maria aproximou-se do marido, poz-lhe a mão no hombro, e

murmurou:

--Olha, Domingos, escuta... Leva a nossa filha.

--O quê?! bradou elle, erguendo-se.

--Leva a creança. Queres ir com teu pae, Angela?

A menina deteve-se a responder, olhando para ambos alternadamente.

--Queres ir commigo, filha?--perguntou o pae.

--E a mãe tambem vae?--disse a menina assustada e irresoluta.

--Eu vou-me embora, e nunca mais volto--tornou o pae--Não me tornas a

vêr. Queres ir com o teu pae?

--E não torno a vêr a mãe?

--Hasde vêr, menina--acudiu Maria Isabel engulindo as lagrimas--Tu

depois has de pedir ao pae que me deixe ir vêr-te, sim?.. pedes, filhinha?

Angela, sem perceber a profundesa do trance que ali se passava,

abraçou-se na mãe, chorando. Domingos Leite cruzou os braços

contemplando mãe e filha que se estreitavam num abraço convulso como o

estorcer de suprema angustia. Volvidos alguns segundos, disse com o

desanimo d'alma emfim sossobrada:

--Irei só. Tu ficas, Angela. Deus não quer que o anjo de innocencia vá

nos braços d'um pae homicida mendigar o pão de estranhos. Não deves ter

quinhão do meu castigo, pobre menina!... Agora, peço de novo á sua

compaixão... Maria Isabel... que leve sua filha, e me deixe só...

A esposa sahiu com vacilantes passos, levando a menina á força. Domingos

Leite volveu de novo a beijal-a, e impelliu-a brandamente para fóra do

quarto. Depois, correndo a lingua da chave, voltou-se para um Senhor

Crucificado, e disse mentalmente:

--Forças, meu Deus! Guardae-me os maiores tormentos para o desterro, e

dae-me alento n'este lance!

X

Quando se divulgou em Lisboa que o escrivão do civel, secretario do

mordomo-mór, desapparecera com Roque da Cunha, duas opiniões se formaram

ácêrca do successo estrondoso.

Quanto a Domingos Leite, dizia-se que, tendo o santo officio, no começo

d'aquelle anno de 1647, aferrolhado nos seus carceres alguns sujeitos

amigos do escrivão, este, receando sorte egual, se evadira. A

criminalidade dos réos presos era suspeita do \_peccado infame\_ (veja

\_Larraga\_, passim); porém, o delito que o vulgo attribuia ao marido da

Traga-malhas era de menos impudica especie: dizia-se que o fugitivo

andava gafado de herezia, e dava noticia de livros lutheranos

procedentes de Hollanda. Os propagadores do boato, querendo explicar a

fuga simultanea de Roque da Cunha, asseveraram que elle se passara a

Madrid, onde vivia sua mãe, D. Vicencia Corrêa, loureira famosa de

Lisboa, antes de ser casada com Francisco Leitão, o Guedêlha, que tinha

sido do conselho de Portugal em Madrid, de boas avenças com o usurpador,

e, como renegado incontricto, lá se ficara contraminando a restauração

do reino. (\_Nota 12.ª\_)

Poucos dias passados, avultou mais acirrante explicação da fuga, que

necessariamente ressumou do tribunal ou das testemunhas da devassa.

Affirmava-se que Domingos Leite matara o padre Luiz da Silveira,

coadjuvado pelo facinoroso meirinho Roque. A causa da morte fundavam-a

na jactancia do padre em ter corrompido quando muito moça a sua

discipula, que depois casou com Domingos Leite Pereira. Accrescentavam

os mais imaginosos que o padre lhe escrevera depois de casada, e ella

dera a carta ao marido. Sahia então um dos mais enfronhados em segredos

de palacio, e explicava que el-rei, por não affrontar a memoria do

clerigo, julgando racionavel a indignação do marido, avisara ao marquez

de Gouvêa para que este obrigasse Domingos Leite a expatriar-se. A voz

commum, afinal, era que o escrivão do civel da côrte ia caminho de Roma

a negociar sua absolvição, e que Roque da Cunha estava em Madrid,

vendendo barata a Filippe IV, por intermedio de D. Vicencia, a damnada

alma.

Pelo que respeita ao matador de Pedro Barbosa e padre Luiz da Silveira,

a opinião publica ferira certeiramente o alvo. A esposa do desembargador

do paço, bem segura da indulgencia do marido, quando Roque lhe escreveu,

noticiando a sua chegada a Madrid, não renegou o fructo de suas

entranhas, ou por escrupulos de velha temente ao diabo com quem andara

muito mana quando rapariga, ou por medo á lingua do filho, que desde os

dezoito annos se emancipara envergonhando-a com suas turbulencias e

gandaices.

A filha da celebrada Barbara, em cujo bordel, na rua dos Cabides, os

abastardados fidalgos de D. Sebastião, velavam as armas com que se

infamaram em Alcacer-Quibir, orçava então cêrca dos oitenta annos; e,

não obstante edade tão avêssa de aspirações, era ardentissima

faccionaria de Castella, e gosava-se de ser o cabresto de seu marido, o

doutor Guedêlha, em cuja casa reunia os fidalgos portuguezes que ficaram

em Hespanha, depois da acclamação do duque de Bragança, ou lá se

foragiram, depois do supplicio dos conjurados de 1641.

Roque, historiando á mãe, na presença de Diogo Soares e do Conde de

Figueiró, o motivo da sua fuga em companhia de Domingos Leite Pereira,

não allegou fraudulentamente designios politicos: acingiu-se á verdade,

calculando que seria bastante recommendação para ambos o terem

apunhalado Luiz da Silveira, muito conhecido do ex-secretario Diogo

Soares, no tempo em que a recovagem da correspondencia de Madrid com o

arcebispo D. Sebastião de Mattos era desempenhada habilmente pelo padre.

Sabia-se lá que o confidente delatara os conjurados. A nova da sua morte

mysteriosa, receberam-na os fidalgos expatriados jubilosamente, e não

menos grata lhes foi a presença dos vingadores das victimas do traidor.

Além d'isso, o desforço do marido de Maria Isabel foi encarecido como

feito de fidalgos espiritos; e tanto que, o velho Francisco Leitão, que

só sahia do seu palacio para o d'el-rei, foi pessoalmente visitar

Domingos Leite, e apresentar-lhe o habito de cavalleiro da ordem de

Christo, com que a magnanimidade de Filippe IV o agraciava pelos motivos

honrosos que o desterravam.

Quando o desembargador procurou o brioso portuguez na estalagem, estava

com o fugitivo um homem entre cincoenta e sessenta annos, vigoroso,

encorpado, vestido de baeta, e coberto de tabardo de borel.

--Pelo vestido, parece-me portuguez do Minho do nosso Portugal, este

homem:--disse Leitão a Domingos Leite.

--É meu pae; chama-se Antonio Leite; é de Guimarães, cuteleiro de

officio. Avisei-o de minha fuga, pedindo-lhe meios para subsistir em

Madrid. O meu pobre pae veio trazer-m'os, e volta para a sua forja.

--V. m.ce não precisava de pedir recursos a alguem, sabendo que estão

aqui portuguezes. E voltando-se para o cuteleiro, proseguiu:--Bom pae,

escusa de mandar dinheiro ao seu honrado filho, que nada lhe hade faltar

em Madrid.

--Mercês, meu senhor--respondeu Antonio Leite--mas, em quanto eu poder

lidar na officina, o meu Domingos, querendo Deus, hade viver do que é

seu. Só tenho este filho; e, graças ao Senhor, ainda sinto braços para a

bigorna. Oxalá que o rapaz nunca me sahisse de casa; que, a esta hora,

não andaria por terras alheias...

--\_Terras alheias!\_...--objectou o velho ministro de Filippe III.--Não é

terra alheia Hespanha; hespanhoes todos nós somos...

--Nemja eu!--acudiu o cuteleiro--nem meu filho o hade ser, sem a minha

maldição. Tanto eu como elle nascemos na rua de Infesta, em Guimarães,

onde tudo é portuguez, desde que lá nasceu e se baptisou o primeiro rei

de Portugal.

Francisco Leitão espirrou uns jactos de riso zombeteiro, e regougou por

entre os insultos do catharro caquetico:

--Estas abusoens do povo, filhas da ignorancia, ainda mal que nos trazem

divididos os filhos do mesmo tronco visigodo, e teimam em fazer nação um

retalho de Castella, que já valeu muito sobre o mar, mas que pouco monta

em terra firme. Meu honrado homem de Guimarães, dou-vos de conselho que

não façais alardo do vosso patriotismo em Madrid, agora principalmente

que tendes cá o filho, bem acolhido nos braços dos seus compatriotas,

quando os compatriotas de lá o exterminam, e o enforcariam, se o

houvessem ás mãos...

--Mas, sr. desembargador--interrompeu o vimaranense--o meu filho não tem

crime de ir á forca; á forca devia ir o outro que...

--Meu pae--atalhou Domingos Leite, obstando referencias á causa do

homicidio--o sr. desembargador não me accusa, para que meu pae me

defenda. Isso pertence á justiça, que não se hade ver embaraçada com a

minha defeza.

--Nem v. m.ce com a condemnação--accrescentou o ex-conselheiro de

Portugal em Madrid.--Se em Lisboa os desforços das almas nobres são

punidos como os crimes dos facinorosos de profissão, el-rei nosso senhor

Filippe IV galardoa Domingos Leite Pereira com o habito da ordem de

Christo, e admira-se que o duque de Bragança tão indignamente

remunerasse a intelligencia do secretario do marquez de Gouvêa, alentado

villão que se lhe vendeu pela mesma causa, que ainda se hade vender a

el-rei de Hespanha.

--O sr. marquez de Gouvêa--observou Domingos Leite--não se vendeu.

--Então deu-se de graça como quem não achou comprador?--replicou o

sarcastico Guedêlha, casquinando a sua asperrima risada.--Está v. m.ce

bem informado. D. Manrique, filho do castelhano conde de Portalegre, não

se vendeu: atraiçoou o rei que lhe deu a coroa de marquez. Mais infame,

por consequencia, que os vendidos; que estes tem a desculpa da

necessidade subornada pelo ouro; em quanto o marquez de Gouvêa se

infamou gratuitamente.

Pereira Leite submetteu a replica ao respeito devido á provecta edade do

conselheiro, e desviou a pratica incommoda, pedindo licença para não

acceitar a mercê do habito de Christo.

--Porque não?--sobreveio o desembargador.

--Porque as honras, sem a procedencia dos serviços, não lisongeam o

agraciado, nem grangeam a consideração publica. Eu, como v. s.ª sabe,

sou pobre. Está aqui meu pae de quem me soccorro, falta-me posses para

me ostentar, e contentamento para me prezar em mais do que valho.

Digne-se v. s.ª ponderar a sua magestade a minha situação qual ella é. O

meu prazer, se algum posso haver n'este mundo, é a obscuridade, a

solidão, o chorar tudo quanto perdi, e mais que tudo uma filha, que era

toda a minha vida, e brevemente me será a morte...

--Sei isso;--interrompeu Francisco Leitão--já tudo nos contou Roque da

Cunha; e minha mulher disse logo que a sua filha hade vir para a nossa

companhia; e, desde menina, hade pisar as alcatifas do paço.

--Beijo as mãos de v. s.ª e de sua illustrissima esposa--disse commovido

e grato Domingos Leite, desafogando em esperanças a saudade que lhe

apertava o coração.

--Havemos de gizar o melhor modo--prosegiu o ministro--de trazer sua

filha a Madrid, quer a mãe queira, quer não queira. V. m.ce tem um

amigo capaz de tudo que é difficil. Se Roque da Cunha tentar trazer-lhe

sua filha, vae a Portugal, e só não voltará, se os carrascos do duque de

Bragança tiverem grande faro e grande sêde de sangue. Entretanto, se me

deixa dar-lhe um conselho de amigo, de ancião, e de homem, que ha

cincoenta annos lida com o capricho dos reis, digo-lhe que acceite o

habito de Christo, e não perca azo de ajoelhar a sua magestade,

agradecendo-lh'o. Lembre-se, emfim, sr. Domingos Leite, que D. João de

Bragança, podendo rasgar a sua devassa, como rasgou tantas outras de

inimigos pessoaes que se lhe venderam, ordenou ao mordomo-mór que lhe

impozesse o desterro, como quem diz: «escolher entre o exterminio e o

patibulo!» Bom amigo! raça de Bragança pura! couce de quartão gallego em

quem o affaga, e orelha cahida ao ver o látego na mão do potreiro...

Conhecemos de ha muito quem são os Braganças: por uma linha coito

damnado, pela outra o lavrador de Veiros que não se tosquiou, desde que

o bastardo de Pedro I lhe pegou da filha para fabricar em ella uma

vergontea ducal. Ora bem... estou cansado de taramelar, meu amigo e sr.

Leite. Vou-me com Deus, e cá deixo á apreciação do seu espirito

intelligente estas phrases que, bem espremidas, hão de estillar muito

succo. Medite-as, e... seja esperto, porque o facto de ser infeliz não o

força a ser inepto. Sem mais. Escuso dizer-lhe que o deixo na obrigação

de me visitar. Minha mulher quer conhecel-o, e perguntar-lhe por certas

fidalgas das suas relações. O nosso grande amigo D. Rodrigo da Cunha ha

quatro annos que foi dar contas a Deus do logro que pregou ao povo,

fazendo cumplice das suas tramoias o braço do Senhor Crucificado. Quem

diria que um prelado de tantas lettras havia de socorrer-se de tamanhas

trêtas! E aquillo feito por um politico, derrancado pelo mimo com que

el-rei nosso senhor o tratou a elle e a toda a parentella! Emfim, adeus;

que eu, se começo a bacharellar, não despego d'aqui. Eu lhe contarei

quem são os faccionarios do duque de Bragança; e, se Deus quizer, cêdo o

convencerei de que o fidalgo mais facil de vender Portugal a Castella é

esse a que lá chamam rei. (\_Nota 18.ª\_)

Na ausencia de Francisco Leitão, o cavalleiro da ordem de Christo olhou

para a cara espantada do pae, e disse tristemente:

--Por desgraça, este inimigo de Portugal disse verdades horriveis. Eu

sei que ha torpezas reconditas nas secretarias dos ministros de D. João

IV: e, se essas são sabidas em Madrid, o edificio de 1640 hade vir a

terra, derribado pelos mesmos que o levantaram. Ainda assim Deus sabe

que eu desejo morrer debaixo das suas ruinas. Prouvera ao ceo que eu não

estivesse em Madrid no dia em que a nossa querida terra hade ser juncada

de cadaveres do povo; do povo sómente; que os fidalgos esses hão de ter

novas cedulas em aberto como no tempo...

--Em que teu avô morreu na hoste do sr. D. Antonio--atalhou o pae--e eu,

se Deus até lá me der vida, não hei de ver soldados hespanhoes no

castello de Guimarães. Domingos!--proseguiu o artifice com

vehemencia--não me ponhas essa venera ao peito; deixa-me primeiro fechar

os olhos; e, depois, cá te avêm com a tua vida; que eu não veja isso,

nem ouça lá dizer aos meus visinhos que tu és castelhano.

--Não ouvirá, meu pae...--refutou o filho.--Mas attenda á minha situação

de foragido, em meio dos encarniçados inimigos dos bons portuguezes. Se

eu campar de patriotismo em Madrid, de certo não terei amigo que me

avise para fugir d'este reino para outro. Procederei de modo que não dê

suspeitas a Portugal nem a Hespanha, até que um dia possa ir

obscuramente morrer á casa onde nasci...

--Irás, meu filho--atalhou o cuteleiro, debulhado em lagrimas--Eu d'aqui

vou direito a Lisboa, e irei lançar-me aos pés de el-rei...

--Não dê similhante passo--despersuadiu Domingos Leite.--Dois homens

unicamente poderiam dominar o animo de D. João IV. Um, o mordomo-mór,

rogou e foi seccamente desattendido; o outro é o alcofa do rei, Antonio

Cavide, o secretario de estado, que me odeia, porque eu ousei censurar

ao ouvido de quem me denunciou, que um ministro da sua polpa andasse

negociando com as açafatas do paço os amores do seu rei. Desista do seu

intento, que é humildade e abjecção inutil. O que eu lhe rogo é que vá

ver minha filha....

--Não!--objectou o velho tregeitando um gesto de indignado.

--Porque, meu pae?

--Porque terei de ver a mãe! Não hei de ver essa mulher que te fez

desgraçado! A creança não tem culpa; é verdade; mas, se eu lá for, parto

a cabeça da mãe contra uma parede!

E, dizendo, estirava os ligamentos das mãos e arqueava os dedos, como se

entre elles sentisse a cabeça da nora.

N'este comenos entrou Roque da Cunha, galhardeando capa e sombreiro

novos, espada no telim, meias de seda, gibão de passamanes, calças

golpeadas, e um tregeitar de corpo que denotava estar lá dentro uma alma

espanejando-se em jubilos.

--Soube agora mesmo--exclamou com alvoroço o filho de D. Vicencia--que

estava aqui teu pae. Venha de lá esse abraço!--proseguiu Roque,

estreitando ao peito o cuteleiro, que se deixou abraçar impassivelmente.

--Este é o meu amigo Roque--interveiu Domingos apresentando-lh'o.

--Ah!--disse o velho, abaixando a cabeça, sem lhe desfitar os olhos onde

se espelhava a desagradavel impressão que lhe incutira o aspeito do

cumplice de seu filho.

--E amigo como poucos!--confirmou Roque--Amigo como nenhum! Amigo como

eu só sei ser, quando os homens cá me chegam ao coração.

--Sim, senhor...--balbuciou Antonio Leite, forcejando por sopezar a

antipathia que os gestos e maneiras do homem lhe oppunham aos

transportes de gratidão, proprios da conjunctura.

--Teu pai está sorumbatico, ó Leite!--observou Roque, despeitado da

recepção fria do velho.

--Está triste...--explicou o filho.

--Porque?!--volveu o jovial enteado de Francisco Leitão, fazendo

posturas gymnasticas e reviravoltas.--Triste devia o nosso velhote

estar, se em vez de vir a Madrid visitar um filho, cavalleiro da ordem

de Christo, o houvesse de ir visitar a Lisboa, ao Limoeiro, d'onde

alguns cavalleiros costumam sahir para dar cavallaria aos carrascos. Por

que está v. m.ce triste? Diga lá! Cuida que em Hespanha não medra a

melhor gente de Portugal? Tem medo que o seu filho soffra privações em

uma nação, onde é recebido nos braços de um desembargador do paço, e

coberto com o manto de cavalleiro que el-rei Filippe IV lhe manda,

sabendo que Domingos Leite Pereira foi o discursador fogoso nos tumultos

de Evora, e um dos mais estrondosos gritadores da acclamação do duque de

Bragança?...

--Legitimo rei dos portuguezes--accrescentou o cuteleiro, baixando

reverentemente a cabeça.

--Isso agora--replicou Roque da Cunha--é questão que nem v. m.ce nem eu

decidiremos, em quanto não tivermos gráo de doutores de Salamanca.

Deixemos esse officio a quem toca. V. m.ce faça partazanas na sua

officina; e eu, em quanto não tiver officio, preferirei não fazer nada a

fazer legitimos reis, que é coisa que não sei fabricar. Sr. Leite, sabe

que mais?... Seu filho nada deve ao duque de Bragança. Se teve bom

officio, maiores serviços prestou seu filho ao duque, e maiores premios

devia D. João á sabedoria de Domingos Leite. A final, pagou-lhe como era

de esperar de um aventureiro que subiu de duque a rei, e desceu de rei a

villão, desprezando o amor provado dos amigos e galardoando o odio

solapado dos inimigos, para firmar sobre consciencias vendidas a

segurança do throno, de cuja legitimidade e firmeza tanto crê elle como

eu. Chegada a occasião de provar que estimava Domingos Leite, não só

pelo que lhe devia, mas tambem pela honra do seu delicto, que fez o seu

rei? Ordena-lhe que se desterre voluntariamente, que se despoje do seu

officio, que perca a patria e o pão, sob pena de ser preso, julgado,

sentenciado e talvez inforcado, porque as testemunhas da devassa o

culpam, de cumplicidade na morte de um clerigo torpe. E sabe v. m.ce a

rasão que tem o duque para querer fingir-se justiceiro na morte do

clerigo? é porque elle preza os traidores, e premeia-os á conta de os

ter sempre á volta de si. Ora, como o padre Silveira lhe delatou os

fidalgos em 1641, quer agora o tal chamado rei honrar-lhe a memoria,

exterminando este honrado moço, a fim de que elle não possa defender-se;

porque, se Domingos Leite entrasse em julgamento, havia de sahir

absolvido na consciencia do povo, embora o levassem do tribunal para o

oratorio.

Com quanto Antonio Leite não objectasse ao longo arrasoado de Roque da

Cunha, o silencio do velho não desapprovava nem assentia; todavia, os

modos grutescos do amigo de seu filho cada vez lhe azedavam mais a

invencivel repugnancia.

Quando, emfim, o alegre e palavroso neto da Barbara da rua dos Cabides

se despediu para ir visitar homisiados portuguezes chegados recentemente

a Madrid, Antonio Leite disse ao filho:

--Tenho má fé com este homem, Domingos!...

--Porque, meu pai?!.. Não vê que elle me deu provas de amisade tamanhas,

que por amor de mim perdeu a patria e o officio que tinha?

--\_Provas de amisade...\_--murmurou o artifice--Maiores te daria eu, se,

antes de resolveres matar o padre, me contasses a tua vida. Bom amigo

seria o que te aconselhasse a não o matar...

--Então?... que me aconselharia meu pai?!

--Já t'o dei a perceber logo que me contaste as tuas desgraças. Eu, se

fosse tu, fazia de conta que não tinha mulher. Tirar a vida a um homem

sem rasões muito fortes, não se conforma com a minha rasão. Se elle

fosse teu falso amigo, ou te desinquietasse a companheira, vá; mas, se

nem ella era tua mulher nem elle sabia que tu a pretendias, mal

aconselhado andaste; e, se foi este amigo que te aconselhou, máo amigo

foi. Dizes tu que não puzeste a mão no padre: que foi Roque da Cunha

quem o matou. Peor, peor! Quem mata um homem, que o não offendeu de

longe nem de perto só por ser agradavel a um amigo, e anda depois, á

laia d'este, contente e prazenteiro, olha que não é a primeira vez que

mata, nem lhe custou muito essa prova que deu. Tens um máu amigo,

Domingos... Acautella-te d'elle.

--Não seja injusto...--voltou o filho com menos calor do que era de

esperar em defeza de um amigo calumniado--Conheço ha onze annos Roque da

Cunha, e achei-o sempre leal e serviçal até pôr o seu braço

desinteresseiro em desaggravo da minha honra. Não foi elle que se me

offereceu para matar o padre; fui eu quem antecipadamente o obrigára por

juramento a correr commigo todos os perigos...

--E dize-me cá--interrompeu Antonio Leite--este homem era bem procedido

quando te amistaste com elle? Vivia com honra?

--Não tenho que ver com o que elle era...--respondeu Domingos Leite

froixamente, lembrando-lhe o assassinio do pai de Miguel de

Vasconcellos, a denuncia de Mathias de Albuquerque, os insultos que este

general recebera á entrada da Torre de Outão, e outras malfeitorias que

não sobreviveram á memoria dos contemporaneos.

--Não tens que ver com o que elle era?--repetiu tristemente o

velho--Pois, filho, muito te convem estar de sobreaviso para o que elle

hade ser.

Estas palavras, proferidas torvamente, impressionaram o espirito já

preparado a recebel-as sem constrangimento da rasão, bem que ao animo

reconhecido de Domingos Leite doêsse o consentir em tão austeras

demasias. É uma sancta verdade não haver alliança de estima honesta

entre dous homens pactuados por um feito criminoso. O affecto de

Domingos Leite Pereira a Roque da Cunha era tão simulado ou sobreposse,

quanto os remordimentos de um e o despejo do outro se distanceavam entre

si. O coração--que desbordava de lagrimas, scismando na filha

estremecida, e, ás vezes, vibrava de angustia, pensando que a esposa

poderia vingar-se dando a outro a belleza desprezada--não entraria aos

lodaçaes, onde as grandes angustias se atordoam e atrophiam,

imparceirado com Roque da Cunha.

Domingos Leite era muitissimo desgraçado, quando seu pai o deixou, indo

a Guimarães vender o prediozinho que representava trinta annos de

economias.

XI

Chamava a cada hora pelo pai a inconsolavel Angela.

A mãe acariciava com beijos o rosto da filha; e, soluçando, dizia-lhe

que o pai não tardaria.

A menina adoeceu de molestia que a mãe attribuiu a saudade. Maria Isabel

desvellou as noites de joelhos á beira do leito; e, invocando o

testemunho ou a piedade da Virgem do ceo, protestava suicidar-se, assim

que sua filha morresse.

Quando Angela se amodorrava em lethargia febril, Maria Isabel escrevia

ao marido a historia por minutos da doença da filha. Cada pagina

terminava por nova supplica de as levar para si, a não ser que a creança

expirasse, que então nada lhe pediria a não ser o perdão.

A desventurada amava o marido n'aquellas horas escurissimas. As

derradeiras palavras d'elle, ao despedir-se, compungiram-na

profundamente, por que gemiam na alma onde o desalento amolentára os

espinhos do odio. O natural despeito de se ver desprezada, por espaço de

anno e meio, pôde menos que a consciencia de haver matado o porvir

d'aquelle homem, tão prosperado e ditoso n'outro tempo! Alanciavam-na

remorsos de o ter enganado, e pensou que a Providencia a punia,

pondo-lhe o marido no desterro e a filha na sepultura.

Angela resurgia salva da perigosa enfermidade, quando Maria Isabel,

fechando a longa relação com a fausta nova da convalescença,

sobrescriptou a carta para Madrid.

N'aquelle tempo, cartas enviadas a Hespanha eram revistadas e rasgadas

quando não davam margem a suspeitas. Todo o portuguez que demorasse

então em Castella peccava por traidor á patria ou criminoso foragido á

justiça. Domingos Leite Pereira fôra arrolado na classe dos ultimos.

Tanto que o seu confessor lhe disse que o marido não recebia as cartas,

Maria Isabel, soffreando o pejo, recorreu pessoalmente ao marquez de

Gouvêa, levando comsigo a menina. O velho mordômo-mór recebeu-a com

benevolencia. As lagrimas em rosto formoso ensinam a delicadeza e afinam

almas compadecidas. Entretanto, o marquez não se prestou a transmittir

as cartas, receando molestar a irritabilidade de el-rei.

--Mas que mal fez meu marido a el-rei?--perguntou Maria Isabel.

--Não fez mal directamente a el-rei; uzurpou-lhe simplesmente o direito

de castigar. Quem mata um homem sem poder allegar que o fez em justa

defensão de sua vida, dá a entender que o faz desconfiado da lei.

--Então o sr. D. João IV persegue meu marido?

--Não, senhora; permitte que a justiça cumpra o seu dever.

--E, se eu fosse com a minha filha lançar-me aos pés da rainha?

Sorriu-se o marquez em ar de reprovação do alvitre, lembrando-se que D.

Luiza de Gusmão impedira que el-rei se deixasse apiedar das deplorações

da duquesa de Caminha, quando já se estavam carpintejando as peças do

cadafalso. Alem d'isso o mordomo-mór sabia que o nome da mulher de

Domingos Leite chegára ao aposento da rainha com o labeo de prostituida

a um padre. Não revelou o que lhe passava na mente, e fez apenas um

gesto negativo.

--Mas el-rei não me trataria com desabrimento?--proseguiu ella.

--Não, com certeza. El-rei tractou mui urbanamente a sr.ª duqueza de

Caminha, quando lhe foi pedir o perdão do marido.

--Mas não perdoou...

--É verdade; porém, são muito diversos os pedidos e as causas. Que lhe

quer vossa mercê pedir?

--Que deixe vir meu marido para Portugal.

--E não seria melhor buscar meios de elle ser julgado e

absolvido?--replicou o fidalgo.

--Não conheço ninguem... e tenho vergonha de fallar aos juizes!...

--Acho justa essa repugnancia...--assentiu o marquez--todavia, se quer

fallar a el-rei, maior lhe deve ser o pejo.

Maria, apóz breve pauza, em que ponderou a replica judiciosa do

mordomo-mór, insistiu ainda chorando:

--Se V. Ex.ª se compadecesse de nós...

--Em que posso mostrar-lhe que me compadeço das suas magoas?..

--Se V. Ex.ª tivesse modo de fazer chegar a minha filha á presença

d'el-rei nosso senhor com um requerimento meu...

--Heide pedir licença a sua magestade, e espero alcançal-a. Dar-lhe-hei

a resposta. Porém, suppondo que el-rei lhe nega audiencia ou lhe

indifere o requerimento, dou-lhe um conselho. Vá para Madrid com sua

filha. Seu marido de certo a não repulsará, se a senhora abrir o caminho

ao perdão por intermedio da filha que elle adora. Se acontecer achal-o

colerico, haja-se com discreta paciencia, dispensando-se de viver em

commum com elle. Vossa mercê é bastante rica. Tanto lhe faz viver em

Lisboa como em Madrid. Quadra-lhe o conselho?

--Sim, sr. marquez--assentiu Maria Isabel muito reanimada--E V. Ex.ª

protege a minha ida?

--Heide conseguir que não lhe impeçam a passagem nas fronteiras, e

dar-lhe-hei uma carta que esta menina hade entregar ao pai.

--E como heide encontral-o em Madrid?

--Antes de vinte e quatro horas saberei de Gaspar de Faria onde seu

marido se alojou. Se chegar a ir, e reconciliar-se, recommendo-lhe com

muita instancia que môva Domingos Leite a sahir de Hespanha. El-rei tem

bons amigos em Madrid que lhe relatam pensamentos, palavras e obras dos

portuguezes que lá vivem. Já cá é notorio que Domingos Leite, dominado

pelo seu funesto amigo Roque da Cunha, concorre ás cazas mais suspeitas

dos maquinadores da nossa escravidão. Sobre queda couce, diz o ditado.

Não é assim que elle hade ter por si el-rei e os juizes. Por estas e

outras rasões lhe aconselho, como bom amigo que ainda sou de seu marido,

que em vez de ir a el-rei, passe a Hespanha; e depois, se Domingos Leite

a quizer attender e á carta que eu lhe hei de dar, vão para França ou

para Roma.

Nesta conjuntura entrou o secretario Antonio de Cavide, que fitou com

ares de assombrado o bello rosto e garbosa compostura da dama desconhecida.

Maria Isabel, erguendo-se, disse á filha que beijasse a mão do sr.

marquez, e sahiu.

--Quem é esta gentil fada?!--perguntou Antonio de Cavide--Eu nunca vi

mais guapa mulher!

--É a esposa de Domingos Leite Pereira.

--Oh!... é esta!?. Olha o maganão do padre Luiz com que cilicios se

penitenciava! Bem me dizia el-rei que a mais bonita mulher de Lisboa,

segundo ouvira ao juizo competente do sr. marquez, era a Traga-malhas...

Que diria sua magestade, se a visse?

--Que diria, e que pensaria!..--accrescentou o mordomo-mór, sorrindo com

a malicia commum dos dois fidalgos.

--Eu sei cá!..--tornou o secretario de estado franzindo o

sobr'ôlho--Talvez desculpasse o clerigo, e perdoasse aos ciumes ferozes

do marido...

--Esta é joia mais de preço que a condessa de Villa Nova!..

--Upa, upa!

--E vai muito alem da açafata?

--Da Justa Negrão? Upa, upa! sr. marquez!

--Vem a ponto uma pergunta: a D. Justa está contente no mosteiro de

Chellas?--perguntou o marquez.

--Está resignada desde que eu lhe mostro a filha de mez a mez.

--E el-rei continua a ver a menina?

--Levo-lh'a ao palacio de Alcantara todas as terças feiras. El-rei é

doido pela pequena, e chama-lhe a sua querida infanta: mas a creança,

que fez agora trez annos, tem uns ares tristes que fazem scismar.

--Adivinhará as lagrimas da mãe?--aventou o marquez--Ou seria concebida

em estação amargurada...

--Lá como ella foi concebida não sei; são segredos de alcôva; mas a

historia das damas dos reis não me fez conhecer uma só que se carpisse

de ser mãe...

O mordomo-mór derivou a palestra em outro rumo, receando molestar o

pundunor do ministro lançarote de el-rei.

Era Antonio de Cavide tanto das entranhas de D. João IV que, se o leitor

leu em a \_Nota 6.ª\_ o testamento do rei, trasladado dos apontamentos

originaes, veria as referencias com que o seu real amigo o recommenda á

consideração da rainha. Arguiam-no os aulicos de ser o medianeiro dos

amores illicitos do monarcha. Da açafata D. Justa Negrão segredava-se na

côrte que fôra elle o corruptor á custa de infames alliciações,

necessarias a vencer a indifferença e até a reluctancia da criada do

paço. Fôra ainda Antonio Cavide o agente da profissão de D. Justa no

convento de Chellas, e em caza d'este secretario se estava creando a

filha d'esses amores, em que a victima violentada ganhára vestir a

mortalha monastica, volvidos dois annos, mais que longos, para o regio

fastio de sua magestade (\_Nota 19.ª\_)

Este secretario de estado, raramente referido nos historiadores do

reinado de seu real amo, exercia attribuições, segundo parece, nas

coisas secretissimas do rei, não lhe sobrando vagar para as do estado.

Ainda assim, do testamento do monarcha deprehende-se que nenhum homem

gosou como elle a confiança do rei até á hora final. Rodados vinte e

seis annos, achamos Antonio Cavide condemnado á morte, na regencia de D.

Pedro, como conjurado na tentativa de rebellião a favor de Affonso VI,

prezo na Ilha Terceira. E dado que dois modernos historiadores[3]

nos dêem Antonio de Cavide executado em Lisboa em 1673 é bem

de ver que não colheram idoneas informações de escriptores coevos.

Carlos II de Inglaterra, enviando, a rogos de sua esposa D. Catharina de

Bragança, um navio a Lisboa com embaixador expresso, a pedir o perdão do

velho secretario de D. João IV, logrou salval-o do patibulo; mas,

decorrido breve termo, Cavide morreu com suspeitas de empeçonhado por

insinuação do regente.

XII

Maria Isabel, querendo passar a Castella, offereceu os seus predios da

Tanoaria a varios compradores que lh'os haviam desejado; mas a alienação

dos bens seria nulla sem consenso do marido, e nulla tambem em quanto

elle não houvesse respondido á justiça, que o esbulhára dos seus direitos.

Recorreu a dama ao mordomo-mór, que não antevira o embaraço, nem podia

removêl-o. A consternada senhora sahiu do gabinete do marquez,

desattendendo os prudentes conselhos que tendiam a esperar alguns dias o

resultado da intervenção de um ministro mais influente no real animo. O

mordomo-mór lembrara-se de Antonio Cavide. Maria Isabel lembrara-se de

D. João IV.

Seguiu d'alli, com a filha, para o paço da Ribeira, e entrou no Arco de

Ouro. Debaixo da arcada estava a Porta da Campainha. Chamava-se assim

porque debaixo d'aquelle arco havia entrada franca de serventia para uma

casa onde estava uma roda, como a das portarias monasticas, e sobre a

roda uma sineta que tangiam as pessoas que procurassem el-rei. E, logo

que a campainha tocasse, D. João IV enviava alguem a reconhecer a

pessoa, ou descia propriamente, se esperava ser procurado por aquelle

meio menos ordinario.

Estava o rei com Antonio de Cavide na sua pomposa bibliotheca de musica,

situada na porção do palacio chamada o \_Quarto do Forte\_, quando ouviu

tanger a sineta.

--Vá ver quem é--disse o rei sorrindo--Olhe que não vá ser algum burro

lazarento...

Emquanto o secretario de estado vai e volta, saibamos que allusão é

aquella do burro lazarento, visto que Diogo de Paiva e Andrade no'l-a

transmittiu nas suas \_Memorias\_, por vezes citadas n'este livro. Foi que

uma vez entrara um jumento vadio no recinto da sineta, e começou a

trincar a corda no intento provavel de a comer. Ora como a sineta

repicava tão ligeira quanto a fome do tangedor esgarçava no cordel, D.

João IV, que estava só, e extranhára o pressuroso dos toques, desceu

pessoalmente á casa da roda, e perguntou quem era. Como ninguem lhe

respondesse, mandou averiguar se a pessoa que tocára já teria subido á

saleta de espera. O enviado voltou annunciando a sua magestade que

encontrara um burro muito magro. El-rei ordenou logo que o levassem ás

cavallariças reaes, com recommendação de o tratarem fartamente; e

accrescentou; «Semelhante pretendente não póde ter outro requerimento.»

Não me consta que D. João IV, em toda a sua vida, dissesse ou fizesse

coisa de tanto espirito. A não ser coevo de sua magestade aquelle burro

faminto, morreriam ambos ignorados, sendo digna de escriptura a

lembrança que os dois tiveram.

Voltou no entanto Antonio Cavide com ridentissimo semblante, e disse:

--Mal pensava eu, real senhor, quando ha pouco tentava pintar o esbelto

rosto da mulher de Domingos Leite, que ella tão perto estava de

desmentir na presença de vossa Magestade a pallida copia que eu fiz!...

--Foi ella que tocou?!--acudiu o rei entre alegre e maravilhado.

--Ella, meu senhor, acompanhada da filha. Pede audiencia; e, apezar de

coberta de lagrimas, nunca houve orvalho que aljofarasse mais purpurinas

rosas!..

--Estou a ver se me falla em verso, Cavide!--disse o rei escondendo a

custo a commoção da curiosidade--Mande-as entrar na primeira sala.

O secretario de estado correu o reposteiro da sala de espera e disse a

Maria Isabel:

--Sua magestade houve por bem admittir a vossa mercê á sua real

presença; queira entrar n'esta sala, e esperar el-rei nosso senhor.

A esposa de Domingos Leite com difficuldade se sustinha nas pernas,

chegado o momento de se avistar face a face do rei: tremia de respeito

como tremeria de pavor. A menina aconchegava-se d'ella olhando-a com

susto, e circumvagando a vista assombrada pelas tapeçarias e colgaduras

de ouro e prata, de veludo e damasco entre as quaes lampejavam

contadores marchetados de ouro e marfim, grandes cofres abaulados de

tartaruga e prata, bofetes torneados com feitios de dragos e serpentes,

jarroens japonezes encimados das peregrinas flores que recendiam nos

jardins do paço da Ribeira, redomas de christal, relogios de Inglaterra

com primorosos relevos de esmalte, as pompas de toda a terra conglobadas

n'aquelle palacio, que já então pompeava primasias sobre as mais

esplendidas côrtes da Europa, graças á baixella da duquesa de Mantua,

que nunca lhe foi restituida.

Posto que o tapete abafasse as passadas d'el-rei, Maria Isabel ouviu-o

nas palpitações do coração; e já estava em joelhos, quando um sumilher

da cortina correu o reposteiro com um ringido de aço estridente que,

digamol-o assim, aggravava mais o terror do lance.

D. João IV entrou; o reposteiro ajustou-se outra vez aos batentes da

ampla porta; e, n'este conflicto, a filha do burguez João Bernardes

Traga-malhas cuidou que desmaiava, encostando a face esquerda ao volante

que cobria a cabeça da menina.

Orçava então o rei pelos quarenta e tres annos. Não obstante as bexigas,

que lhe alteraram notavelmente a gentilesa do rosto, conservava

vivacissima a graça dos olhos azues, mais risonhos que os labios, nos

escassos momentos em que o contentamento lhes transluzia desafogado da

violenta caracterisação de rei suspeitoso. Era de estatura mean, e largo

de espaduas, robustecido em lides fragueiras, despresador de

inclemencias de tempo, quando nas monterias da tapada de Villa-Viçosa

dispendia selvaticamente os melhores annos da existencia. Dá a perceber

o conde da Ericeira, D. Luiz de Menezes, no \_Portugal Restaurado\_, que

D. João era tão desregrado na alimentação que anticipara a caduquez do

corpo. O historiador aulico, se lhe dessem trella, e alforria no

pensamento, assim como nos disse que no rei o trajar era pouco menos que

rustico e sujo, communicar-nos-hia a intemperança do espadaúdo sugeito,

cevando-se nas lubricidades que adelgaçam as mais maçorras e rijas

compleições.

Não se pense, porem, que o rei de Portugal n'aquelle dia trajasse

immundo ou denotasse na epiderme do rosto padecimentos de hydropesia.

Vestia um \_pourpoint\_ (gibão) de panno preto, refegado no peito, sem

guarnições até baixo do joelho, como loba clerical, e a pescoceira da

camisa derrubada sobre a gola d'aquella vestimenta que muitas vezes

usava, da vil droga chamada estamenha. (\_Nota 20.ª\_)

Os cabelos loiros, mas tosquiados quasi rentes, descampavam-lhe a

fronte, relevada em proeminencias, que inculcariam talento, se a

sciencia phrenologica de Spurzheim não fosse um lôgro nas cabeças da

raça dos braganças, não collaboradas.

Calçava meia de sêda escura e sapato de veludo com um simples botão, sem

os broches e orladura de ouro e perolas com que medianos fidalgos e até

os pecuniosos da classe média se ajaesavam.

Como já vimos, Maria Isabel Traga-malhas esperava ajoelhada e

perturbadissima a entrada d'el-rei.

Caminhando a passo vagaroso para ella, D. João IV parou a pequena

distancia, e disse-lhe:

--Levantae-vos, senhora!

E como ella permanecesse em joelhos e anciada, o rei insistiu:

--Erguei-vos, que eu desejo ouvir-vos sem essa postura de adoração.

Vamos! a pé!

Sua magestade poderia dizer alguma coisa mais regia, mais conceituosa,

mais galan, ou, sequer, mais espirituosa, para arrolarmos com a outra do

quadrupede da sinêta; mas não o arguamos de canhêstro ou pecco de

phrases, dado que, a respeito da sua eloquencia, o referido conde da

Ericeira nos diga que não costumando o rei a empregar as \_palavras mais

polidas, usava d'ellas com tal arte, galantaria e agudeza que parecia

fazia estudo do que em outros podera ser defeito\_.[4]

D'esta vez, cumpre desculpar-lhe a insufficiencia, dando-lhe foros de

mero homem em presença da mulher que ultrapassava toda a bellesa imaginada.

Maria Isabel, apesar de ter meia face vellada no rebuço do

capotilho--descortezia que ella ignorava por desconhecer ceremonias

palacianas--deixava metade do rosto aos deleites da admiração, e a outra

metade á curiosidade dos desejos, como diria na sua rhetorica farfalhuda

Antonio Cavide.

Quando Maria se levantou, sem altear os olhos acima do estrado,

acercou-se mais o rei, e poz a mão na face de Angela, dizendo:

--És muito galante, menina!

A mãe relançou a vista menos timida á face de D. João, e, como lhe

encontrasse os olhos fixos, derivou logo os seus para a creança, absôrta

na contemplação do rei.

--Sentae-vos, senhora--continuou, apontando-lhe uma cadeira, e olhando

de esconso para o reposteiro, afim de certificar-se que ninguem lhe

espreitava tão insolita cortezia ou tamanho abatimento da magestade.

--Se vossa magestade não quer ouvir-me de joelhos, peço que me deixe

supplicar de pé a sua misericordia--balbuciou Maria.

--Sentae-vos e dizei. Tudo que o rei poder fazer-vos sem gravame da

justiça e direito de seus vassallos, ser-vos-ha feito. Vindes pedir-me

que absolva vosso marido de um crime publico? não sou eu quem hade

sentencial-o ou absolvel-o.

--Não peço tanto a vossa magestade, meu Senhor...

--Que quereis então?

--Ir com minha filha para Madrid.

--Quereis ir para Domingos Leite?--perguntou o rei com estranhesa.

--Sim, real Senhor.

--É elle que vos chama?

--Saberá vossa magestade que eu, desde que elle partiu, nunca mais tive

noticias suas.

--Apezar d'isso, quereis ir... Quem vos priva?

--Quiz vender parte dos meus bens, e a justiça não m'o permitte nem

permittirá ainda que meu marido assigne os contractos.

--Porque é essa a lei dos criminosos--volveu gravemente o rei--Vindes

pedir-me que submetta a lei á minha vontade particular? O que não posso

fazer como homem, n'este caso, tambem o não posso fazer como principe.

Eu não subordino a justiça: sou-lhe subordinado. Porém, como homem,

poderei prestar-vos um serviço, se o quizerdes acceitar. Dar-vos-hei

meios para irdes a Castella; e emquanto lá os carecerdes, remediar-vos-hei.

Maria, pela primeira vez, encarou a fito o monarcha. Brilhavam-lhe as

lagrimas nos esplendidos olhos. El-rei parecia olhal-a com o resguardo

timido de vassallo a contemplar, reconditamente amoroso, a sua rainha.

--Eu queria--murmurou ella--levar a meu marido o que herdei de meus

paes; mas agradeço a vossa magestade a esmola que me offerece.

--Não é esmola; é emprestimo. Quando a sentença remover os estorvos que

vos privam de vender os bens, então me pagareis. Entretanto, sabeis se

vosso marido vos receberá graciosamente?

--Não sei, meu senhor...

--Ouvi dizer que elle, desde a morte de certa pessoa, vos não fallára

mais. É verdade?

--Sim, meu senhor.

--E esse despreso não impede que o ameis? Fallae-me verdade inteira,

porque a vossa sorte me está prendendo extraordinariamente a attenção.

Amaes Domingos Leite?

Deteve-se alguns momentos a interrogada, e respondeu com embaraço:

--Casei com elle por paixão, e foi a paixão que me cegou...--e aqui

reteve-se vexada e confusa.

--Sei o que vos custa a dizer:--acudiu o rei--passae adiante, Maria Isabel.

A suavidade com que D. João proferiu os dois nomes parecia arrasar uma

alta barreira, erecta entre os desiguaes interlocutores. Aquelle tom de

benevola confiança--o vêr ella seu nome na memoria d'el-rei--deu-lhe

umas largas á alma, uns assomos de vaidade, um desafôgo analogo ao dos

pulmões que se impregnam de correntes de ar novo em recinto abafadiço.

--Dizei,--proseguiu elle--O desamor com que Domingos Leite recusou

perdoar-vos uma culpa, que devia ser attenuada pela innocencia com que a

praticastes, foi causa a que a vossa paixão se desvanecesse... Errei o

meu juiso?

--É verdade, real senhor!.. Eu sei que fui criminosa em acceitar o seu

galanteio; mas não o seria... se não fosse tão innocente.

--Ainda assim, é compaixão ou amor que vos resolve a procural-o em

Hespanha?

--É esta creança que chora por elle; e é a afflicção que eu sinto quando

me lembro das afflicções com que meu marido se separou da filha...

--E de vós, não?!--redarguiu elle com perfida admiração.

--Parecia querer perdoar-me n'essa hora...

--Bem. Perguntae-lhe se vos perdôa. Se elle vos disser que sim, ide, e

contae commigo. Lembro-vos, comtudo, que em Madrid Domingos Leite é

recebido como homem brioso que matou um padre, amante de sua mulher: e

que o sr. D. Filippe IV, attendendo aos merecimentos de tal façanha, o

honrou com o habito de cavalleiro da ordem de Christo. Não sei se elle

vos acceitará, depois que este boato, em grande parte aleivoso, se

derramou em Portugal e Hespanha; e estou em crêr que Maria Isabel, tão

mal considerada em Madrid, não quererá apparecer aos admiradores de seu

marido.

--Esse boato é uma calumnia, senhor!--exclamou ella com os olhos sêccos

e o rubor nas faces.

--Não m'o digaes a mim, que eu já vol-o disse. Li o processo com o maior

empenho; quiz salvar vosso marido; já vêdes que se alguem duvida da

vossa innocencia de esposa, não sou eu. Como quer que seja, em materia

tão melindrosa, não sei nem devo aconselhar. Fazei o que bem vos apraza.

Repito: escreva Maria Isabel a seu marido, e dê a carta ao meu

secretario de estado Antonio Cavide, que elle a fará entregar

directamente a Domingos Leite, e a resposta, se vier, ser-vos-ha entregue.

--Ah!--suspirou a formosa--se o meu nome anda tão infamado em Madrid,

meu marido não me responde... Elle desprezava-me, quando toda a gente

ignorava a minha desgraça; que fará agora que é maior deshonra para elle

reconciliar-se commigo!..

--Quem sabe? O coração humano faz mudanças de que não sabemos dar causa

nem rasão. Nada se perde em lhe sondardes o animo. Escrevei-lhe hoje,

que amanhã Antonio Cavide, ou alguem com recado seu, irá procurar vossa

carta.

E, voltando-se para a menina, perguntou:

--Como te chamas, linda?

--Angela--respondeu a creança.

--Criada de vossa magestade--accrescentou a mãe muito desvanecida da

regia curiosidade.

--Pois que dizeis que é minha criada--volveu D. João IV--minha criada

fica sendo desde hoje, e virá exercer o seu officio, quando a edade lh'o

permittir. No emtanto, o seu nome será registrado no livro das açafatas

da rainha, desde já.

--Ajoelha a sua magestade, e pede-lhe licença para lhe beijar a

mão--disse Maria Isabel com transporte.

O rei colheu a menina nos braços, e disse:

--Eu é que lhe beijo estas duas rosas do rosto, que fazem lembrar os

cherubins. Uma reflexão--proseguiu o rei de subito--não diga Maria

Isabel a seu marido que eu nomeei sua filha criada do paço. Seria muito

dolorosa para mim semelhante nova dada a um homem, que não póde ser

galardoado emquanto não fôr absolvido. Tendes entendido?

--Esteja vossa magestade segurissimo de que eu não direi que fallei a

vossa magestade.

--Ainda melhor, ainda melhor. Nem uma palavra que prenda commigo.

Maria levantou-se indecisa se lhe cumpria despedir-se ou ser despedida

d'el-rei.

--Quereis sair? Esperae,--disse D. João--que eu vou mandar-vos o meu

secretario de estado para vos acompanhar á liteira.

--Vim a pé, real senhor.

--Ah! sim? Não obstante, esperae.

Sahiu o rei, beijando outra vez Angela, e deteve-se breves minutos com o

secretario, que sahiu a dar ordens a um pagem, que as foi transmittir a

um moço da estribeira.

Voltou Cavide outra vez á presença do amo.

D. João IV, encaracolando o bigode louro, e palmeando na espaciosa

fronte, clamava enthusiasta:

--Que mulher! que mulher! Bem me dizia o marquez... Não ha dama no paço

que lhe ganhe!.. Oh! que soberba creatura! tem musica na voz a

feiticeira! Nunca vi coisa assim, nem viva nem pintada!

Cavide ria-se e esfregava as mãos.

--Isto não é para rir, meu caro!..--obstou o rei--Querem vêr que eu

estou apaixonado!..

N'este lance grave, que as expressões do rei e a cara do valido tornavam

ridiculo, o pagem disse por detraz do reposteiro que o moço da

estribeira enviára dizer que a liteira das açafatas estava no pateo do

norte.

--Vá! ordenou o rei ao secretario.

Antonio Cavide entrou na sala, onde ficára Maria Isabel, e inclinando a

cabeça, disse:

--Sigam-me vossas senhorias.[5]

E, descendo ao pateo onde estava a liteira com lacaios de libré da casa

real, deu a mão a Maria Isabel para ajudal-a a subir.

--Eu vim a pé...--gaguejou a mulher de Domingos Leite, não percebendo o

convite do fidalgo.

--Sei isso; mas sua magestade manda conduzir na competente liteira a sua

açafatasinha e mais sua mãe, muito minha senhora.

E, ao mesmo tempo que dizia isto mui galãmente, tomou Angela nos braços,

e sentou-a no almadraque inferior; depois, offereceu o hombro á mãe,

fechou a portinhola, e disse ao lacaio da frente:

--A casa de suas senhorias é na Porta do Salvador.

A liteira partiu com as cortinas fechadas. O instincto do pejo imprimira

aquelle impensado impulso ao braço da mulher do expatriado.

E D. João IV, que de uma janella que abria sobre o terreiro, presenciára

o fecharem-se as cortinas da liteira, dizia depois a Cavide:

--Aquelle recato pagára-lh'o eu com milhões, se o meu coração não

valesse mais que elles!...

O confidente ouviu isto com a maior circumspecção.

O castigo supremo dos validos é não poderem escancarar sinceras

gargalhadas nas faces dos reis.

XIII

Vellou a noite inteira Maria Isabel.

Figuravam-se-lhe visões, ora terriveis, ora deslumbrantes.

Sentia o que quer que fosse de interior transfiguração de seu ser.

Contemplava-se e via-se mudada virtualmente. A scena do paço, a sala

explendorosa, o rei, a \_senhoria\_ do secretario, a açafata, a liteira

armoreada, a libré, e sobretudo os conselhos do rei, aquellas phrases

umas vezes meigas, outras vezes tristes, o seu nome tres vezes proferido

pelos regios labios, tudo, que ainda sonhado lhe seria deleitoso, era,

em realidade, sobejo estimulo a que a noite lhe corresse não dormida.

Mas, por entre as fulgurações da imaginação febricitante, dava-lhe

tremuras um pavor indefinivel, se a idéa de ter cahido na graça do rei

lhe impunha o dever de se lhe dar cegamente, e sem resistencia de rasão,

de religião ou de pudor, como as mulheres que se vendem.

Contradiziam-lhe estes sustos do pejo as palavras de D. João IV,

aconselhando-a a consultar a vontade do marido, quanto a ir para sua

companhia. Depois, como a revirar-lhe esta pudica justificação dos reaes

intentos, occorria-lhe a lembrança de ter ouvido dizer a Domingos Leite

que D. João IV nos seus amores, quando duque, não se estremava dos moços

do monte em bruteza; que nenhuma das suas affeiçoádas lhe conhecera

coração. E d'ahi umas explosões luminosas de vaidade, a mulher em todo o

seu elasterio de vangloria, tanto mais acrisolada quanto se vira

repudiada do marido... Muitas expressões do soberano soavam-lhe ainda

nos ouvidos, quando a luz da seguinte manhã lhe alvoreceu no quarto; e,

entre todas, estas principalmente: ...\_Não sei se elle\_ (o marido) \_vos

acceitará, depois que este boato, em grande parte aleivoso, se derramou

em Portugal e Hespanha; e estou em crêr que Maria Isabel, tão mal

considerada em Madrid, não quererá apparecer aos admiradores de seu

marido\_.

--Decerto, não quero!...--dizia ella de si comsigo--Ainda que elle, por

amor á filha, me deixe ir, hade querer que eu me esconda para que me não

vejam; e talvez que me mande embora depois de lá ter a filha. Além

d'isso, se eu lhe disser que o rei me dá o dinheiro para lá viver, elle

reprova que eu o acceite, e pergunta-me como foi que eu procurei e

obtive este favor...

Alvoroçada por tantissimas idéas incongruentes, sentou-se ao bofete para

escrever tantas vezes quantas se levantou, depondo a penna, por não

atinar com o expediente mais natural, ou, digamos antes, mais artificial

da carta.

N'esta conjunctura, appareceu a menina a recordar-lhe as impressões da

vespera, a fazer-lhe repetir as palavras que o rei lhe dissera, a pedir

explicações dos dizeres que não percebêra. Depois vieram as criadas

sobresaltadas, e Maria Isabel contou-lhes á sua anciosa curiosidade que

a sua Angela era açafata, que o secretario de estado lhes déra senhoria,

que el-rei tivera a menina sobre os joelhos, que a beijára muitas vezes;

e de tudo pedia segredo ás môças, por certos motivos, os quaes motivos

as criadas, em conciliabulo de cosinha, explicavam tão compridamente que

não deixavam nada a desejar.

Assim foi correndo o dia, até que, ao cahir da noite, se annunciou a um

lacaio de Maria Isabel uma pessoa que sua senhoria esperava.

O secretario particular do rei, annunciando-se incognito, a hora tão

impropria, começava o acto mysterioso da sua interferencia; não

obstante, a mãe da açafata, quando se lhe deu a noticia, disse com

desenvoltura propria de fidalga, affeita a visitas de tal porte:

--Hade ser o secretario de estado Antonio de Cavide.

Momentos depois, o cortezão beijava os dedos da mulher de Domingos

Leite, affagava a sr.ª Dona Angelasinha, a quem sua magestade enviava um

beijo, e terminava por dizer que vinha receber a carta que havia de ir

para Hespanha na manhã do dia seguinte, conforme as ordens dadas por

el-rei ao correio-mór.

--Ámanhã!--disse Maria Isabel--Já ámanhã!... Mas eu ainda não

escrevi...Como hade ser?

--Ainda tem v. s.ª muito tempo. Eu voltarei mais tarde, ou mandarei um

escudeiro procurar a carta--remediou o secretario.

--Jesus!--murmurou ella, com ademanes de afflicta.

--Que tem a sr.ª D. Maria?--volveu Cavide.

--Não sei... não sei em que termos heide escrever a meu marido...

--Comprehendo o seu embaraço... que em verdade é justificadissimo. Devo

dizer-lhe, senhora minha, que o que passou entre el-rei meu amo e v.

s.ª, me não é de todo estranho. Tambem eu, pensando durante a noite no

segredo que é mister haver, respeito á mercê que el-rei lhe faz, mal

posso ligar a ida de v. s.ª para Hespanha sem que seu marido conheça a

origem dos recursos, e até a real intervenção na remessa da carta. O sr.

D. João IV, meu amo, d'esta vez não conciliou a generosidade de seu real

animo, com a circumspecção que lhe é habitual. Quer-me parecer que v.

s.ª deu todo pezo ás considerações que sua magestade lhe fez, e eu

tambem tive a honra de ouvir-lh'as. Desde que o sr. Domingos Leite,

fugindo para Castella, deu ansa á calumnia que denigre a reputação de

sua mulher, parece, até certo ponto, que protestou diante do mundo não

receber mais em sua companhia uma esposa, que lá e cá--malditas

linguas!--passa por ter faltado á honra conjugal.

--Mentira!--interrompeu Maria Isabel assomada.

--Mentira atroz--assentiu Cavide--Sabe-o el-rei, sei-o eu, sabem-no os

ministros em cuja alçada corre a devassa; mas os praguentos querem que

as atoardas se propaguem bastante aleivosas para que lhes seja mais

farto o sêvo da maledicencia. A nossa questão não é a calumnia; é

sabermos como v. s.ª hade affrontal-a, como seu marido hade desfazêl-a,

se lhe quizer perdoar; emfim, como a sr.ª D. Maria, minha senhora, hade

illibar-se perante o mundo. Aqui é que bate o ponto. Por isso dizia eu

agora que comprehendo os embaraços em que v. s.ª hade achar-se no modo

de escrever a seu marido.

--Tem v. s.ª rasão.--confirmou Maria Isabel--Pensei n'isso tudo que me

disse, e estive duas horas a começar cartas e a rasgal-as, porque tudo

me parecia máo... não sei como heide sahir d'este aperto!...

--Peço venia para lhe dar um conselho...--disse Antonio Cavide,

erguendo-se, aproximando-se d'ella mais á puridade, e abaixando o tom da

voz.

--Faz-me v. s.ª um grande beneficio, se me aconselhar.

--Auctorise-me a sr.ª D. Maria a consultar el-rei, meu amo. Parece-me

que nenhuma deliberação lhe cumpre tomar sem ouvir o parecer de sua

magestade...

--Nem eu me atrevo a pensar coisa alguma em contrario das ordens d'el-rei.

--Mas--volveu o valido, depois de estar alguns minutos recolhido,

passando por sobre os dentes a unha do pollegar como se corresse um

teclado--Mas, se v. s.ª me promette segredo inviolavel com juramento...

--Prometto...--balbuciou Maria Isabel, tremula de alvoroço, entre

receosa e anciada de curiosidade, com os brilhantes olhos postos nos

beiços do secretario.

--Promette-me nunca, em tempo algum, em quaesquer circumstancias de sua

vida, revelar propriamente a el-rei o que lhe vou dizer?

--Sim... prometto...--affirmou ella.

Antonio de Cavide pegou da mão de Angela, e apontando-lhe um cofre de

madre-perola que estava sobre um contador no extremo da sala, disse-lhe:

--Vá a menina buscar aquella alfaia que desejo vel-a.

E, emquanto a menina foi, inclinou os labios ao ouvido de Maria Isabel,

e segredou-lhe:

--El-rei quer-lhe como não quiz a ninguem n'este mundo. A vontade do meu

real amo é que v. s.ª não vá para Hespanha; e eu, que conheço quanto

el-rei soffreria, se a sr.ª D. Maria partisse, rogo-lhe encarecidamente

que não vá.

A menina já estava ao pé do secretario com o cofre, quando Maria Isabel,

proferidas as ultimas palavras, pegou de enfiar e tremer a ponto que

Angela lhe disse assustada:

--Que tem, minha mãesinha, que está tão amarella?

E, ao mesmo tempo, o subtil alcayote, examinando os embrexados da caixa

japoneza, resmuneava:

--Que formoso lavor! que linda coisa!.. É alfaia do tempo do sr. rei D.

Manuel. Cá tem a esphera armilar! Bellissima joia!..

E, lançando de soslaio a vista a D. Maria, murmurou como se conversasse

com as figuras chinezas embutidas no cofre:

--Não cuidei que lhe dava novidade; nem que a novidade, se o fosse, a

inquietasse tanto! Seria triste se eu a magoava, pensando que lhe trazia

o maior contentamento que pode dar-se á primeira fidalga da côrte

portugueza.

Angela ouvia e não percebia as palavras, quando a mãe, abraçando-se

n'ella com estremecido affôgo, resudava nas palpebras cerradas uma, ou

talvez duas lagrimas que deviam ser--oh materialidade!--a cristalina

seiva das fibras do pudor, as quaes viriam a depauperar-se em resultado

d'aquelle perdimento de vida.

--Aqui tem, minha açafatasinha--ajuntou o secretario de estado,

entregando o cofre a Angela--Esta caixa cheia de perolas e diamantes não

valeria tanto como as duas lagrimas que sua mãesinha tem nos olhos. E eu

bem sei o coração em que ellas vão cahir e doer...

Maria Isabel permanecia com a face apoiada na mão, o cotovello no braço

da cadeira, os olhos velados pelas sedeudas pestanas, e com uma lagrima

que, derivando, se quedára tremula no canto dos labios.

Antonio Cavide ergueu-se e caminhou para onde tinha o chapéo emplumado.

Pegou d'elle, e sacudindo-o, á maneira de leque, entre as mãos, veiu ao

pé de Maria Isabel, que se havia levantado.

--Recebo as determinações da sr.ª D. Maria Isabel, minha senhora.

Mandarei ou virei em demanda da carta, quando se dignar ordenar-m'o.

--A carta?...--perguntou ella--Pois não me aconselhou que não escrevesse?

--Não ousei tanto, minha senhora; aconselhei-a tão sómente a que me

permittisse consultar el-rei meu amo; porém, depois do segredo que

confiei á sua honra, quanto aos sentimentos de sua magestade, e depois

de assistir á magua que taes sentimentos lhe occasionaram, receio que v.

s.ª não queira que o seu destino dependa da vontade d'el-rei...

--El-rei decerto não quer a minha desgraça...--balbuciou ella.

--Quizera elle, senhora, dar-lhe n'este mundo venturas que os anjos do

céo lhe invejassem...

Maria Isabel declinou os olhos ao rosto da filha, que parecia querer com

a fixidez do olhar supprir a mingua do entendimento.

E, n'este lance, as lagrimas abrolharam a torrentes, porque, ao lado da

cabeça de Angela, figurou-se-lhe vêr o rosto do marido, perdido por

ella, e, áquella hora, talvez, traspassado de saudades de sua filha.

Ai! aquella mãe e esposa presentiu que havia de escorregar á voragem das

deshonradas, embora resvalasse por ladeira de ouro, e lhe pozessem á

flor do seu pégo de lama uma corôa de rei!

XIV

Na correntesa dos referidos casos passados em Lisboa, Domingos Leite

Pereira, desmentindo os informadores de D. João IV, vivia pouco menos de

obscuro, nos arrabaldes de Madrid, gastando restrictamente o que seu pae

lhe enviava com grande resguardo e difficuldade.

Ideára elle que sua mulher, quer por compaixão, quer a rogos de Angela,

lhe escrevesse, dizendo-lhe, ao menos, que a filha chorava. Esta dôr

filial quizera elle que lhe fosse desafogo ás suas.

Mentira o rei quando affirmára que Domingos Leite se pavoneava de

desmacular sua honra de marido, matando directa ou indirectamente o

padre. Nunca elle articulou o nome da mulher, nem consentira de boa

feição que lhe alludissem aos motivos da fuga. A Roque da Cunha rogava

que não deslustrasse o nome de sua innocente filha, divulgando as

affrontosas desventuras da mãe.

Mostrava-se muito commiserada da tristesa e soledade de Domingos Leite,

D. Vicencia Corrêa. Convidava-o miudas vezes a passar com ella, e

acintemente reunia em sua casa os filhos da marqueza de Montalvão, o

conde de Figueiró, Diogo Soares, o senhor de Regalados, e outros dos

muitissimos portuguezes que juraram fidelidade a Filippe IV. A fidalguia

rodeava-o de attenções, sem o desengolpharem da sua tristesa, nem,

sequer, o moverem à cortez condescendencia de negar a legitimidade de D.

João IV. Roque reprovava-lhe a ingratidão, a falta de tino politico, e o

perigo em que elle se expunha de não ter amigos em Portugal nem em

Castella. Respondia então o desterrado que os recursos de seu pae tanto

lhe davam um pão negro em Madrid como em qualquer outra parte do mundo;

e que tanto lhe fazia estar ali como em outro ponto da terra, pois, fóra

de Portugal, toda a terra lhe era exilio.

E accrescentava:

--Olha, Roque... Fui menos infeliz do que esperava, porque te vejo

contente em Madrid.

--Contentissimo--confirmou o enteado do desembargador--Tenho cem escudos

da junta dos portuguezes, cincoenta de meu padrasto, o nobilissimo

Guedelha; serei brevemente nomeado criado do paço; e, quando Portugal

voltar ao que era em 31 de novembro de 1640, uma das boas commendas do

teu marquez de Gouvêa, ou d'outro quejando rebelde, será minha!

--Bem fallado!--disse, sorrindo, Domingos Leite--Eu, no teu logar, ia

requerendo uma boa commenda em Hespanha, na incertesa do reviramento que

desejas em Portugal. Bem sabes quantas investidas tentam ha sete annos

os hespanhoes contra a nossa milagrosa independencia. Pergunta-o aos

melhores cabos de guerra: ao duque de Feria, ao marquez de Castroforte,

ao conde de Monterey, ao marquez de Mollingen, ao marquez de Torrecusa...

--\_Et c½tera\_...--atalhou Roque da Cunha--Espera-lhe pela volta. O duque

está sem dinheiro e sem gente. Se não fosse o judeu Jeronymo Dias, não

haveria fôlego dinheiroso que lhe desse vinte cruzados pelas lettras de

cambio.

Esta replica era tristemente verdadeira. Quando D. João IV necessitou

comprar em Amsterdão petrechos de guerra, ninguem lhe quiz honrar a

firma; por maneira que as lettras foram apregoadas na praça, para serem

protestadas. N'esta conjunctura, o hebreu expulso, Jeronymo Dias da

Costa, resgatou do opprobrio o nome do rei e talvez a honra da patria,

pagando as lettras e abrindo os seus thesouros á causa da independencia

da nação, que lhe queimava os parentes. E tão grandemente qualificou D.

João IV este serviço, que despachou Jeronymo Dias com a patente de seu

ajudante, honra que o successor na corôa confirmou em Alexandre e Alvaro

Nunes da Costa, filhos do hebreu; mas, no seguinte reinado, D. João V

não consentiu que o emprego se desse ao neto por ser judeu, \_como se seu

pae e avós fossem christãos\_, diz com ironica elegancia D. Luiz da

Cunha.[6]

Domingos Leite não redarguia triumphantemente aos argumentos de Roque,

senão recorrendo-se dos factos mais eloquentes que as hypotheses.

Todavia, o animo abatido e desvigorisado para contendas politicas

esquivava-se a disputações.

Em horas de desalento, a só no seu retiro, escrevia cartas ao marquez de

Gouvêa, todas alheias da guerra travada entre as duas nações no mais

alto ponto de encarniçamento. Eram lastimas de pae, por onde se

transluzia a esperança de apiedar com ellas D. João IV. Taes cartas ou

não chegaram ao conhecimento do mordomo-mór, ou o estadista meticuloso

as inutilisou, por entender quanto seria malogrado o intento com el-rei.

O marquez espiava os passos surdos de Antonio Cavide, e usava traças de

lhe explorar o recesso da alma, durante o postre de um jantar bem

lardeado de taças. Se o fidalgo farejára um segredo, cuja revelação iria

angustiar o desterrado, nobre e caritativo era o silencio; e boa prova

de amisade seria têl-o afastado do reino por modo que ignorasse sua

deshonra, e o derradeiro golpe lhe não fosse vibrado por mão de um amigo.

Em frustradas esperanças de perdão ou sequer de resposta, ás suas

cartas, passaram tres acerbos mezes na vida erma e desconfortada do pae

de Angela.

Em começo do mez de abril de 1647, appareceu em Madrid um portuguez,

foragido ao santo officio; e, sabendo acaso que Domingos Leite Pereira

estava ali homisiado e pobre, bem que de leve se conhecessem, procurou-o

para lhe offerecer quinhão da sua abundancia.

Francisco Mendes Nobre, que assim se chamava o christão-novo,--e então

orçava por vinte e cinco annos--conhecia de vista Maria Isabel; e, como

residisse perto do Salvador, muitas vezes vira a menina com sua mãe.

Consolação immensa para o saudoso pae ir ali um enviado da Providencia

fallar-lhe de sua filha, da sua bellesa, dos anneis dos seus cabellos,

da côr dos seus mantos, da graça do seu andar, e até da pallidez das

facesinhas, onde parece que as lagrimas haviam arado o frescor da puericia!

Domingos Leite chorou nos braços d'este quasi desconhecido que de

sobresalto lhe senhoreára o coração.

E Francisco Mendes, captivo da expansão de Domingos Leite, animou-o a ir

secretamente a Portugal buscar a filha, facilitando-lhe recursos

abundantes para a empresa, e dinheiro em Madrid para subsistencia de

ambos, a não querer Domingos Leite acompanhal-o para Hollanda. Alem

d'isso, deu-lhe duas chaves de dois predios em Lisboa, dizendo-lhe:

--Tem vm.ce esta chave que é da minha casa na rua dos Vinagreiros, e

est'outra da casa em que eu morava na rua das Olarias.[7]

Sirva-se da casa que melhor lhe quadre, ou de ambas, para as suas

sortidas nocturnas. Se vir que os quadrilheiros o suspeitam em uma, vá

esconder-se na outra: isto é no caso de que o santo-officio as não haja

sequestrado; mas presumo que não, por que eu, apenas soube que um meu

parente remoto foi preso, escapuli-me com o melhor e mais portatil dos

meus haveres, comprando muito cara a passagem nas fronteiras ao conde de

S. Lourenço, que é um honrado christão velho, desde que o hebreu Lafeta

conquistou foros de christão mais velho que o proprio Christo.

(\_Nota 21.ª\_)

O israelita, cuidando que preparava dias alegres e resignados ao seu

amigo, despenhava-o da esperança na ultima paragem da perdição.

Participou Domingos Leite a Roque da Cunha o seu designio.

--O diabo arma-as!--contraveio Roque--Não vás, doido! Tu não sabes onde

te vaes metter... Olha que em Lisboa já se sabe que és cavalleiro de

Christo em Hespanha, e que os ministros de Filippe IV são teus amigos.

--Mal os conheço...

--Porque foges d'elles, ingrato! e foges d'elles porque a tua perdição

te chama a Portugal.

--O que Deus quizer. Não me despersuades. Vou buscar minha filha. Se me

prenderem, se me matarem, é-me indifferente acabar de um golpe ou

agonisar n'esta arrastada tortura da saudade. Um favor te peço.

--Que vá comtigo? Nego-me. Matei um homem, por que a tua honra m'o

exigiu; deixar-me agora matar, porque és um fraco, um piegas, que não

póde viver sem a filha, isso é que não assigno.

--Espera, homem, que eu ainda te não disse o que pretendia--replicou bem

humorado Domingos Leite.

--Dize lá, então.

--Quero que obtenhas uma ordem para que o marquez de Molinguen,

governador das armas em Badajoz, me dê passo franco para Portugal.

--Isso te arranjo eu. E dinheiro, queres?

--Não. Achei aqui um portuguez que me soccorreu, um christão-novo.

--E despresas os soccorros dos christãos-velhos! Ora queira Deus que o

tal judeu te não leve ao calvario como fizeram ao seu rei. Como se chama

elle?

--Desculpa-me: pediu-me segredo da sua passagem por Castella.

--E tu, Domingos Leite Pereira, tens segredos para Roque da Cunha?

--E para meu pae que me pedisse o nome de um homem que confia tanto nos

dominicos de Lisboa como nos de Madrid. Os segredos da minha deshonra,

revelei-t'os; os da consciencia alheia não devo, nem posso.

--Nem eu quero sabel-os. Foi mera curiosidade que me levou a

perguntar-te o nome do teu banqueiro hebreu. Leva-te grande onzena?

--Não. O juro das esmolas recebe-se no ceu.

--A pagal-os lá, todas as burras judaicas da Hollanda vazaria eu

a juro de 200 por cento ao mez!--volveu cascalhando Roque, e

accrescentou:--Quando partes?

--Logo que me obtenhas a ordem para o general.

--Vou tratar d'isso. Entretanto, pensa, Domingos Leite! Que plano levas?

--Por emquanto, nenhum.

--Raptas a pequena, e foges?

--Não: se poder convencerei Maria Isabel a deixar-m'a.

--Se o conseguires, serás feliz; mas duvido que a mãe te dê a pequena.

Se tua mulher quizer acompanhar-te, vem?

--Não.

--Bom será isso; que, se a trazes, depois que a devassa esclareceu a

morte do padre, tão infamada está ella em Portugal como em Hespanha.

--Sei o que devo á minha dignidade, Roque. O rubor das minhas faces não

hade aquecer a dos meus amigos.

--É o que todos desejamos. Vou em teu serviço. O mais tardar ámanhã,

terás a ordem do ministro valido D. Luiz de Haro.

XV

Na noite de 10 de abril de 1647, por volta das onze horas, chegou

Domingos Leite aos arrabaldes de Lisboa, os quaes, do lado da Senhora da

Graça, eram povoados de quintas, cujas casas, debruçadas pelos outeiros

da serra de Almofala, o luar froixo d'aquella noite amarellecia

tristemente.

Ahi descavalgou Domingos Leite, despediu o arrieiro que o conduzira

desde Moira, e esperou o repontar da manhã, hora em que as trinta e oito

portas de Lisboa se franqueavam.

Com a gualteira do ferragoulo encapuzada, entrou de involta nas récovas

das vitualhas, e desceu, estugando o passo, pela ingreme calçada da

senhora da Graça, metteu por beccos ainda desertos, e parou na rua dos

Vinagreiros. Abriu a porta, depois de examinar a numeração da casa, e

fechou-se por dentro, com a certeza de que ninguem o vira. Subiu

tateando no escuro das escadas até ao quinto andar, que sobranceava os

telhados visinhos; abriu as janellas, respirou com offegante prazer o ar

do Tejo, que, áquella hora matinal, emquanto as adufas não resfolegavam

a peste interior das casas, era saudavelmente respiravel. Entre as

setenta e duas torres de Igrejas procurou a de S. Thomé, porque d'ali

perto estava a Portaria do Salvador, e nesse sitio lampejava aos

primeiros raios do sol um zimborio que era o da caza onde áquella hora

devia estar dormindo a sua Angela. A manhã era d'abril, o ceo azul, o

Tejo formoso; n'aquelle ar da patria resoavam-lhe os cantares que só

percebem almas volvidas do desterro. Estes jubilos eram-lhe revesados de

tristezas amarissimas, ao lembrar-se que a tão donairosa e poetica

Lisboa lhe seria apenas uma paragem de horas com perigo da sua

liberdade; porém, o anhelante desejo de ver a filha, o evadir-se com

ella, e a solidão do proscripto dulcificada pela convivencia da creança,

davam-lhe alento e alternativas de exultação.

Previra Domingos Leite que na casa de Francisco Mendes Nobre, com toda a

certeza, não moravam fadas lareiras que lhe cosinhassem o jantar. Esta

racional hypothese, não vulgar nos personagens das novellas, preveniu-o

fora de portas, indusindo-o a comprar dois pães saloios, com que

substituiu frugal e alegremente os dois repastos do dia. E, como as suas

horas eram muitas e vagarosas, examinou os repartimentos da casa do seu

recente amigo e bemfeitor, maravilhando-se da belleza dos adornos, do

aroma feminil que recendia das alfaias, e disposição graciosa dos

objectos, posto que se estivesse em tudo revelando um abandono subito e

desordenado. Deprehendêra Domingos Leite que d'aquelle recinto fugira ao

mesmo tempo a timida amante do christão novo, e essa devia ser a formosa

mulher que elle, um momento, vira em Madrid, quando se despedira de

Francisco Mendes.

Assim que escureceu, e antes que o luar apontasse, Domingos Leite sahiu.

As noites da Lisboa d'aquelle tempo eram apenas alumiadas pelas lampadas

dos oratorios vazados entre as adufas. Os quadrilheiros rondavam em

magotes, receosos dos turbulentos fidalgos cujas delicias eram investir

com elles e soval-os, se os pilhavam repartidos. Facil, por tanto, foi a

Domingos Leite entrever de longe os vultos suspeitos, e furtar-se a

seguro, por bêccos conhecidos, até se avisinhar da Portaria do Salvador.

Quando alli chegou, todas as janellas e portas de sua caza estavam

fechadas. Nos trez andares, e ao travez das trinta janellas, não

translusia claridade de luz; mas, por entre os resquicios de um frestão,

ao rez da rua, no quarto dos criados, viu Domingos Leite que havia luz,

e a espaços ouviu o ruido de passos.

Temendo que os criados já fossem outros, hesitou em dar signal; mas,

porque a noite se adiantasse, e o medo de ser conhecido pelos

transeuntes o obrigasse a fugir por vêzes da visinhagem da casa,

resolveu bater no postigo e proferir o nome do escudeiro, que o servia

desde que elle entrára no paço da duqueza de Mantua, na qualidade de

môço da capella.

--Bernardo!--murmurou Domingos Leite tocando subtilmente no postigo.

--Quem está ahi?--acudiu alvorotado o velho escudeiro, afigurando-se-lhe

a vóz do amo.

--Eu: não me conheces? Abre depressa: mas não faças rumor--disse elle

collando os labios ao frestão.

O criado abriu o postigo, reconheceu o amo e exclamou:

--Nossa Senhora da Graça! é vossa mercê, sr. Domingos Leite?!

--Sou... abre-me a porta; mas que não se ouça lá em cima.

--Aqui estou eu sosinho e mais ninguem--murmurou Bernardo.

--O que? e minha filha? e... tua ama?--exclamou Domingos Leite conturbado.

--Eu vou abrir, eu vou abrir.

Recolhido ao quarto do escudeiro, que o abraçava pelos joelhos, perguntou:

--Onde está minha mulher?

--Hade haver quinze dias que sahiu de caza.

--Para onde?

--Não sei dizer a vossa mercê.

--Como não sabes?! iria para Hespanha?

--Não, senhor. Está em Lisboa; mas não sei onde está. Tudo que havia em

casa, ficou como estava. A senhora levou tão somente dois bahús com

vestidos seus e da menina. Despediu os criados que eramos tres; e fiquei

eu só para ter conta na casa; levou uma criada, e a preta que creou a

menina, e despediu as outras. Deixou-me dinheiro para um mez, e disse-me

que, no mez que vem, cá mandaria entregar-me egual mezada á que me

deixou. Eu desconfiei que a minha ama e menina teriam ido recolher-se em

algum convento; mas quero cuidar que, se fosse isso, a senhora m'o diria

para que eu podesse saber d'ella e da minha ama pequena, que tantas

vezes chorou aqui n'este quarto por vossa mercê...

--Viste-a sahir de casa?--atalhou Domingos Leite.

--Não, meu senhor. Sahiram tão de madrugada que eu apenas dei tento da

sahida ouvindo o tropel dos machos da liteira.

--Da liteira da casa?

--Não, senhor. Logo que vossa mercê sahiu de Lisboa, d'ali a dias, minha

ama mandou-me vender os machos, o cavallo, a liteira, a cadeirinha, e

tudo mais.

--Quem vinha a esta casa depois que eu me retirei?--perguntou mais

tranquillo Domingos Leite, abraçando, contra a opinião do criado, a

hypothese do convento.

--Apenas aqui entrou trez vezes...

--Quem?

--O sr. Antonio de Cavide...

--Oh!--exclamou o marido de Maria Isabel, arregaçando as palpebras, como

se os olhos tumidos de terror ou ira não coubessem nas orbitas--Que

dizes tu? Antonio Cavide? o secretario d'el-rei? conhecel-o bem?

--Se conheço, senhor!... e mais eu nunca o vi aqui entrar senão ao fim

da tarde, entre lusco-fusco...

--Dize-me o que sabes...--clamou desabridamente Domingos Leite, batendo

no hombro ao amedrontado escudeiro.

--Não sei mais nada, meu amo... Ah!.. outra coisa... depois que o Cavide

aqui veio, as criadas disseram-me que a menina era açafata do paço...

--O que? açafata!?.

--Sim, meu senhor, e por signal todos começamos a tratar a menina por

\_senhoria\_ e \_dom\_, porque a mãe assim o ordenara ás criadas...

--Que mais, Bernardo, que mais?--soluçava em violento arquejar Domingos

Leite, com os pulsos fincados nas fontes e os olhos espavoridos na cara

atribulada do criado.

--Nada mais sei.

Quedou-se alguns minutos em silencioso anceio; e de subito disse ao criado:

--Que ninguem saiba que estou em Lisboa...

--Ó meu amo!--volveu Bernardo--permitta Deus que a morte me colha, se

alguem o souber de mim...

--Fecha as portas, que eu vou sahir; mas não durmas, que eu talvez tenha

de voltar aqui esta noute. Vai ao meu quarto, e...

--Não tenho as chaves do quarto de vossa mercê.

--Arromba a porta e traze de lá os meus pistoletes para aqui; se eu

voltar esta noite, dar-m'os-hás pelo postigo, logo que eu te der signal,

e te chamar.

--Onde vai o meu amo!... pelas chagas de Christo, pense no que vai

fazer...--rogou o velho de mãos erguidas.

Domingos Leite encarou-o de ruim aspecto, e interrogou:

--Que cuidas tu que eu vou fazer?! Então sabes onde está essa mulher?

Dize, Bernardo! Ordeno-te que m'o digas!..

--O Senhor dos Paços da Graça me tolha esta lingua se eu sei onde está

minha ama.

Domingos Leite sahiu em direitura ao \_Bairro da Marinha\_, que assim

chamavam á parte da cidade convisinha do Tejo. Ahi, contiguo ao convento

dos \_hybernios\_ ou dominicanos irlandezes, era o palacio do marquez de

Gouvêa, somente habitado durante o inverno.

Soavam onze horas no relogio do paço da Ribeira, quando Domingos Leite

aldravava no portão do mordomo-mór, com o desassombro do seu tempo de

secretario. Fallou o porteiro pelo postigo, e disse que o sr. marquez

estava na cama. Instou Domingos Leite por lhe fallar, dando-se a

conhecer ao pavido porteiro, que levou a noticia ao fidalgo.

Ergueu-se o marquez sobresaltado, e foi receber Domingos Leite,

ordenando ao porteiro que escondesse dos mais criados a vinda d'aquelle

infeliz a Lisboa.

--Vossemecê aqui?!--exclamou o mordomo-mór.

--É verdade--respondeu Domingos Leite com semblante em apparencia

socegado--venho perguntar a V. Ex.ª se me sabe dizer onde está Maria

Isabel.

O marquez olhou-o compassivamente, deteve-se silencioso, apoiou a fronte

entre os dedos entrelaçados, deu um gemido de sincera magua, e murmurou:

--Fuja, desgraçado; saia de Lisboa... A que veio aqui?

--Buscar minha filha. Não disse eu tantas vezes em minhas cartas a V.

Ex.ª que morria de saudades d'ella? Venho buscal-a; mas, não a achando

nem a mãe na casa onde ficáram, pergunto a V. Ex.ª onde estão.

Apoz longo silencio do interrogado e rapida mutação no aspecto de

Domingos Leite, o marquez, dados alguns passeios na sala, perguntou:

--Contenta-se com levar sua filha, sr. Leite?

--É minha filha unicamente que eu quero levar.

--Vou esforçar-me pelo conseguimento d'esse desejo.

--Beijo as mãos de V. Ex.ª; mas devo ignorar onde ella está?

--Poderia sabêl-o, se tivesse pela mãe todo o desprezo que ella merece.

--Prostituiu-se? Bem vê V. Ex.ª que eu lhe faço esta pergunta com a

maior serenidade. Não vê?

--Desconfio que não.

--Creia, sr. marquez; se eu tirar a minha filha do abysmo em que está

Maria Isabel, visto-me de gala... Mas como foi este rapido despenho da

malfadada, por quem eu me perdi?

--Jure-me que hade ser homem de bem!

--Juro a V. Ex.ª que heide ser homem de bem até o provar no patibulo,

onde os malfeitores ouvem o pregão da sua infamia.

--Que está ahi a imaginar patibulos! Os homens de bem não vão aos

patibulos.

--Isto foi um modo figurado de fallar. Deus hade permittir que eu não

expie na forca as devassidões da barregan de... De quem? ainda V. Ex.ª

me não disse de quem...

--De D. João IV--respondeu serenamente o fidalgo.

--Veja, sr. marquez, que esse augusto nome não me colheu de assalto. Eu

tinha-o suspeitado, logo que um meu criado me disse que Antonio de

Cavide frequentava a casa da mulher perdida.

Nos beiços de Domingos Leite crispava o que quer que fosse analogo a um

sorriso, como se as dôres lancinantes da nevralgia facial lhe vibrassem

os musculos labiaes. O marquez contemplava-o. E elle, sem poder

exprimir-se, exercitava com as mãos e cabeça uns gestos significativos

de torvação.

--Sr. Leite...--disse o mordomo-mór, tocando-lhe affavelmente na mão

esquerda com que elle comprimia o coração.

--Sr. marquez...--respondeu muito abatido Domingos Leite.

--Força e alma!

--Sinto que tenho ambas as cousas... e demais! Antes Deus me fizesse

mais fraco.

Passados momentos, proseguiu:

--Parece incrivel, mas é atrozmente verdade, que eu peço e desejo que V.

Ex.ª me conte como ella se perdeu... Não foi por necessidade, que eu

tudo que ella tinha lhe deixei. Não foi por paixão, por que o rei não

tem as graças fulminantes que prostrem n'um estrado ou n'um leito real a

mulher de alguma honestidade. Então que foi? um longo trabalho de

seducção? uma cadeia de perfidias que deram de si a posse pela violencia

imprevista? Não pode ser. Ha trez mezes que eu sahi do reino, e ha

quinze dias que a rameira se mudou para o real bordel... Como foi isto

então, sr. marquez? Faça de conta que refere a historia a um estranho,

que afinal se hade rir do marido, e achar que o rei não tinha obrigação

de ser mais honrado que o padre Luiz da Silveira...

Domingos Leite, n'este ponto do seu lento e sinistro discorrer,

desfechou uma risada estridula que fez frio na espinha dorsal do

fidalgo; e logo abruptamente continuou com a maxima gravidade:

--Mas quem diz aos reis que elles são mais invulneraveis que os padres?

--Falle baixo!--acudiu o marquez chegando-lhe a mão tremente até aos

beiços--Sr. Leite, olhe que ha muita gente n'esta casa... Peço-lhe que

me não exponha, e peço-lhe que se não precipite irremediavelmente...

--Eu fallarei baixinho, sr. marquez--replicou Domingos Leite, quasi em

segredo--Perdoe-me V. Ex.ª estas explosões; são relampagos sem raio. Eu

não faço mal a ninguem. Sou um proscripto... um proscripto da laia de

João Lourenço da Cunha, que lá em Castella usava pontas de ouro. Ora eu,

que sou pobre, heide usal-as... da sua natural materia...

E riu rispidamente, esfregando com phrenesi as mãos nos joelhos, com

umas figurações de louco.

--Valha-me o ceo!--tornou o marquez de Gouvêa--Cuidei que o infortunio

de muitos, em casos desta natureza, lhe daria o exemplo do que é a

verdadeira dignidade de um marido...

--Qual é? o despejo?

--Não: é o desprezo.

--E por ventura que sinto eu senão o desprezo por ella? Mas a mim é que

eu não posso desprezar-me tambem, sr. mordomo-mór! De uns homens, como o

conde D. Gregorio Castello Branco, sei eu que não só não desprezam mas

até acatam suas mulheres, se D. João IV houve por bem diffamar-lh'as.

Não sei se esta tolerancia é cortezia apprendida na frequencia da côrte.

Eu... bem sabe V. Ex.ª que sou da arraia miuda, e creio ainda que me

seria mais airoso ter uma esposa honesta que ter-m'a no seu leito el-rei

nosso senhor...--E ria-se!

--Meu amigo--redarguiu tanto ou quanto impacientado o

mordomo-mór--desculpo-lhe o desabafo das ironias, e até lhe desculparia

as mais aceradas injurias a quem quer que fosse; mas não é assim que o

seu destino hade melhorar, sr. Leite. Respeitemos a fatalidade e

remediemos o que poder ser.

--Diga V. Ex.ª, meu nobre amigo.

--Sua mulher, querendo ir para Castella unir-se a seu marido com sua

filha...

--Ella!.. ella unir-se a mim?

--Ou subjeitar-se ao despreso, com tanto que podesse aliviar-lhe a

desgraça levando-lhe a menina, sua mulher, repito, quiz vender os bens;

mas a justiça impediu-lh'o. Consultou-me sobre solicitar d'elrei a

licença; eu desapprovei-lhe semelhante recurso; ella menospresou o meu

conselho, e fallou ao rei. Mal sei o que passou entre ambos. O que facil

me foi saber de pessoa competente foi que el-rei, por intermeio de

Antonio Cavide, é hoje o que o sr. Leite sabe. Agora que de fugida lhe

disse o que me affligiu grandemente referir-lhe, vamos ao ponto, vamos

satisfazer o motivo que o trouxe a Portugal. Quer sua filha?

--Sim, sr. marquez.

--E, obtida ella, retira-se sem estrondo, sem escandalo?

--Immediatamente.

--Pois então vá o sr. Domingos Leite para sua casa, e ámanhã dê-me ponto

onde eu o encontre ás dez da noute. Não venha aqui. Onde se alojou?

--Na caza deshabitada de um amigo.

--Aonde?

--Na rua dos Vinagreiros. Seria difficil a V. Ex.ª achar de noute o

numero da porta.

--Espere... Ás nove em ponto o meu coche hade estar nas teracenas.

Vossemecê vai aforrado, entra, e lá me encontra. Então lhe darei noticia

das minhas diligencias de ámanhã. Entretanto, se eu antes d'essa hora

tiver precisão de lhe dar aviso, como hade ser?

--Em casa de Maria Isabel está um criado a quem V. Ex.ª pode mandar

qualquer aviso, que elle irá communicar-m'o.

--Tranquillize-se, sr. Leite, seja homem; sem isso não pode lograr a

satisfação de ser pae extremoso.

Domingos Leite curvou-se até beijar a mão do marquez, e sahiu.

XVI

Esperava-o Bernardo com o ouvido collado ao postigo.

Domingos Leite entrou no quarto do criado, sem sensivel mudança no

rosto. Palavra, que denunciasse as revelações do marquez, não proferiu

alguma. Bernardo perguntou-lhe a mêdo se descobrira a paragem da

senhora. Respondeu que não: disse verdade.

Conversaram ácerca de Angela. O pai perguntava coisas tão

insignificantes que parecia futilissimo, se não fosse desgraçado em

extremo. O criado insistiu outra vez em lhe recontar o caso de ser a

menina açafata. Transtornaram-se as feições do amo. Ouviu-lhe o

escudeiro um ringir de dentes asperrimo, e um como rugido estrangulado

nos gorgomillos. Ás duas horas da noute, Domingos Leite pediu ao criado

alguns sobejos da sua ceia. Sentia-se esvaecer de fraqueza. Comeu e disse:

--Aqui tens meio cruzado pela ceia e pelo repouso de duas horas.

--Ó meu amo!--exclamou Bernardo--vossa mercê falla serio ao seu velho

criado?!

--A ceia deu-te a soldada de tua ama e a casa em que me abrigas d'ella

é. Tu vendes-me parte do que é teu.

--Não o intendo, senhor.

--Deixa-me encostar a cabeça, que ha quatro noutes que não durmo e hei

medo de insandecer. Antes de romper a manhã, acorda-me.

Pouco depois, Domingos Leite, sopitado em lethargia de febre, sonhava

alto, pronunciando vozes que gelavam de pavor o criado. Eram apostrophes

em que o nome suavissimo da filha se envolvia com expressões indecentes

e epithetos que entram sem rebuço nos alcouces. De mistura, estallavam

ameaças de sangue, e a palavra \_rei\_ soava bem distincta por entre as

objurgatorias que a precipitação tornava inintelligiveis.

O escudeiro, mais supersticioso em sonhos que esperto em tirar

inferencias da vida real, compoz com as phrases soltas que ouviu a

desgraçada situação de seu amo. Chorou então copiosamente ajoelhado á

beira do catre.

Á hora em que devia chamal-o, o amo adormecera serenamente e a febre

remittira. Bernardo pediu conselho ao seu retábulo do Senhor dos Passos,

sobre deixal-o descançar ou espertal-o d'aquelle tão curto dormir.

Figurou-se-lhe que a vontade divina lhe inspirava que deixasse o infeliz

restaurar forças para succumbir depois de muitas e acerbas batalhas.

Era já nado o sol havia muito, quando Domingos Leite espertou. Bernardo,

entre receios e lagrimas, disse-lhe que o não chamara, porque á hora

aprazada adormecera seu amo, depois de arder em febre agitadamente.

--Mas porque choras tu?--perguntou Domingos Leite.

--Porque choro, senhor!... Ai! quem o viu, quem o viu, meu querido senhor!

E abraçou-se n'elle, abafando-lhe os gritos no seio.

O infeliz deixava-se abraçar, e murmurava:

--É verdade, Bernardo!... quem me viu!... O que era eu ha sete annos!

Tão festejado, tão alegre, tão rico, tão esperançado... E agora!...

sabes tu lá quanto eu sou digno de compaixão!...

Não tinha o ceo beneficio maior a dar-lhe que o d'aquella torrente de

lagrimas...

--Como heide eu sahir d'aqui a tal hora?--disse elle ao criado.

--Se não tivesse grande precisão de sahir, que mal estaria aqui vossa

mercê?--e proseguiu com risonho modo--Se ficar, paga-me o alimento e a

dormida...

--Ficarei--conveio Domingos Leite--Olha, Bernardo se eu podesse ver a

cama de minha filha... o berço, aquelle berço em que ella ás vezes

dormia no meu quarto...

--Lá está ainda debaixo do leito de vossa mercê. Nunca mais entrou

alguem na sua alcôva. A menina muitas vezes pediu á mãe que a deixasse

lá entrar; mas a senhora--isto vi eu!--indo uma vez a entrar, para fazer

a vontade á filhinha, assim que deu com os olhos nas coisas como vossa

mercê as deixou, rompeu em tal choro que sahiu d'ali quasi nos meus braços.

Domingos Leite interrompeu-o asperamente.

--Cala-te, homem... O nome d'essa mulher nunca mais o pronuncies na

minha presença, se me estimas!

Pareceram rapidas as horas d'aquelle dia a Domingos Leite.

Encerrou-se no seu quarto, lendo e rasgando papeis tirados dos seus

contadores, memorias da sua mocidade, extractos das suas leituras,

escriptos politicos com que seu talento ganhara a estima do marquez de

Gouvêa, bilhetes de João Pinto Ribeiro e do desembargador João Sanches

de Baena, de incumbencia ou de agradecimento de serviços prestados

arriscadamente ao duque de Bragança.

A espaços, o escudeiro encontrava-o com a face debruçada sobre os

braços, amparando-se no bofete. Quedava-se o velho soffreando a

respiração para o ouvir dormír; e ás vezes confundia os soluços com o

alto respirar d'um somno irrequieto. Outras vezes achava-o curvado sobre

o espaldar do berço, com os olhos marejados a embevecerem-se na

almofada, em quanto o leitosinho se balouçava movido pela mão.

Neste lance temia o velho que seu amo enlouquecesse, parecendo-lhe muito

mulherengo aquelle acto de estar um homem acalentando um berço vasio.

Ahi pelo meio da tarde, o guarda-portão do marquez de Gouvêa procurou o

escudeiro de Domingos Leite, e, com muito resguardo, o encarregou de

levar um papel lacrado a seu amo.

Bernardo fôra prevenido desta mensagem. Acceitou carta, sem dizer ao

portador que seu amo estava ali.

O contheudo era a prorogação do encontro para a noite do seguinte dia,

visto que nada podia resolver sem mais algumas horas de actividade.

O mordomo-mór não tinha descançado. Vamos no encalço d'este leal amigo

de Domingos Leite Pereira.

A hora desacostumada na manhã d'aquelle dia fôra em seu coche acordar o

secretario d'estado Antonio de Cavide. Relatou-lhe, tão ingenuo quanto

imprudente, a vinda clandestina do marido de Maria Isabel, de proposito

para levar a filha comsigo a Madrid, e continuou:

--Tem V. S.ª[8] occasião de fazer grande serviço a el-rei, á

sua amante, á filha de Domingos Leite, a este desgraçado homem e a mim.

Tantos favores a tantas pessoas em pouco esforço estão. Consiga V. S.ª

que Maria Isabel me entregue a menina que eu lhe prometto sahir Domingos

Leite de Portugal na mesma hora em que eu lh'a restituir. Por este modo,

evitamos que o marido exasperado publique o destino da mulher; evitamos

dissabores a el-rei; evitamos grandes pesares e talvez remorsos a essa

mulher, finalmente resgatamos a menina de uma situação pouco exemplar.

--Diz V. Ex.ª optimamente--obtemperou Antonio Cavide--Vou vestir-me, e

saio em direitura para Alcantara a procurar Maria Isabel. Não sei se

poderei vel-a, porque el-rei está hoje a caçar na tapada do palacio, e a

sua \_Diana\_ deu agora em querer segurar a tréla dos falcões--ajuntou o

velhaco sorrindo--No entanto, aguardarei \_\_ o ensejo de me ver a só com

ella. V. Ex.ª conhece o genio de el-rei. Se eu lhe digo que o temerario

Domingos Leite, affrontando a justiça, ousou metter-se em Lisboa, temos

na rua os corregedores todos com a sua matilha de esbirros na piugada do

pobre homem, que será aperreado depois do que nós sabemos...

Aqui arregaçou o secretario outro riso infame e prosseguiu:

--O melhor será que ella diga a el-rei que de seu moto proprio envia a

pequena ao pai. El-rei não lh'o impede, porque a presença da creança o

estorva; e as coisas feitas assim ficam excellentemente feitas.

--Muito bem--concordou contentissimo o mordomo-mór--A que horas calcula

V. S.ª poder responder-me?

--Ás duas da tarde devo estar de volta de Alcantara. O Domingos Leite

está hospede de V. Ex.ª?

--Não, sr--respondeu ingenuamente o marquez--disse-me que se recolhera á

rua dos Vinagreiros, e eu fiquei de me encontrar com elle á noite, ou

avisal-o hoje de qualquer nova.

--Pois eu vou satisfazer a V. Ex.ª; entretanto, esse infeliz que tenha

cuidado sobre si, porque de Madrid tem vindo confidencias a el-rei muito

aggravantes para Domingos Leite e para o tal Roque da Cunha, que

assassinou o padre Silveira. Eu ouvi dizer a Gaspar de Faria Severim

que, precisando de um fino espião em Madrid, o patife mais ajustado ao

intento era o tal Roque da Cunha; e sua magestade, que conhece os mais

egregios malandrins de Portugal e conquistas, approva o alvitre.

Domingos Leite que se precate... Isto revéllo eu muito á puridade a V.

Ex.ª por saber quanto esse desafortunado homem lhe é agradavel, e os

bons serviços que elle fez na restauração, escrevendo e fallando nas

juntas do padre Nicolau da Maya.

Retirou-se o marquez muito agradecido e esperançado no bom exito da sua

discreta ideia.

Antonio Cavide foi sem detença a Alcantara, apeou á porta do palacio

real, e soube que elrei estava almoçando. Perguntou se sua magestade era

sosinho; e, como lhe respondessem affirmativamente, deixou o côche, e

foi a pé em demanda de um palacete contiguo ao mosteiro das religiosas

do Calvario.

Residia ahi Maria Isabel Traga-malhas com sua filha, criadas e pagens. A

visinhança não a presumia theuda do monarcha. O fausto do viver

justificava-o naturalmente a fama dos seus teres. Dizia-se que a

desgraça do ex-escrivão do civel, seu marido, fôra causa d'aquella

retirada para longe do concurso da gente, e que o avisinhar-se de

mosteiro tão rigoroso era já indicio de profunda piedade a que se

acolhiam enormes desgostos. Isto resava a opinião publica que resa

sempre bem.

D. João IV recebia Maria Isabel, a horas mortas, por uma porta do

extremo da tapada. Ás vezes, passavam-se dias inteiros sem que sua

magestade alvorotasse os gamos e veados da floresta; outras vezes, o

real caçador, com a escopeta atravessada sobre as pernas, e a fronte

pendida ao seio da sua \_Diana\_, como dizia o secretario, ouvia os

gorgeios dos rouxinoes emboscados nos olmedos e espinheiros. A opinião

publica não dizia isto: era Antonio Cavide, e mais algum fidalgo da

intima confiança do rei, que o segredavam entre si.

Annunciou-se o ministro a Maria Isabel. Sahiu a recebêl-o a

açafatasinha, e d'ahi a pouco a mãe com semblante de quem se espantava e

assustava da visita.

Expoz Cavide a sua mensagem, segundo o plano convencionado com o

marquez. Interrompera-o ella com exclamações, com esterismos, já

corando, já empalidecendo; quando, porém, o expositor chegou ao ponto

essencial, aconselhando a entrega da menina, Maria Isabel replicou

inflexivelmente que não dava sua filha, e que ninguem lh'a arrancaria

dos braços.

Desanimou o agenciador, receando desvaliar-se aos olhos de el-rei nos

olhos da sua amante. Pediu perdão de a ter aconselhado, beijou-lhe

mesureiramente a mão, e ergueu-se para sahir.

Perguntou-lhe, ao retirar-se, Maria Isabel se seu marido se alojára na

casa do Salvador. Respondeu Cavide que lhe constava estar Domingos Leite

na rua dos Vinagreiros.

Antes de duas horas da tarde, o marquez sabia que as diligencias do

secretario se malograram. Tergiversou entre desenganar e esperançar

Domingos Leite. Venceu-se alfim do mais generoso pensamento, resolvendo

ir pessoalmente fallar com Maria Isabel, calculando reduzil-a com o

vaticinio das funestas consequencias da sua recusação.

Quando ás quatro horas da tarde a procurou, a dama era fóra de casa,

posto que a sua aia dissesse estar de cama com subito incommodo. Maria

Isabel, sem prevenir o seu real amante, nem usar grandes resalvas de

honestidade, entrou no atrio do palacio com Angela pela mão, e foi

conduzida reverentemente ás salas.

D. João IV, mais contente que sobresaltado da inesperada visita, foi

receber a gentil comborça ainda mal enchuta das lagrimas. Referiu ella

com entrecortadas vozes, sem pejo da filha, e quasi deitada nos braços

do rei, o que passára com Antonio Cavide, e concluiu mostrando-se

receosa e até certissima de que Domingos Leite, não lhe tirando a filha,

seria capaz de matal-a. Era sincera no seu terror.

Tranquillisou-a o rei; e, sem medear tempo, mandou chamar Antonio

Cavide. Apartou-se com elle, e deu-lhe ordens rapidas. Ao cahir da

noute, o secretario d'estado entrava em Lisboa, a tempo que o marquez,

por palpite de maior desgraça, sabendo que o valido fôra chamado a

Alcantara, o estava esperando no seu palacio.

Cavide, vendo o mordomo-mor na sua sala de espera, acercou-se d'elle, e

disse-lhe ao ouvido:

--Não ha tempo a perder. V. Ex.ª saiba corresponder a esta

confidencia... Domingos Leite que se esconda, que fuja, porque vai ser

preso. Adeus. Vou procurar o conde de Odemira; vou cumprir ordens

d'el-rei. O amor é o diabo, sr. marquez, o amor é o diabo! Estas Dalilas

tosquiam o nosso Sansão, e queira Deus que o templo se não alúa sobre

elle e sobre nós...

--Biltre!--disse de si comsigo o marquez.

Era noute cerrada.

O mordomo-mór só confiou de si o melindroso aviso. Disfarçou-se com a

maior precaução, e foi á porta do Salvador.

Domingos Leite esperava ainda alguma nova, quando o escudeiro abriu a

porta ao desconhecido, que se intitulou enviado da pessoa que já ali

tinha mandado recado a seu amo.

Esquivava-se a dar-lhe entrada, quando Leite Pereira reconheceu a vóz do

marquez. Subiram para o primeiro sobrado. A terrivel noticia revelava-se

no aspecto do consternado fidalgo. Domingos comprehendeu-o.

--Nada feito, sr. marquez?

--Nada feito. Serei breve porque o tempo urge. Cavide fallou a Maria

Isabel na entrega da filha. Foi repellido. Quiz eu experimentar a

condição d'essa mulher. Procurei-a; mas não estava em caza. Devia estar

com el-rei. Perto da noute soube que o conde de Odemira ia ser

encarregado da sua prizão.

--Ainda bem!--exclamou Domingos Leite--Quero ser prezo!

--Não diga absurdos, que me faz arrepender de lhe votar tamanha amisade!

Quer ser preso! para que?

--Direi entre ferros quem é o rei de Portugal!

--Não dirá nada entre ferros, porque ha mordaças. De sobra sabia

Francisco de Lucena quem era D. João IV, e nada disse, morrendo

innocentissimo, e D. João IV de sobra sabia que Lucena morria

innocente... e deixou-o morrer. (\_Nota 22.ª\_) Não me conteste nem

resista, que perde o unico amigo que tem no reino. Fuja sem demora. Vá

para Madrid, se não prefere antes ir para França. Eu, á força de idear

traças de lhe restituir sua filha, heide conseguil-o cedo ou tarde.

Espero commover o rei, pintando-lhe a dor do infeliz marido e pae...

--De modo nenhum!--obstou Domingos Leite com azedume--Peço-lhe que me

não avilte, sr. marquez! Deixe-me morrer com dignidade! Não quero a

misericordia do tyranno, do adultero, do devasso, que eu por entre

punhaes de castelhanos e de portuguezes acclamei em Evora. Não quero

d'esse homem senão um saldo de contas que se hão de liquidar...

--\_Sio!\_--atalhou o marquez, tapando-lhe a bôcca, e sopesando os

cabellos que se lhe irriçavam de terror na fronte gelada.--Cale-se,

mentecapto!... cale-se! que, senão, eu maldigo a hora em que vim aqui!..

--Perdão, meu nobre amigo!--volveu Domingos Leite--Se v. ex.ª se

arrepende de vir aqui, repêso me sinto eu tambem de o haver procurado.

Entretanto, como v. ex.ª se me figura traspassado de um certo horror de

cumplicidade nos meus propositos de vingança, o meu dever é preserval-o

de susto, retirando-me ámanhã para Castella.

--Ámanhã não, hoje, é urgentissimo que seja hoje; porque, ao raiar da

manhã, esta casa póde ser rodeada de quadrilheiros.

--Em tal caso vou retirar-me para outra casa que tenho, e sahirei d'ella

ao romper do dia.

--Vae para a rua dos Vinagreiros?

--Não, senhor marquez... E, quando fosse, quem denunciou o meu

esconderijo da rua dos Vinagreiros?!

--Fui eu por imperdoavel imprudencia a Antonio de Cavide. Cuidei que o

tinha compadecido, e hoje receio que elle dirija para lá e para aqui ao

mesmo tempo os aguasis.

--Vá v. ex.ª descançado que não heide ser encontrado aqui nem lá.

--Meu amigo do coração!--clamou o mordomo-mór abraçando-o--Adeus! adeus!

fie de mim o seu futuro, o seu perdão, e a entrega da sua querida filha!

XVII

Aos primeiros assomos do dia seguinte, a casa de Domingos Leite e a de

Francisco Mendes Nobre, eram invadidas pela justiça dos corregedores de

dois bairros. A da rua dos Vinagreiros foi arrombada, e a outra exposta

á busca pelo escudeiro. Bernardo, como gaguejasse nas respostas, foi

preso, conduzido, e posto a tractos. O velho, apenas as puas da roda

compressas a torno lhe deslocaram os ossos dos braços, confessou que

Domingos Leite, ás duas horas da noite passada, se havia refugiado em

uma casa da rua das Olarias, pertencente a Francisco Mendes Nobre. A

horda dos quadrilheiros derrubou a porta, bateu todos os cantos, e não

encontrou vestigios de ali ter estado alguem recentemente; mas um

visinho tresnoitado depoz que, por volta das tres e meia da manhã, havia

dado tento de estropear de cavallo, depois que a porta da rua se

fechára. Pero Fernandes Monteiro, corregedor do crime da côrte, alvitrou

que Domingos Leite devia ter partido para Guimarães, sua terra natal.

Incontinenti se despediram postilhões para o Minho.

Fr. Francisco Brandão é o unico, e mais coevo e esclarecido narrador que

nos relata estes passos: ...\_Tres vezes veio o réo sobredicto\_ (Domingos

Leite) \_a este reino, ainda que da primeira não consta que fosse com o

mesmo intento. Teve-se noticia da sua entrada n'aquella occasião

primeira, e foi tal a desgraça sua que com apertadas dilligencias em

Lisboa e Guimaraens se não pôde descobrir nem aprisionar; que a ser assi

é veresimil que desculpára as persumpçoens do passado e não incorrêra

etc.\_[9]

Emquanto estas diligencias frustradas se cumpriam, D. João IV prevenia

Antonio Cavide que era forçoso, logo que Domingos Leite estivesse em

ferros, transferir Maria Isabel e a filha, com o maximo segredo, para

mosteiro muito afastado. Receava o astuto monarcha as declarações

escandalosas do preso, as quaes, desmentidas pela clausura da mulher,

lhe redobrariam a penalidade, aggravando o crime de homicidio o aleive

assacado á pessoa sacratissima do rei e á innocencia da esposa.

Baldaram-se as prevenções. Duas semanas passadas, a espionagem de

Antonio Cavide em Madrid assegurou-o que Domingos Leite ali estava, dado

que vivesse mais retirado que da primeira fuga. Maria Isabel recobrou-se

dos seus pavores. Cavide folgou do bom successo do negocio sem effusões

sanguinarias, o marquez estudava traças de apiedar o rei, e o rei, com

grande magua da ciosa Luisa de Gusmão, raras horas passava fóra da

tapada de Alcantara.

No entanto, o proscripto, reconcentrado com a sua vergonha, cujo pungir

sobre-excedia as angustias da saudade, laborava no cerebro uma idéa de

vingança, pela qual elle daria de bom grado a vida, que lhe era cruz

atrocissima.

Confidenciou o seu pensamento de matar D. João IV, ao hebreu Francisco

Mendes. Este discreto moço oppugnou-lhe o desvairado intento com

argumentos e supplicas, instando-o a que o seguisse para Hollanda, e lá

pediriam ao tempo o balsamo da chaga, e a vingança do remorso nas

consciencias do rei e da collareja real.

Rebelde á rasão e aos rogos, Domingos Leite viu partir o amigo para

Amsterdão, quando o medo da inquisição de Hespanha o forçou. Era immensa

a tristeza do christão-novo, culpando-se de haver sido elle o propulsor

da ida de Leite Pereira a Lisboa, e dos horrendos effeitos que se lhe

seguissem.

Roque da Cunha não podia ser estranho á desventura do seu amigo, já por

que Domingos lh'a referira, já porque os faccionarios de Filippe IV em

Portugal a transmittiram para lá com o intento de aviltar o monarcha,

violador adultero da honra dos seus mais serviçaes acclamadores.

Roque era o portador das lastimas de sua mãe e dos fidalgos ao

desgraçado, que mais se enfurecia quando o deploravam. A primeira vez

que o assassino de Pedro Barbosa e padre Luiz da Silveira o ouviu rugir

ameaças de morte a D. João IV, atirou o sombreiro ao tecto, e bradou:

--Viva Deus! que afinal topei um homem! Quantas vezes, Domingos, quantas

vezes eu tenho dito cá muito commigo: «Se Maria Isabel fosse minha

mulher, o duque de Bragança, que me deshonrou, havia de morrer tres

vezes ás minhas mãos, visto que o padre Luiz morreu uma, não me tendo

feito mal nenhum! A mim, na verdade, assombrava-me que este nobre desejo

de vingança te não houvesse passado ardente pela alma como um raio da

justiça divina! Ainda hontem D. Luiz de Alencastre, irmão do marquez de

Porto Seguro, me disse: «E que faz esse brioso Domingos Leite que não

espeta dous pelouros no peito do real bandalho que lhe paga os serviços,

tomando-lhe a mulher como quem compra com quatro sequins uma fregona do

bêcco da Madragôa! Que faz esse homem de honrados figados que matou um

padre, pela innocente rasão de ter amado uma mulher primeiro do que

elle!» E esta, meu querido amigo, é a linguagem de Diogo Soares, do

conde de Figueiró, de Francisco Leitão, e até... queres que te diga

tudo? el-rei Filippe IV, que tem sido o exemplo dos reis continentes,

quando tal soube, disse: «É bem feito que o mateiro de Villa Viçosa faça

os seus vassallos veados, já que alguns d'elles entenderam que o melhor

rei seria o mais destro e certeiro matador de porcos-espinhos. É bem

feito que Domingos Leite receba alvará de Cornelio \_tacito\_ para

dignamente escrever os Fastos do seu real amo!...» Aqui tens ouro fio o

pezo que está fazendo na opinião de Castella o teu infortunio. Ora

imagina agora, amigo meu, com que jubilo eu não direi ámanhã a D. Luiz

de Alencastre: «Pode v. ex.ª dizer a el-rei nosso Senhor que Domingos

Leite hade vingar-se de modo que a posteridade o aponte aos reis

devassos como aponta o punhal de Bruto aos tyrannos de Roma!»

--Melhor é que não digas nada,--observou glacialmente Domingos Leite--Eu

tanto despreso as censuras como os applausos. Se eu matar D. João IV,

não me hei de glorificar com os gabos nem descorar na presença dos

verdugos...

--Dos verdugos!--acudiu Roque--Se te expozesses ao alcance da corda ou

do cutello, serias honrado, mas parvo. Se queres vingança com gloria e

reputação de sensato, é mister que o homem morra, e que tu fiques a

ouvir-lhe gargantear o \_de profundis\_. Alem de que, se a tua heroica

idéa fermentar, eu heide ser ouvido, e sócio da aventura...

--Não quero cumplices--disse Domingos Leite.

--Nem amigos? Dize isso aos outros: não o digas a Roque da Cunha, réo de

homicidio, na pessoa do muito reverendo thesoureiro de S. Mamede, que

Deus conserve á \_porta inferi\_, esperando a alma de cantaro de D. João

de Bragança. Amigo,--proseguiu, abraçando-o, e recuando o peito para lhe

vêr de fito o rosto--Se queres só para ti a gloria de matar o amante de

tua mulher, justo é que a tenhas; não serei eu que a dispute á coragem e

ao pundonor da tua justiça; porem, quando essa conjunctura venha a

realisar-se, Roque da Cunha hade estar á tua beira; por modo, que se a

desaventura te fizer cambapé, ambos nós tombemos ao mesmo abysmo. Quem

te falla assim, ou hade ser teu cumplice, ou teu inimigo. Escolhe.

--Sabes o que eu escolheria, se me fosse permittido escolher? A morte; o

adormecer, e não acordar; o esquecer-me subitamente d'esta minha

execravel situação.

--Temos sesão de fraquesa? Vá lá! Os leões tambem tremem suas maleitas.

Não me assusta esse desalento... Ámanhã, quando eu aqui voltar á tua

charneca, heide achar essa alma remoçada, e o plano feito. Medita, que

eu tambem vou escogitar o meu traçado. Espero que o meu seja o mais

acceitavel, porque calculo com animo frio, como os estrategicos que

escrevem no quartel da saude a arte da guerra. Domingos Leite Pereira,

ouve lá o que eu te digo: Tens nas tuas mãos o destino de Portugal! E

serás um dos primeiros da tua patria, se o quizeres ser.

Domingos Leite sorriu-se motejando o enthusiasmo prophetico d'aquelle

que ás vezes se lhe pintava infernalmente necessario á sua existencia.

N'aquella noite infinita, a ira, a paixão, fora-lhe exulcerada pelas

zombeteiras declamações de Roque da Cunha. A publicidade do seu vexame,

e a mofa com que o apodavam de transigente no opprobrio, era cauterio

que lhe afogueava as dores. Instantes de desafogo tinha apenas os que a

phantasia sinistra lhe pintava, se diante d'ella via escabujar D. João

IV, nas vascas da morte como outro qualquer homem. Ponderando no que era

e seria sempre sua vida,--engolphando-se na treva que todos os passos

lhe negrejava pelo futuro alem,--pareceu-lhe que matar o rei, e

deixar-se matar sem soltar gemido de covarde angustia, seria a mais

brilhante e redemptora solução de sua desgraça.

Aclarava o dia seguinte, e já Roque da Cunha batia á porta da casa

campestre de Domingos Leite.

Radiou intima alegria no aspeito do marido de Maria Izabel. Um homem

bom, um consolador christão, ser-lhe-hia repugnante, depois d'aquella

insomnia de febril raiva e espectaculos fantasticos de sangue e

patibulos. O unico homem competente á sua desesperação era Roque.

Abraçou-o com arrebatada ternura, e exclamou:

--Heide matal-o!

--Isso sabia eu...--disse o outro friamente.--Resta saber como.

--Pensaste?

--A noite toda. São cinco horas e meia. Bem sabes que é meu costume

levantar-me ás dez, quando durmo o somno do justo. Não dormi nada.

Estive com Diogo Soares até ás onze, com o conde de Figueiró até á meia

noite, com D. Luiz de Haro até á uma, com meu padrasto até ás duas, e

d'ahi em diante commigo só, e agora comtigo para te dizer o que vais

ouvir...

--Toda essa gente--interrompeu Domingos Leite--está, por tanto, no

segredo dos meus projectos?...

--Assim como estava no segredo das tuas desventuras.

--Vamos lá, dize, que eu já me não embaraço com pequenas miserias. Que

vens annunciar-me? que plano trazes?

--Plano de grande artifice. Não é meu: dou o pai á creança: é de Diogo

Soares. O duque de Bragança não póde ser morto face a face, nem dentro

do paço, nem na rua, nem nas passagens que elle costuma fazer de um

palacio para outro, com grande escolta. Quanto elle é covarde sabêm'ol-o

nós, desde que inventámos n'elle um rei legitimo; e, depois que a vida

lhe esteve a pique das espadas do conde de Armamar e do marquez de Villa

Real, hade ter bom olho quem o vir sósinho ao alcance de um tiro, ou

quem o descobrir a dez leguas de distancia de um arraial. Covarde como

todos os infames, diz o conde de Figueiró. Observei eu ao ministro

Soares que tu, homem de bizarra condição, não quererias matar o duque de

cilada. Replicou Soares perguntando-me se o duque, empolgando-te a

esposa, te matára o coração com a vizeira levantada, ou se te não ferira

com a mais abominavel perfidia. Não tinha replica sensata a pergunta.

Traição por traição. Seguiu-se discutir a traça da morte. Diogo Soares

pediu meia hora de meditação. Apanhou a calva fronte entre as mãos,

espremeu os miolos, e decretou o seguinte: A procissão de Corpus-Christi

cahe este anno no dia 20 de junho. Iremos para Lisboa, sem perda de

tempo. São hoje 24 de abril. Devemos partir d'aqui no fim do mez. Soares

tem amigos seguros em Lisboa, que nos hãode alojar sem risco. Alugaremos

casas em uma das ruas por onde a procissão hade passar. Estas casas hão

ter outras e outras contiguas que tambem allugaremos. Abriremos

communicações entre ellas, de modo que façam frente para duas ruas.

Suppõe tu... proseguiu Roque traçando no papel a planta das casas ...

Aqui tens tu tres moradas de casas, vês?

--Sim.

--Imagina que estamos na extrema da parochia de S. Nicolau. A entrada

d'este primeiro predio é por este bêcco. Sabes como se chama?

--Não.

--É o bêcco de Pero Ponce de Leão, que vai dar aqui ao Terreiro de traz

da capella mór de S. Nicolau. Percebes?

--Percebo...

--Bem. Aqui n'este Terreiro principia a rua dos Torneiros. Ella aqui

vai... Ora agora, este outro predio, como vês, fica no ultimo canto da

rua dos Torneiros, e faz face para a Fancaria e bêco do Ourinol.

Comprehendes?

--Sim.

--A outra casa, como vês, está no meio das duas.

--É claro.

--A procissão, ao recolher da Sé, vem aqui ter da rua dos Torneiros.

Quando aqui passar, temos o rei pela frente; e, quando entrar na

Fancaria, têmol-o de costas, não é assim?

--É.

--N'esta casa, que olha para a Tornearia, abrimos uma seteira; e aqui,

no angulo que fronteia com a Fancaria, abrimos duas, uma no primeiro

sobrado, e outra no segundo. A do primeiro andar, como vês, é que mais

geito nos dá para a pontaria, porque a rua aqui é larga. Deu-se o tiro

nas costas do rei, suppomos. Nada mais facil que o escapar-se a gente.

Esta casa d'onde sahiu o tiro está trancada com alavancas. O povo

naturalmente quer arrombar a casa, d'onde sahiu o estrondo, não é assim?

Mas emquanto se arromba a porta, passamos nós para esta casa do meio,

pela communicação interior que temos aberta, e d'aqui passamos a estas

que estão no beco de Pero Ponce, mettemo-nos ao meio da multidão,

vestidos de atafoneiros, vamos sahir ao postigo de Nossa Senhora da

Graça, cavalgamos á noite fechada, e passem por lá muito bem. Que te

parece?

--Tudo isso é de Diogo Soares?

--É.

--E as casas tambem?

--As casas!..

--Não digo as casas que pintaste; pergunto se são d'elle e estão

devolutos os trez predios representados n'estas linhas.

--Entendo o gracejo. Queres dizer que não estão á nossa espera trez

casas com taes condições...

--Quer-me parecer...

--Esse milagre pertence á alçada do dinheiro.

--Não contes commigo, que sou pobre.

--Conto eu...

--Com quem?

--Commigo.

--É el-rei de Hespanha que me dá recursos para me eu desaffrontar?

Regeito-os.

--Não é el-rei de Hespanha: sou eu. Tudo que se gastar não será um terço

do que te devo. Esqueces-te de que as tuas algibeiras em solteiro eram

as minhas? Saldaremos contas depois. Approvas o plano ou tens outro?

--Tenho outro.

--Dize lá.

--Esperar el-rei, á entrada ou sahida da casa de Maria Isabel, e matal-o.

--E depois?

--Morrer, ou ás minhas proprias mãos, ou ás do carrasco.

--Acho isso bastante antigo;--volveu o outro motejando--parece-me grego

ou romano; mas é tolo, consente á minha amisade que t'o escreva assim na

fronte, é romanamente e gregamente tolo esse plano.

--O que tu quizeres. Devo dizer-te que assim mataria o padre, se elle

houvesse sido amante de minha mulher.

--Onde mora tua mulher?

--Não sei.

--A quem o vais perguntar?

--Lá verei.

--Não verás nada; não acharás ninguem que t'o diga. Não se espera um rei

á porta de uma amante. Os reis não entram nem sahem pelas portas, nem

pelas janellas, nem pelas trapeiras das amantes. E o duque de Bragança,

desde que D. Francisco Manuel lhe bateu no pateo da condessa de Villa

Nova de Portimão (tu sabes que o pobre poeta está preso na Torre Velha

ha quatro annos..) nunca mais andou n'estes cazos como homem em quem as

pranchadas de uma espada não são brincadeira. A tal respeito, vem de

molde informar-te, segundo as informações que teve Diogo Soares, que a

sr.ª Maria Isabel não recebe o amante em sua casa; é recebida no palacio

de Alcantara. Ninguem sabe quando; mas sabe-se por onde. O pavilhão e as

colgaduras do seu camarim amoroso são as arvores da tapada; é o que os

passarinhos lá cantam uns aos outros.

Domingos Leite fez um gesto de indignação, e disse:

--Isso é vil!..

--Que é vil?!

--A minha desgraça deve poder mais que o teu genio zombeteiro!

--Não zombo, Domingos!.. Tracto de obstruir com a irrisão as veredas por

onde tu queres ir a uma desgraça infallivel. Matares o rei frente a

frente!.. Sabes lá o que isso é?.. Corto a cabeça se fores capaz, se

quer, de o encarar com um pensamento homicida!

--Essa!...--atalhou Domingos Leite.

--Bravos cavalleiros eram os fidalgos inimigos de D. João II; valentes e

expostos á morte andavam os duques de Bragança e Vizeu; muitas

occasioens se lhes ageitaram de matar o rei; e, chegado o lanço de o

apunhalarem, retrahia-se-lhes o braço gelado da covardia que incute na

alma o olhar de um homem que se chama \_rei\_--coisa fantastica mas

terribilissima como a palavra \_diabo\_ ás creanças que o temem. Poderoso

de braço e coração era o duque de Vizeu, e ali se deixou cravejar de

punhaladas de D. João II...

--Depois de agarrado pelas costas...--ajuntou Domingos Leite.

--Pelas costas são agarrados todos aquelles que os reis querem matar,

Domingos Leite... (\_Nota 23.ª\_) Eu não percebo o que seja vingança, se a

desaffronta custa a vida de quem se vinga. Morrer eu, sem provar o

nectar dos deuses! morrer, fechar os olhos, não ver... não palpar a

victima! Então, antes eu queria perdoar-lhes christãmente, e deixar-me

acabar de paixão; que assim pelo menos havia de ter dois frades que

espalhassem cá por baixo que eu estava no ceo; mas passar da vingança á

forca! Domingos Leite, deixa-me abraçar-te, e dizer-te que tu não és

parvo! Não deves dar a tua cabeça ao algoz como prova de que não podes

viver sem o amor e a fidelidade de Maria Isabel Traga-malhas. Que mates

o rei ou mates o ultimo criado das cavallariças reaes, isso que monta,

se a tua questão não é a morte, é a vingança! E, depois, homem, ouve lá

isto: Se tentares publicamente contra el-rei, ainda que nem de leve o

firas, sabes que desde a masmorra até ao cadafalso hasde ser arrastado

nas ruas; e que no Pelourinho te hão de decepar as mãos; e mutilado, com

horrendissimas agonias, te hão de levar muito de vagar até á forca; e

que tua filha hade ser herdeira da tua infamia até á terceira geração,

privada dos bens, por que tudo que houver sido teu hade ser confiscado

para a camara real?... Pensaste n'isto? viste a tua querida Angela entre

ti e o rei e o carrasco?...

Domingos Leite passou vertiginosamennte a mão pela fronte, e murmurou:

--Jesus!...

Invocára o dulcissimo nome da divina caridade humanada, e... estava

perdido! Quem sabe como lá soou nos juizos de Deus aquella invocação!

Quem sabe a distancia que medeia entre o grito do homem e a serena

magestade do seu Creador!

XVIII

Roque da Cunha negociava com os ministros de Filippe IV, em nome de

Domingos Leite, a morte do uzurpador. Encomiando o caracter audaz do seu

amigo, encarecia-o tambem como grato e affeiçoado ao rei de Hespanha;

sendo que a facção planeada timbrava tanto de pessoal como de politica.

E, do mesmo passo, entre-mostrava que o ex-escrivão do civel da côrte,

pelo facto de haver sido tão liberalmente remunerado, creara

necessidades de pompas, que el-rei de Castella poderia de antemão

assegurar-lhe em Madrid, com promessas de maiores vantagens, restaurado

Portugal.

Exposto isto ao valido por Francisco Leitão, o secretario das mercês

nomeou Domingos Leite em uma commenda de Christo de lotação de duzentos

cruzados e brindou o medianeiro com quatrocentos escudos e um officio na

casa real. Quanto á partilha do espolio de Portugal, Diogo Soares, desde

logo, magnanimamente nomeou seu secretario Domingos Leite, com meio

vencimento, até se abancar na respectiva secretaria.

Roque apressurava n'este em meio a sahida para Lisboa recolhendo no seu

alforge afivelado de moscovia de prata provimento de quartos e pelouros,

e frascos de peçonha com que as balas deviam ser hervadas. Da parte de

Filippe IV recebeu, por mão do desembargador Guedelha, Domingos Leite

uma escopêta de primoroso artificio, ao mesmo tempo que lhe entregava o

alvará da mercê da commenda de Santa Maria de Valdestillas, e carta de

passagem e recommendação muito instante ao marquez de Mollinguen.

Em 6 de maio de 1647 estavam Domingos Leite e Roque da Cunha, na

Ameixoeira, uma legua distante de Lisboa, em casa de Bento Rodrigues

Taveira, amigo de Diogo Soares.

Haviam ambos cortado as barbas, antes de entrar em Portugal. Roque

trajára-se com a simplicidade de mercador, e fallava uma linguagem

estrangeirada com mescla de termos hollandezes.

Nos primeiros dias concorreu á Ameixoeira um negociante de sola, chamado

Serges, de origem allemã, cujo avô, em tempo d'el-rei D. Manuel, se

estabelecêra em Lisboa com privilegio de sapateiro. Serges era espião de

Castella em Lisboa, onde, áquelle tempo, amealhava grossos haveres. Ao

tempo que os regicidas sahiam de Madrid, era o sagaz mercador avisado

por expresso afim de se avistar com elles em casa do fugitivo partidario

dos Filippes, na Ameixoeira.

Apresentou-lhe Roque a planta das casas escolhidas por Diogo Soares para

a emboscada. Devia ser Serges o alugador das casas, sob color de querer

armazenar n'ellas os seus generos, logo que lhe chegasse de fóra a carga

extraordinaria que encommendára, prevenindo-se para o consummo da grande

guerra e para a contingencia dos bloqueios. Assim explicava o mercador

aos inquilinos dos tres ou quatro prédios o interesse grande que punha

em alugar as casas pelo dôbro da sua renda. Tão minucioso é n'esta

relação o manuscripto consultado, que não lhe esqueceu dizer-nos ser o

proprietario das casas Gomes Freire, fidalgo de Beja.

O plano de Diogo Soares foi levemente alterado, segundo deprehendemos da

descripção particularisada do \_Ms.\_ que reza assim: «A morada de casas

que primeiro alugou Simão Serges está em um bêcco fronteiro á Capella

mayor de S. Nicolau; e por um passadiço sahe a outro bêcco que desemboca

na Tinturaria e cinge por aquella parte a Tornoaria; e além d'estas

alugou mais tres moradas, umas que dizem para a Tinturaria, e outras que

fazem a revolta da rua dos Torneiros, e as ultimas no recanto d'esta

rua, que faz desegualdade a outro canto de Quebra-Costas.»

Conseguido o despejo dos quatro prédios, Domingos Leite e Roque da Cunha

alojaram-se no Bêcco de Ponce de Leão, na noite de 20 de maio, sem

encontro que lhes desfalcasse a coragem. Serges proveu-os dos viveres

necessarios, ferramenta e tudo que os dispensasse de sahirem.

O trabalho interior de demolir e construir communicação de umas para

outras casas era pezado para mãos mimosas e não callejadas na alavanca e

picarêta. Como os planos dos sobrados eram desiguaes, ao romperem as

paredes mestras tiveram de escadear a passagem d'uns aos outros, e

cobrir os envazamentos com tal artificio que, se os procurassem na

primeira casa, não se lobrigassem vestigios de passagem para a

immediata. Quanto ao melhor local para abertura de setteiras, escolheram

uma esquina que dominava toda a rua dos Torneiros e parte da Correaria,

resolvendo descarregar sobre o rei pelas espaldas; e abriram outra,

conforme o plano de Madrid, para, em conjunctura melhormente

proporcionada, lhe atirarem de frente.

Estes preparativos estavam concluidos em 15 de junho, com poucas ferias

de repouso, e nem o minimo ruido que motivasse a curiosidade dos visinhos.

Em algumas das noites decorridas, Domingos Leite quiz sahir com o

disfarce de atafoneiro; mas Roque embargava-lhe o passo com reflexões de

prudencial severidade. Figurara-se-lhe possivel vêr, acaso, a filha

estremecida. Escutando o coração, o pae de Angela decifrava no vago

terror que lá lh'o innoitecia que nunca mais havia de vêl-a!

Enganava-se. Tinha de vêl-a um instante, e esse seria o derradeiro e unico.

Todavia, se Domingos Leite, na noite de 19 de junho, se confundisse na

multidão que enchia o Terreiro do Paço, veria Maria Isabel e Angela,

recostadas nos almadraques de uma liteira, a gozarem o espectaculo das

columnas resplendentes de lampadarios de christal que era costume

accenderem-se n'aquella praça, na do Rocio, e em todas as ruas

percorridas pela procissão do Corpo de Deus. Depois, iria no rasto da

litteira pela rua Aurea, pela dos Mercadores, dos Ourives da prata, dos

Escudeiros, dos Odreiros, da Almada, das Portas de Santa Catharina, de

S. José, com os seus trinta palacios estrellados de luminarias, e pela

Calçada do Combro, onde o palacio do Monteiro-mór excedia os mais

sumptuosos na bellesa da illuminação. Por todas estas ruas abobadadas de

esteira, com figurações christãs e pagãs nos remates de cada cunhal,

poderia Domingos Leite seguir a litteira de sua mulher, vêr a espaços o

rosto alegre da filha, debruçada na portinhola perguntando á mãe a

significação das estranhas figuras debuxadas nos guadalmecins e paineis

que tapizavam as paredes e balcões das sacadas. E, depois, ahi por volta

da meia noite, seguil-a-hia ao longo do bairro da Marinha, estrada de

Alcantara, até que, apagado o clarão dos lustres que alumiavam, se

acingisse á liteira e apunhalasse a esposa, e sobraçasse a filha, e a

devorasse de beijos, e morresse n'aquelle extasis!

Mas, a essa hora de tumultuosa alegria, Domingos Leite, depois de ceia,

encostou os cotovellos á meza, apoiou a barba entre as mãos, e disse a

Roque da Cunha:

--Parece-me que foi Leonidas, na vespera da passagem das Thermopilas,

que disse aos trezentos companheiros da sua funesta façanha, depois de

jantar: «hoje aqui jantamos, e iremos cear ao reino de Plutão.» Onde

iremos nós cear ámanhã?

--D'aqui trez leguas: á estalagem da Povoa de D. Martinho, onde ainda ha

um velho Malaga, que os portuguezes bebem para matar a sêde do sangue de

castelhanos--respondeu Roque sorrindo.

--Vamos marcar os nossos postos--volveu o commendador de S. Maria de

Valdestillas.

--Estão marcados.

--Ainda não. Onde hasde tu estar quando eu atirar ao rei?

--Aonde? aqui.

--Não quero. Ao pé de mim, não. Se eu for agarrado, quero ver-me

sósinho, face a face do algoz. Se o homem morrer, e eu me evadir, não

disputarei o teu quinhão de gloria n'este feito. Dirás em Madrid, e eu

confirmarei, que tu estavas ao meu lado, com o pé na beira do meu

abysmo, com o pescoço exposto ao mesmo esparto, com as mãos debaixo do

mesmo cutello. A hora é excellente para sahires d'aqui por entre o povo

que enche as ruas. Os cavallos, a esta hora, devem estar na Ameixoeira,

segundo combinamos com o marquez de Molinguen. Vai tu pernoitar á

Ameixoeira, e ámanhã, por volta do meio dia, parte com elles e espera-me

no Postigo da Senhora da Graça. Se eu lá não estiver antes das tres,

foge, porque então estarei preso ou morto.

--Mas...

--Não questionemos. Isto é resolução feita e inalteravel. Tenho-te dito

que não quero cumplices; e, se guardei para esta hora o declarar-t'o

formalmente, foi por evitar contestações então, e agora muito mais, que

é tarde para discutir. Vamos. A pé e sahir. Dá cá um abraço. Até ámanhã

de tarde, ou... até... nunca mais. Viverei ou morrerei agradecido á tua

dedicação. Ingrato e atrozmente egoista seria eu, se arriscasse a tua

cabeça n'um desaggravo da minha honra. Se eu morrer, se me não vires

mais, dize ao rei d'Hespanha que o alvará da commenda com que nobilitou

minha resalva de assassino o desfiz em buchas para a escopêta com que me

elle brindou. E adeus!

Roque da Cunha abraçou-o sem commoção sensivel. Para esta frieza

concorria a crua rigidez de sua compleição e a esperança do bom exito da

entrepreza. Se Domingos Leite lograsse penetrar-lhe nas cavernas do

peito, veria lá dentro assomos de jubilo. Desde que o dia 20 de junho se

aproximava, Roque meditava absôrto e pávido no trance do tiro, nos

paroxismos do rei, no torvelinho do povo, na grita de milhares de vozes,

no arrombarem-se as portas, na linha de alabardeiros cintando as ruas,

na sua propria cara a delatar o crime, nos crimes impunes da sua

proterva historia--em fim, na forca.

Se um homem n'estas condições ousaria prever que um historiographo

portuguez, seculo e meio depois, escreveria d'elle: \_... cheio de

confusão e honra\_!

Pois houve! O leitor verá que n'esta sua, tão sua e minha querida terra,

temos historiadores que denominam a incestuosa mulher de Pedro II

\_rainha prudentissima\_ (veja o sr. conselheiro Antonio José Viale, na

sua \_Historia\_) e Roque da Cunha \_homem cheio de confusão e honra\_.

(Veja Roque Ferreira Lobo na sua \_Historia da acclamação de\_ D. João IV.)

XIX

Ás dez da noute sahira Roque. Ás onze já Domingos Leite, vestido de

feitio que nenhum traço arguia o aparaltado do escrivão do civel, parava

no largo da Porta do Salvador, contemplando a casa immersa em trevas,

que nenhum pontinho luminoso interceptava. Que fazia alli?

Fantasiára que o seu velho criado lá estaria, não obstante lhe dizer

Roque da Cunha que a justiça lhe dera tractos até saber onde o amo se

escondia; e, sendo assim, de certo o expulsaria Maria Isabel.

Ajustou-se á frontaria da caza, e tocou no postigo da fresta, chamando

Bernardo.

N'este lance, pessoa que elle não vira em uma janella a refrigerar-se na

aragem da noite, disse com voz senil:

--Ahi não mora ninguem.

Domingos estremeceu; mas, cobrando animo com a probabilidade de

segurança de nenhum perigo, perguntou:

--Sabe dizer-me onde está um homem que aqui morava ha coisa de dois mezes?

A pessoa interrogada não respondeu; retrahiu-se da janella, e fechou-a.

Domingos Leite, ouvindo o bater das portadas, não podia perceber a

descortezia ou qualquer outro sentimento de quem quer que fosse, e

principiava a censurar-se da indiscreta pergunta, quando uma porta rodou

vagarosamente, e voz tremula de dentro disse anciadamente:

--Entre, entre depressa...

Domingos reconheceu a voz de Bernardo.

O velho colheu-o nos braços suffocado por convulsos gemidos, e cahiu de

joelhos exclamando:

--Ai meu amo que vem entregar-se á morte!..

--Não venho... não te assustes... Deixa-me subir ao teu sobrado e

conversar comtigo, meu pobre amigo...--murmurou o amo.

O velho precedeu-o na subida da ingreme escada, pedindo-lhe que fallasse

baixinho, porque no segundo andar estava gente ainda a pé.

--Foi certo darem-te tratos, Bernardo?--perguntou Domingos Leite

sentando-se no unico tamborete da pobre quadra.

--Quem lh'o disse, meu senhor?

--Soube-se em Madrid.

--Foi verdade. Aqui estão as costuras nos dedos. Descarnaram-me os

ossos. Eu já não podia com as dôres quando disse que vossa mercê tinha

uma caza nas Olarias; mas disse porque me bacorejava o coração que meu

amo não estava lá...

--Meu infeliz amigo!...--atalhou Domingos com os olhos aguados--E não

voltaste para casa de... Maria Isabel?

--Fui ter-me com ella...

--Aonde?

--A um palacete em Alcantara, onde me disseram que ella morava umas

pessoas da justiça em casa do corregedor, e por tal signal que...

--Por signal que...

--O melhor é calar-me, sr. Leite; mas... a fallar verdade...

--O quê? podes fallar... Disseram-te que era uma mulher perdida...

--É verdade, e não me mentiram, queira vossa mercê perdoar-me...

--Fallaste-lhe?

--Sim, sr. Fallei-lhe com mais lagrimas que vozes. Disse-lhe que o

senhor seu marido passára uma noite na caza do Salvador; que estivera no

quarto a embalar o berço... N'isto, a menina que estava alli a ouvir-me,

rompeu a chorar que cortava o coração, e a clamar que queria ver seu

pai; que queria ir com o seu Bernardo ver o seu paizinho; que a mãe era

muito má em não a deixar ir, e outras coisas, meu amo, que faziam chorar

as pedras. E vai a mãe, neste entrementes, pega por um braço da filha

com arremessão, e tira por ella lá para o interior da casa. Eu fiquei

estarrecido, a ouvir os gritos da menina lá dentro, até que chegou um

escudeiro, e me mandou sahir d'alli por ordem da fidalga. «Pois sim, eu

vou; mas vá vossê dizer á senhora que o seu velho criado não a offendeu;

e que eu vim cá para lhe dar conta das alfaias da sua casa, ou saber se

alguma lhe falta, que de certo não fui eu que a tirei.»--Foi o escudeiro

com o recado, e voltou logo dizendo que a fidalga não queria saber de

contos; que me puzesse na rua. Tornei-lhe a mandar pedir que ao menos me

mandasse entregar a minha árca onde eu tinha o meu fato e as minhas

economias. O escudeiro, talvez porque tambem era pobre e me viu a

chorar, teve pena de mim e tornou lá dentro. D'ahi a pouco voltou e

disse-me que ia commigo para me dar a minha arca. Veio com effeito, e

pelo caminho fora, de Alcantara até aqui á rua, e depois lá no meu

quarto, contei-lhe tudo que se tinha passado; e elle que não sabia de

nada, porque sahiu do palacio real de Belem para ir servir aquella

fidalga por ordem do sr. Antonio Cavide, disse-me então o que vossa

mercê, pelos modos, já sabe...

--Sei... E então, meu Bernardo, estás muito pobre?

--Não, meu amo. Ainda tenho dinheirinho do que vossa mercê me dava

quando era solteiro; mas, como estou muito acabado e não posso trabalhar

com as mãos desde que m'as quebraram na tortura, não tenho remedio senão

viver com muito pouco, para não ter de ir pedir por portas. E vossa

mercê tem mingua de dinheiro? Eu tenho alli quinze moedas de ouro de

quatro cruzados cada uma; se vossa mercê as quer, assim Deus me salve

como eu lh'as dou com todo o meu coração...

--Não preciso; obrigado, meu querido amigo, obrigado... Disseste-me que

minha filha chorava--volveu Domingos Leite, depois de longo silencio e

profundo recolhimento.

--Se chorava!.. quando me viu e conheceu, corria para mim com os

bracinhos abertos; mas a mãe botou-lhe a mão ao braço, e puxou-a para

si. Assim que eu contei a passagem do berço, e da tristeza com que o

paisinho da menina olhava para elle, as lagrimas saltaram-lhe como

punhos; e a mãe lançava-lhe de esguelha uns olhos furiosos, que pareciam

querel-a espedaçar...

--Ai!.. se eu a visse...--murmurou Domingos Leite.

--Como hade vossa mercê vel-a, meu senhor!... Não pense n'isso, porque

tenho ouvido dizer que, se o apanham, a sentença menor que tem o meu amo

é degredo perpetuo, se não lh'a derem peor... A que veio a Lisboa, sr.

Domingos Leite? que peccados o trazem aqui?...

--Sabel-o-has, quando fôr tempo...--respondeu Leite serenamente--Escuta,

Bernardo: sabes que tenho pai?

--Pois não sei!..

--Chama-se Antonio Leite, vive em Guimarães, e tem officina de

cutelleiro na rua Infesta. Agora, jura-me que cumprirás o que te vou pedir.

--Não é mister jurár, senhor!

--Se acontecer eu ámanhã ser preso ou morto...

--Sancto nome de Jesus!--clamou Bernardo.

--Não me interrompas com lastimas que não remedeiam o meu destino...

Attende, meu amigo... Se acontecer eu amanhã ser preso ou morto, parte

logo para Guimarães, procura meu pai na rua Infesta, e dize-lhe que eu

morri ou vou morrer, sacrificando a vida infamada á honra de a perder em

desaffronta de um grande ultrage. Não tens aqui papel e tinta. Se

tivesses, escrever-lhe-hia: mas, ámanhã, por esta hora, se eu estiver

preso ou morto, vai e dize-lhe, se te não lembrar mais nada, que D. João

IV era o amante da mulher de seu filho. Mas, se eu não estiver preso nem

morto, e algum acontecimento explicar o mais que eu te não digo, pede-te

o teu pobre Domingos Leite que leves comtigo á sepultura o segredo que

adivinhares.

Bernardo queria debalde replicar; mas as palavras eram-lhe estranguladas

nos soluços.

N'este conflicto, Domingos Leite abraçou o velho; e, desprendendo-se-lhe

dos braços, desceu as escadas subtilmente.

Eram já desertas as ruas, quando entrou na casa do Becco de Ponce Leão;

e, atravessando os outros predios até ganhar o sobrado, cuja janella

esquinada dominava as ruas dos Torneiros e parte da Fancaria, abriu o

alforge de moscovia, e tirou os frascos de peçonha, e um caixotinho com

quartos e balas. Hervou o pelouro e os zagalotes, mergulhando-os

cautelosamente no toxico: sevou a cravina de polvora, metteu as balas

calcando-as com a vareta sobre a bucha (\_Nota 24.ª\_) introduziu as doze

costas ou quartos, lascou, antes de escorvar, com a lamina de uma agumia

o rebordo da caçoleta, azeitou o gatilho, experimentando-o, encheu a

escorva, bateu na culatra tres punhadas afim de sevar plenamente de

polvora o ouvido, e trez vezes fez pontaria em diversas direcções. Feito

isto, apagou o candil, abriu de manso as portadas da sacada, e ao

lampejo tremulo de algumas luminarias que vasquejavam, esteve examinando

as duas ruas confluentes; depois, retrahindo-se, abocou a escopeta a

dois alvos, que, naturalmente, se lhe figuraram o corpo sacratissimo de

sua magestade. Esta phrase, um tanto descabidamente faceta, corresponde

ao esgar de riso ferino que lhe refegou os beiços, vibrando os musculos

faciaes.

Ás trez horas da manhã começaram a repicar os sinos da bazilica de santa

Maria Maior, e logo todas as torres saudaram a jubilosa arraiada da

vetusta metrópole. Já se ouviam as charangas de atabales e clarins que,

nas ruas comvisinhas do templo, annunciavam a sahida da procissão, mais

matutina que o sol. Aquelle tão comprido dia de junho era mister

começal-o ao arrebol da manhã para que o tempo não escasseasse ás

alegrias do povo.

Domingos Leite, escutando a resonancia estridula dos clarins e o tanger

festivo dos sinos, foi ao passado buscar memorias da sua alma

despedaçada, e todas viu em um relance afflictivo de olhos. Tambem elle

tinha acordado alegre ao ruido d'aquellas musicas quando era moço e

rico, feliz e amado. Tambem elle n'aquellas manhãs de luz e flores

folgava de madrugar, e passeiar as ruas de Lisboa, respirando o acre das

espadanas e rosmaninho que verdejava o transito, por debaixo dos doceis

e grinaldas. Ainda no anno anterior, sahira elle áquella hora, depois de

uma noite mal-dormida, com a filhinha pela mão, e entrara na bazilica,

ensinando a creança a pedir a Deus por si e por elle.

Quanto mudado, ó desventura! Que voragem entre o secretario do marquez

de Gouvêa e o determinado assassino de D. João IV! Como elle se

contemplava na escuridade profunda de sua alma ao reflexo do gentil, do

invejado mancebo que fôra! Que horrendissimo doer não seria o do seu

espirito, quando a cabeça lhe cahía para o peito, e as mãos

enclavinhadas e tremulas comprimiam o pescoço, como se quizesse impedir

que aos ouvidos lhe chegasse o regosijo d'aquellas toadas!

E áquella mesma hora, Maria Isabel, despertada pelos repiques do

mosteiro do Calvario, saltava alegremente d'entre as cortinas

adamascadas do leito, chamava a aia que a penteasse, e ordenava que lhe

vestissem Angela.

--Então d'onde vai ver a procissão, sr.ª D. Maria Isabel?--perguntou a

aia com a confiança de criada antiga e quinhoeira dos segredos da ama.

--Vou para o palacio do Galvão, no Rocio, ou para casa do senhor da

Trofa, na Rua dos Torneiros: ainda não sei.

--No Rocio é mais bonito...--volveu a aia.

--Mas eu prefiro a Rua dos Torneiros.

--Eu bem sei porque, minha senhora...

--Ah! sabes? és muito esperta!... Ora dize lá...

--É porque el-rei passa mais chegadinho á caza do senhor de Trofa que á

do Galvão... Adivinhei?

--Parece-me que sim...--assentiu Maria Isabel com uma despejada

denguice--Tenho passado estes dias tão aborrecida...

--Pois, sim, sim... Não sahe de caza a minha senhora... passa as noutes

sósinha... Quando se vai embora a rainha para Lisboa?

--No principio do inverno.

--Que praga!.. E a sr.ª D. Maria Isabel, por amor d'ella, nem ás

janellas vai! Tambem não sei por que razão el-rei tem medo que a rainha

desconfie... Sempre ouvi dizer que o rei se lhe dava pouco dos ciumes

d'ella. Acho que o sr. D. João IV o que receia é que a vejam os fidalgos

que se ajuntam em Alcantara emquanto sua magestade cá está... Se alguem

tem ciumes, não é a rainha, é o rei...

Sorriu-se lisongeada Maria Isabel, e murmurou:

--És tola, és tola... Quem trocaria eu n'este mundo por el-rei?

--Isso lá, minha senhora--replicou a aia--tem-se visto d'essas trocas...

Bem podia V. S.ª gostar mais dos condes que eu por ahi vejo a passear no

largo do que de el-rei; apesar de que sua magestade está ainda muito

fresco, e parece um mancebo... Como vai V. S.ª vestida á procissão?

--Levo saia de seda verde com barras pretas de velludo; gibão de tafetá

azul, com cossoletes de ouro.

--E que manto leva?

--O de seda verde.

--O branco vai-lhe melhor sobre o gibão azul.

--Vai? pois levarei o branco.

--E chapins? os azues com rubis?

--Não; os verdes com diamantes.

--Eu acho os outros tão lindos!.. Ainda me lembra o contentamento com

que V. S.ª calçou outros da mesma côr, faz agora dois annos, quando foi

a esta mesma procissão com seu marido... Lembra-se?

Maria Isabel não lhe respondeu. A aia, affeita a lidar com os caprichos

da senhora, absteve-se de repizar no assumpto desagradavel, posto que

Maria Isabel, algumas vezes, ouvisse fallar indifferentemente do marido.

--A que hora vai a senhora para a rua dos Torneiros?

--A cadeirinha hade estar prompta ás nove horas.

--Por que não vai no coche do ministro Cavide, que lh'o offereceu?

--Não me appetece andar em côches alheios. Heide comprar um quando me

parecer.

--Faz V. S.ª muito bem... não sei como el-rei lh'o não tem dado...

--Não quero. Sou bastante rica. Posso ter côche sem dever favores ao rei.

A conversação foi cortada pela vinda de Angela, que já estava vestida e

encantadoramente galante com o seu gibão escarlate de passamanes de

prata, saia de trez barras com debruns de lhama de ouro, chapins altos

de setim branco e tacão escarlate, volante de rendas na cabeça, ondeando

por sobre as espiraes de tranças louras que lhe deslizavam nas espaduas

meio nuas.

Ás 9 horas entraram Maria Isabel e a filha na cadeirinha. Pouco depois,

sahia D. João IV do palacio de Alcantara, em côche, com o manto de

grão-mestre da ordem de Christo, precedido dos reis d'armas, e seguido

do principe D. Theodosio, e cento e cincoenta cavalleiros das ordens

militares, em cavallos pomposamente ajaesados.

El-rei ia só e melancolico; mas, no rosto carregado, relampedejou-lhe um

clarão de alegria, quando, ao passar pela cadeirinha que ao longe

conhecera, viu aquella formosa face cujo primeiro verniz de pudor se

desbotára nos beijos do padre Luiz da Silveira.

A melancolia de el-rei quer o meu manuscripto legitimal-a com estes

catholicos dizeres: «No oratorio da quinta de Alcantara tinha sua

magestade commungado, esteve em oração mais do que costumava, e sahindo,

disse á rainha, nossa senhora: Eu vou com grande trabalho. E dizem que,

havia tempos, lhe tinham dito que em uma procissão do corpo de Deus o

haviam de matar; e el-rei respondêra que junto ao sanctissimo sacramento

lhe não podia succeder mal.» Ainda bem!

Se estes pios casos de commungar, e sahir mal disposto, e meditativo no

sinistro vaticinio, assombraram o real semblante, ainda bem que o

langoroso olhar da Traga-malhas espancou o profeta de máo agouro, e

abriu nos labios do rei commungado um sorriso que radiou nas bochechas

dos seus vassallos.

Por volta das onze horas, Domingos Leite, espreitando o concurso de

povo, que já tomava os lados das ruas, notou que a seteira baixa que

abrira para o lado da Fancaria era a melhormente azada para desfechar

sobre o rei, visto que alli a multidão, abrindo uma especie de clareira,

obrigada pelo aperto do cunhal das duas ruas confluentes, deixava a

descoberto o palio, ao qual devia seguir-se a familia real. Regeitou,

portanto, o plano traçado de dísparar pela seteira alta, que dava sobre

a rua dos Torneiros, parecendo-lhe quasi impossivel de ponto elevado,

por mais firme que pozesse o fito, acertar no rei.

Assim, pois, que os atabales estrondearam no topo da Fancaria, Domingos

Leite pegou da cravina, e foi ajoelhar rente com a seteira baixa. O dia

era ardentissimo; e, elle, sentindo as mãos geladas, friccionava uma na

outra receando que o dêdo do gatilho fizesse tremer a escopeta, e

desviar o tiro. Era o frio do terror; era a honra convencional dos

homens subjugada pelo ingenito respeito á vida humana.

Entreviu a passagem dos cavallos á destra, cobertos de telizes de

velludo escarlate com as armas de Bragança em relevo de ouro, levados de

redea por lacaios com a libré real. Passou S. Jorje, cabeceando a sua

plumagem do murrião, cavalgado sobre o cavallo que resfolegava involto

no cairel cravejado de diamantes e variada pedraria. Seguia-se o pagem

do sancto general, a disputar com o amo a posse das riquezas do oriente

e das concavidades do oceano em perolas e rubis e esmeraldas. Deslizaram

os trinta e sete estandartes dos officios com as insignias de cada um; e

logo as cento e cincoenta cruzes das confrarias com variegadas roupetas.

Depois, as bandeiras das parochias. Em seguida, as irmandades do SS.

Sacramento, que eram trinta e oito com opas escarlates. Principiavam

agora as communidades religiosas, que eram quarenta, psalmeando

alternadamente uns cantares como responsorios funeraes nos ouvidos de

Domingos Leite. Succediam as congregações de clerigos regulares; os

tribunaes com os seus presidentes de catadura sombria, os magistrados de

toga, os cavalleiros de Christo, de S. Thiago e S. Bento de Avis com os

mantos capitulares. Depois a cleresia e o cabido. Agora os coros da

musica dilecta do rei; depois os bispos mitrados, e os turiferarios

bamboando as nuvens fumosas dos incensos.

N'este ponto, Domingos Leite encostou a face á parêde para descobrir do

esconso o palio. Avistou-lhe as franjas de ouro do sobre-ceo atravez da

nebrina dos perfumes; e por entre as varas, e por sobre a espadua do

arcebispo eleito, viu a fronte de D. João IV.

Elle temia e tremia do quebranto de sua alma, chegado aquelle

indeclinavel trance; mas a presença altiva do tyranno que lhe tirava o

pão, a patria, e a filha, engolphando-lhe tudo na devassidão da esposa,

sarjou-lhe o coração, repuchou-lhe o sangue em jactos ardentes ao

cerebro, queimou-o em sedes de fera, deu-lhe as facinorosas deleitações

do scelerado.

Estava já o palio a dez passos de distancia da caza. Domingos Leite

afastara-se para apoiar a extremidade da caravina no envasamento

inferior da seteira. Desconfiára do tremor do pulso e da vertigem dos

olhos. Ajoelhou, levantou o feixo, e ajustou o dedo ao gatilho. Já o

rei, desviado apenas dous passos do palio, se mostrava a descoberto...

Mas, no mesmo instante, Domingos Leite viu duas damas que encobriam o

rei. É que D. Maria de Arrayolos e a camareira-mór, curvando-se para

levantarem do chão um panno de seda que cahira da mão ao principe D.

Theodosio, quando enxugava o suor, ficaram, por momentos, quasi á frente

do rei, forçadas pela deslocação de alguns fidalgos que, ao mesmo tempo,

tentaram, abaixando-se, evitar ás duas senhoras a cortezia de levantar o

panno. Ainda Domingos Leite, tenteando pontaria, esperou clareira por

onde coubesse uma bala; teve-a n'um relance; mas a certeza de cravar

algum dos doze quartos nas senhoras que ladeavam D. João, paralisou-lhe

o dedo do gatilho.

Restava feril-o pelas costas, ao desandar para a rua dos Torneiros.

Subiu acceleradamente ao sobrado de cima, onde abrira duas seteiras na

sacada angular, que olhava para duas ruas.

Apenas entrou no sobrado e correu a mirar a volta que a procissão ia

rodando da Fancaria para a Rua dos Torneiros, antes de descer os olhos

sobre a rua, pol-os maquinalmente nas balaustradas de uma caza

fronteira, e viu Maria Isabel, e ao lado d'ella uma creança, uma visão

da alma ingolphada em Deus... Era Angela, a sua filha!

E, cravando n'ella os olhos, e arquejando em angustia que o lacerava com

delicias, e ouvindo o coração que chamava por Angela, sentiu-se cahir,

largar a arma, dobrar os joelhos, ajoelhar, ajoelhar de mãos postas,

cobrir-se de lagrimas, e ouvir como dos labios de um estranho:

«Salva-me, ó filha, salva-me!»

E D. João IV passou, olhando de soslaio para Maria Isabel, que

ajoelhára, e encostára a fronte ás mãos, formando graciosamente um docel

para resguardo do sorriso que as outras damas devassavam, e que ella

muito se rejubilava que lh'o vissem.....................................

........................................................................

Ás duas horas, Domingos Leite, com o disfarce que tinha vestido, chegou

ao postigo da Graça.

Roque da Cunha, avistando-o de longe, foi desprender os cavallos que

escarvavam impacientes em uma barroca socavada entre dois combros de

piteiras, e sahiu com elles á estrada chã.

--Morreu?--perguntou Roque.

--Não.

--Não?... Que me dizes?... Feriste-o? Não acertaste?..

--Não lhe atirei.

--Oh!..--exclamou Roque da Cunha--Que diabo fizeste então?..

--Nada... Vamos embora, se te não escandaliza um covarde na tua

companhia...

--Eu ia agora perguntar-te se lhe não atiraras por covarde... Porque me

não deixaste estar comtigo, Domingos Leite!.. Com que cara entraremos em

Madrid!...

--Pois vai só, e deixa-me...--replicou Domingos Leite.

--Fazes-me uma grande compaixão!... Que lagrimas são essas...

--São umas lagrimas que eu ainda tinha no coração, e só podia choral-as,

vendo minha filha!... Foi minha filha que salvou o rei...

--Vamos, que eu ouço tropel de cavallos na calçada da Graça...--disse

Roque da Cunha--Conhecer-te-hiam?..

--É impossivel...

Cavalgaram, e deram de esporas. Na assomada de um dos outeiros de

Alvalade pararam, e olharam na direcção de Lisboa. Ninguem os seguia.

Era uma cavalhada de campinos, que voltavam da procissão do Triumpho, e

recolhiam aos seus cazaes.

XX

Diogo Soares, previsto e diligentissimo em proporcionar aos assassinos

enviados os meios de facil fugida, mandara uma chalupa do porto do

Ferrol para os receber na barra de Lisboa; mas o portador, que por terra

trouxera o aviso ao mercador Simão Serges, não o encontrando no dia 19

de junho, segundo as ordens que trazia, foi na noite de 20 a Passo

d'Arcos fazer signal de erguerem ancora aos da chalupa. Simão Serges,

áquella hora em que o buscavam, temeroso do resultado da tentativa,

passara o Tejo, e esperava em Aldeia Gallega a noticia das occorrencias.

O manuscripto, que nos esclarece as escuridades da historia, diz a tal

respeito: «N'este tempo estava Roque da Cunha com os cavallos

esperando-o ao Postigo da Graça, onde foi ter com elle Domingos Leite, e

que lhe contou o que passára; e é de saber que na mesma tarde foi visto

em Passo d'Arcos um barco longo de Castella, e que havendo descuido em

ir a elle de noute, fugiu este, e desappareceu, e os dois foram por terra.»

Ao mesmo tempo, Bernardo, que passára a noite e o dia em oração, quando

viu terminadas as festas do Triumpho, e nenhum caso extraordinario se

contava em Lisboa, nem voz humana proferia o nome de seu amo, deu

fervorosas graças ao Senhor, porque attendera ás suas preces.

O apparecimento de Roque e Domingos Leite em Madrid foi acolhido com

frieza dos fidalgos portuguezes e dos ministros de Filippe IV. Diogo

Soares, rindo da historia pueril da visão da menina que paralisára o

braço do pai, disse que os covardes, antes de se affrontarem com

emprezas grandes, deviam medir a sua altura pela das meninas que lhes

podessem apparecer na hora da prova. Roque da Cunha transmittiu a

phrase, qual a recebêra, a Domingos Leite.

O frustrado regicida volvêra-se á vida solitaria com a sua dôr

exacerbada pela nota de covarde e digno marido da meretriz Traga-malhas.

Quem mais lhe carregava a mão no peccado da mulher era D. Vicencia,

filha da Barbara da rua dos Cabides. Insidiosamente lhe escreviam

satyras celebrando-lhe a façanhosa jornada a Lisboa, e offerecendo-lhe

outra commenda para se ir a Pariz matar Luiz XIV, e duas commendas para

ir ao inferno matar o diabo.

Na correnteza d'estas coisas, fallecêra em Madrid um padre da companhia

de Jesus, a quem D. João IV estipendiara grandiosamente na espionagem

dos planos de guerra. Esta pêrda contrariava o rei, e mais ainda o

impedimento de substituir sem dilação a sagacidade do jesuita, que

sahira bem amestrado do gyneceu de padre Antonio Vieira.

Arrolando os portuguezes mais infamados que demoravam em Hespanha, D.

João lembrou-se de Roque da Cunha. Conhecia-o pela falsa delação de

Mathias de Albuquerque, e por homicidios que a obscuridade protegera,

como o do pai de Miguel de Vasconcellos, divulgado em 1640, e indultado

pela politica. E, bem que soubesse da sua parceria com Domingos Leite no

assassinio do padre Luiz, intendêra o rei que o sicario, vendido ao

marido de Maria Isabel, estava em almoeda para quem o quizesse comprar.

No proposito de chatinal-o, enviou Gaspar de Faria Severim a Madrid

pessoa idonea, e conhecida de Roque da Cunha. Era quasi sempre um

clerigo ou frade de inculcada virtude e erudição theologica, por parte

das duas nações irreconciliaveis, o espia ou o cathequista d'essas

personagens indispensaveis na diplomacia d'aquelles tempos, assim como o

algoz era o artigo fundamental da arte de reinar. Apenas restaurado o

reino, fôra fr. Diogo Seyner espião de Castella em Portugal, e tambem um

padre Azevedo, que acabou envenenado em Angola. Em compensação, as

denuncias mais importantes que vinham de Hespanha, quanto ás intenções

de invasão, procediam da companhia de Jesus, pois que os Philippes, com

quanto patricios do sancto fundador da ordem, nunca se avençaram

politicamente com a theocracia da omnipotente roupêta. Ainda n'aquelle

anno de 1647, a Hespanha festejava a perfida passagem do jesuita

flamengo, o padre Cosmander, que vestiu as insignias de sargento-mór de

batalha, depois de as ter já usado no exercito portuguez. Este

sacerdote, que timbrava de engenheiro, viria outra vez ajudar os nossos

a repellir os estrangeiros, se não morresse debaixo das baterias

portuguezas; no entanto, emquanto viveu, deu de si boa conta, espiando

as duas nações, visto que nenhuma era sua.

Com este se intendêra o padre portuguez, e ambos com Roque da Cunha.

A proposta era em termos de seduzir um aventureiro com dous terços menos

da perversidade de Roque. D. João IV enviava-lhe o perdão do crime de

homicidio na pessoa do padre Luiz, aproveitavel quando a sua continuação

em Castella fosse desnecessaria, e elle quizesse voltar ao reino.

Enviava-lhe como comêço de gratificação trez mil cruzados, e promessa de

ao diante o ir premiando com dinheiro á medida dos seus serviços e

habilidade nas pesquisas. Quanto ao futuro, quando Roque se repatriasse

perdoado, despachal-o-hia em pingue emprego na caza da India e Mina.

Seduziram-no; jactavam-se os dois jesuitas de o terem seduzido; mas a

verdade é que o infame não deu ansa a que os seductores provassem os

dotes de corrupção: rendeu-se logo.

Dias depois, Roque da Cunha, ao despedir-se do agente portuguez,

disse-lhe com mysterioso recato:

--Diga V. Reverencia a el-rei nosso Senhor que eu só entrarei em

Portugal, quando lá fôr para o salvar da morte.

O padre não obteve illucidações d'estas vagas palavras.

Assim as revelou a D. João IV, que lhes deu a maxima ponderação, sem

todavia suspeitar de qual dos fidalgos homisiados poderia proceder a

tentativa, se dos Mascarenhas, se dos Lencastres, se do conde de

Miranda, se do conde de Figueiró, se dos Tavoras, se dos Taroucas, se de

todos. De Domingos Leite Pereira não se lembrou, ou apenas se lembrava

quando Maria Isabel lhe dizia:

--Vossa magestade, mais dia menos dia, acha-me assassinada por elle...

O \_elle\_ substituia a palavra que tanto repugnava ao rei como á princeza

do seu economico serralho.

Sorria-se el-rei; e por delicadeza com a dama lhe não replicava que o

expatriado lhe havia dado provas de se prezar mais a si no seu orgulho

do que a ella na sua belleza.

Quando Roque enviou o recado a D. João, já sabia que Domingos Leite

deliberára voltar a Lisboa se não renovar a tentativa. Flagelavam-no os

apodos e zombarias que secretamente lhe iam em cartas anonymas, e as

censuras de Roque da Cunha, não á covardia de homem, mas á

pusillanimidade de pai.

Houve horas em que o desgraçado acariciou a ideia do suicidio; porém, lá

vinha a imagem da filha arrancar-lhe o veneno como lhe arrancara a

cravina. N'esta reluctancia atroz, obsediou-o o pensamento de passar a

Lisboa, esconder-se em caza de Bernardo, espiar a hora em que Maria

Isabel estivesse com o amante, entrar de sobresalto na caza d'ella,

fugir com a filha para Castella, passar-se a Amsterdão, buscando o

amparo de Francisco Mendes Nobre.

Revelou o alvitre a Roque da Cunha, que lhe respondeu:

--A final, vejo que não és marido, nem homem: és pai.

--Queres dizer que não sou honrado?--acudiu Domingos Leite.

--Não... mas ha quem duvide que o sejas...

--Se o duvidas tu, dize-o que eu a ti provarei que sou homem; e, se ha

covardes que façam de ti pelourinho de injurias, que venham depois de ti

ou junctamente.

--Os meus cincoenta annos perdoam os teus vinte e seis--disse

serenamente Roque--Entretanto bom é que saibas, amigo Leite, que nenhum

homem, antes de ti, me insultou assim, nem depois de ti receio que me

insulte. Se não estivessemos sós, dar-me-hías uma satisfação. Assim...

ninguem irá dizer que o matador do amante de certa dama ouviu tamanha

vilta do marido de Maria Isabel. Estás perdoado, porque és fraco, fraco

do coração onde tens muitas lagrimas e pouco sangue. Pagas mal a quem

duas vezes expoz por ti a vida, e não se esquiva de a expor terceira vez.

--Não exporás, Roque. Não ha para quê. O meu intento já sabes que não é

matar o rei; é resgatar minha filha.

--E, se te descobrirem, se te agarrarem...

--Serei julgado como assassino, sentenciado á morte, e morrerei, sem

denunciar que o matador foste tu.

--Mercês... A justiça sabe quem matou, provavelmente... A minha questão

é outra, Domingos Leite. Eu preciso tanto como tu sahir de Hespanha. A

nodoa de covardia tanto innegrece a tua reputação como a minha. Os

enviados a matar D. João fomos dois: o covarde não póde ser só um. Se

vaes a Lisboa, irei comtigo: dar-me-has agazalho no teu escondedouro, e

eu te ensinarei modo de passarmos a Hollanda, com tua filha, sem

tornarmos a Castella, onde o desprezo pode ter as consequencias do odio,

e o veneno que estava para hervar a bala do duque de Bragança servir

para nós. Se queres roubar a pequena á mãe, eu te ajudarei. Os estorvos

que t'o empecerem, derrubal-os-hei. Se quizeres que eu estrangule os

gritos no pescoço de Maria Isabel em quanto foges com tua filha, ninguem

lhe ouvirá um soluço. Se nada quizeres de mim, ao menos dá-me em Lisboa

um valhacoito d'onde eu possa arranjar passagem para onde quer que seja.

Que mal te faz que eu vá comtigo?

--Vem, meu amigo, que eu estou tão longe de t'o impedir, que t'o

agradeço--respondeu Domingos Leite abraçando-o extremosamente.

Accordaram na partida para 18 de julho.

Communicou Roque á Junta dos fidalgos, que Domingos Leite resolvêra

voltar a Lisboa e matar o rei, face a face, ou á traição, consoante se

lhe occasionasse o ensejo; mas tirou a partido que ninguem se intenderia

com elle sobre tal determinação, porque a sua honra se queria desligada

de compromissos politicos, visto que se desaffrontava a si e não a

Filippe IV nem aos fidalgos de sua parcialidade.

Riram da honra do plebeu nobilitado com a commenda de Castella; mas

acceitaram a clausula como coisa de todo o ponto indifferente. A Juncta

chamada da Inconfidencia deu dois mil cruzados ao interprete de Domingos

Leite e renovou as ordens ao marquez de Molinguen. O pai de Angela nem

d'esta feita nem da outra soubera que Roque da Cunha recebêra dinheiro;

e, por que lh'o via em abundancia, suppunha-lh'o de seus salarios e

liberalidades de D. Vicencia.

No dia 18 de julho sahiram de Madrid, caminho da fronteira.

Escutemos o chronista-mór do reino, fr. Francisco Brandão: «Ha muito

para reparar na força do destino que chamava Domingos Leite... Depois

que sahiu de Madrid entrou logo em desconfiança do companheiro,

presumindo que o havia de entregar, como por vezes lhe disse no caminho,

declarando que sonhára uma d'aquellas noites que elle o entregava, e se

via mandar fazer em quartos; e chegou a tanto a suspeita que tinha que,

uma das vezes, se poz de joelhos diante de Roque da Cunha, e,

abraçando-o pelos pés, lhe rogou encarecidamente o não quizesse entregar

á justiça. Estando em Badajoz na estalagem, entrou uma menina de pouca

edade, e pondo os olhos em ambos, lhes disse: \_Uno de vos outros és

traidor\_. E apontando em particular para o Cunha, disse: \_Tu tienes

ojos de traidor\_!... Reparou logo o Leite, nas palavras, e com

o annuncio d'ella renovou ao companheiro a presumpção que d'elle

trazia, e continuou com a supplica de que lhe fosse fiel. Grande

cegueira--prosegue Brandão--que, tendo as presumpções tão vivas, não

melhorasse partido, sendo-lhe facil!..»[10]

Se prestamos mediana fé á perspicacia da mocinha de Badajoz que lia a

traição nos olhos de Roque da Cunha, facilmente cremos que o traidor, a

relanços, se temeu das suspeitas de Domingos Leite, em termos de velar

as noites com medo do punhal e da cravina que o companheiro

cuidadosamente aconchegava do leito.

Ás vezes era Roque da Cunha quem se prostrava aos pés da victima

exorando-lhe que não suspeitasse de sua lealdade, ou então o repulsasse

de si como ao mais abjecto scelerado. «Grandes foram as cautelas de

Cunha--confirma fr. Francisco Brandão--para assegurar bom animo ao

companheiro, receando que lhe fugisse a preza, e não quizesse entrar em

Portugal, ou depois de entrado, se voltasse para Castella sem passar a

Lisboa; e não foram de menos consideração as cautelas que teve para se

assegurar d'elle, receoso de que o matasse com as suspeitas.[11]

Á quem de Badajoz sahiram da estrada real; e por veredas desfrequentadas

e conhecidas de Roque, venceram grande espaço, para se desencontrarem

das tropas portuguezas, em um dia e noite. No termo da violenta jornada

de oitenta e cinco leguas em dez dias, o cavallo de Domingos Leite

abrira dos peitos, e na aldeia, onde se albergaram, não houve modo de

allugar cavalgadura. Notou Roque da Cunha ao companheiro que o

presistirem alli, sem esperanças de remedio, era perder tempo, e talvez

perigoso; que elle iria adiante agenciar cavallo nos Pegoens, e lh'o

enviaria, a não querer o seu amigo ir n'essa diligencia, e enviar-lh'o.

--E para que vá mais leve, e menos sugeito a que me roubem, fica tu com

os meus alforges, onde estão quatro mil cruzados...--ajuntou Roque.

--Oh!--exclamou Domingos Leite gracejando--Ninguem dirá que vaes do

desterro! Parece que chegas de governar a India! Quatro mil cruzados!...

--Ahi t'os deixo como refens...

--Mal de mim se este dinheiro fosse o abono da tua lealdade, Roque! Se

tens tenção de me atraiçoar, leva-o, e atraiçoa-me, para que me não

taxem de ladrão quando me prenderem.

Roque fez um esgar de fingida magoa ou de terror de sua mesma ignominia.

Domingos Leite interpretou a primeira supposição, e emendou as palavras

duras com tocar-lhe amoravelmente no rosto, dizendo-lhe:

--É brincadeira, meu homem! Vai, leva ou deixa o dinheiro, como

quizeres; manda-me o cavallo, e espera por mim na Povoa de S. Martinho,

d'aqui cinco leguas. Levas-me de avanço apenas algumas horas, se ámanhã

cedo me mandares o cavallo, e elle não fôr aleijado. Devo lá chegar por

noite, se a estrada real estiver desembaraçada de tropa; senão terei de

dar grandes voltas.

Roque abriu o alforge, contou cem mil reis e disse:

--Levo commigo este dinheiro, porque talvez tenha de comprar o teu

cavallo, se m'o não quizerem alugar; e quem sabe se o meu tambem vai a

terra, que hontem já o não sentia entre os acicates...

--Não deixes o dinheiro!--instou Leite Pereira.

--Já te disse que receio ser roubado. Que me faz deixal-o ou leval-o?

Adeus, até ámanhã.

Abraçaram-se. Domingos Leite olhou-o muito de fito, e disse-lhe:

--Não me vendas... visto que estás rico!

Roque sahiu de arremesso, cavalgou, e esporeou a desapoderado galope,

caminho dos Pegoens. «Não me vendas...» dissera o desgraçado.

Assizadamente escrevia depois o frade: \_Ha muito para reparar na força

do destino que o chamava\_...

XXI

Decorrêra o restante d'aquelle dia 28 de julho, e parte do seguinte sem

novas de Roque da Cunha. Cerca do meio dia, chegou um guia, portador de

um bilhete para Domingos Leite. Dizia-lhe o fementido que, não

encontrando cavallo que comprasse ou alugasse em Gaifões, passara a

Rilvas, onde achara um sendeiro estropiado, que alugou para si, e lhe

enviava a elle o cavallo para que a jornada lhe fosse menos enfadonha.

Domingos Leite sentiu-se captivo d'esta deferencia; mas, apenas montou,

conheceu que o cavallo estava por tanta maneira escalavrado que só muito

a passo alcançaria vencer as seis leguas, que o distanciavam da Povoa de

D. Martinho, até á noute do dia seguinte. O arrieiro que o guiava

recommendou-lhe pouca espora, se queria chegar com o cavallo vivo á Povoa.

--Não havia em Rilvas uma besta que se vendesse?--perguntou Domingos Leite.

--Havia um cavallo de comer tres leguas por hora, que se vendia por

trinta cruzados.

--Porque o não disseste á pessoa que te mandou com este?

--Quem me mandou foi o estalajadeiro, e nada mais sei, nem fallei com

essa pessoa que vossemecê diz.

O cavallo elogiado pelo arrieiro comprara-o Roque da Cunha, e n'elle

cavalgára caminho de Lisboa, deixando tractada com o estalajadeiro a

remessa do seu e o bilhete á aldeia onde ficára o seu companheiro.

Dizendo Domingos Leite ao criado que talvez comprasse em Rilvas a

cavalgadura, observou-lhe o arrieiro que tinha ordem de o guiar por fora

dos povoados, sem saber a razão porquê.

--Andam soldados na estrada real?--perguntou Leite.

--Que eu saiba, não, senhor.

Reparou na precaução o cavalleiro; e não viu a voragem. Cada vez nos

encostamos com melhor juizo ao dizer de fr. Francisco Brandão: \_Ha muito

para reparar na força do destino que o chamava\_.

Suggeriu-se-lhe de novo o pensamento da perfidia; quedou-se alguns

segundos luctando com o palpite de retroceder; nada obstante, seguiu

avante, dizendo entre si:

--Que pensaria de mim Roque da Cunha se está innocente nas minhas

suspeitas, e eu me voltasse a Hespanha com o seu dinheiro!...

Quando elle assim lidava em conjecturas que se destruiam, já Roque da

Cunha estava em Lisboa, e no Paço da Ribeira. Pediu ao corregedor Pero

Fernandes Monteiro, que sahia da corte, o apresentasse a el-rei para

negocio da maior urgencia. D. João IV, ouvindo o nome do seu recente

espia em Madrid, e recordando o recado de Roque da Cunha, transmittido

pelo jesuita, quanto a salvar-lhe a vida, teve grande alvoroço com a

nova, e mandou-o entrar. Poz-se em joelhos o delactor, começando por

implorar o perdão de seus delictos, e confessando que tivera parte em

uma tentativa contra a vida de sua magestade; porém, accrescentava que

se el-rei, seu senhor, lhe não perdoasse, morreria contente, levando a

Deus sua alma purificada de remorsos.

Sorriu D. João IV dos remorsos de Roque da Cunha, e disse gravemente:

--Estás perdoado. Dize o que tens a dizer, e levanta-te.

Referiu Roque a tentativa de regicidio em 20 de junho, com os pormenores

sabidos do leitor, e aggravou o crime de Domingos Leite com a

reincidencia no intento que o trazia a Portugal.

Escutou-o D. João com torvo aspecto. Turturava-o a situação de Maria

Isabel. Passou-lhe talvez no espirito o pensamento de encarregar o

infame delactor de matar, em segredo, Domingos Leite, e salvar assim a

viuva e a filha da ignominia que do alto da forca baixaria sobre ellas.

Mas não era Roque o homem amoldado á observancia do mysterio que tal

acto requeria.

Mandou recolher o espia a um quarto baixo do paço, e ordenou que viessem

á sua presença o fidalgo mais possante de sua côrte, Luiz da Silva

Telles, e outro não menos destemido D. Francisco de Faro e Noronha,

conde de Odemira. Contou-lhes o que passára com Roque da Cunha, e

enviou-os a prender Domingos Leite Pereira onde o denunciante os

conduzisse.

Ao mesmo tempo, ordenava a Antonio Cavide que sem perda de tempo fizesse

entrar em uma caleça Maria Isabel e sua filha, e elle mesmo as

conduzisse a um mosteiro de Tras-os-Montes, á escolha do seu secretario;

que nem palavra lhes dissesse a respeito de Domingos Leite, e se

desculpasse com a ignorancia dos motivos que el-rei tivera para dar

semelhante ordem.

Maria Isabel e Angela colhiam, ao empardecer do dia, nos canteiros do

seu jardim de Alcantara, um ramilhete de flores, quando o escudeiro

annunciou a chegada do secretario de estado, e a recommendação de se

apressar S. Senhoria a recebel-o.

Assustou-se a dama. Sempre que este homem a procurava soavam-lhe rebates

de medo no inquieto coração. Tinham-lhe dito que Cavide lisongeava o

rei, alcofando-lhe novas amantes quando o sentia fatigado das antigas.

Esta seria a causa da repugnancia. Angela, essa então odiava-o de

instincto, sem saber precisar aquelle rancor tão desnatural em sua edade.

O estranho aspeito de Cavide incutia maior temor em Maria Isabel.

--Minha senhora--disse elle entre melancolico e solemne--ordena el-rei,

meu amo e senhor, que vossa senhoria e sua filha se aprestem activamente

para ao romper da manhã sahirem de Lisboa...

--Para onde?!--interrompeu Maria Isabel.

--Para um mosteiro na provincia de Traz-os-Montes.

--Mosteiro!...

--Sim, senhora minha.

--Não quero!--bradou a dama.

Sorriu-se o fidalgo, e disse:

--Quer el-rei, nosso senhor.

--Mas que fiz eu? por que me manda el-rei para um convento?

--Ignoro. Segredos de sua magestade. Não discutamos inutilmente: é

sacrilegio duvidar da prudencia de sua magestade nas ordens que se

dignou transmittir-lhe. Senhora D. Maria Isabel, ás tres horas da manhã

está o meu coche á porta de vossa senhoria, e fora de portas estará a

caleça que nos hade levar onde el-rei ordena. Não posso deter-me, salvo

se tem ordens a dar-me...

A esposa de Domingos Leite abraçou-se na filha em pranto desfeito, ao

passo que o secretario se retirava a passo magestoso, dignando-se saudar

d'entre o reposteiro a senhora que não o via.

Quando ella ás onze horas d'aquella noite de 30 de julho enfardelava com

as lacrimosas criadas os seus fatos e de sua filha nos bahús, entrava

Domingos Leite Pereira na Povoa de S. Martinho, áquem do Tejo, trez

leguas distante de Lisboa.

Conforme a senha concertada, deu trez pancadas na porta da estalagem com

a coronha da cravina. Desceu Roque da Cunha embrulhado em um gibão e em

menores, affectando sahir da cama. Abriu a porta mansamente, e disse:

--Eu já não te esperava...

--Tambem eu cuidei que não chegaria hoje... O teu cavallo vai fazer

companhia ao meu na immortalidade das cavalgaduras heroicas e pôdres...

Quem está por aqui na locanda?

--Ninguem afora um ou dois vilões desconhecidos. Dá cá as redeas, que eu

recolho o cavallo.

E dizendo, tirou pela besta, afim de distancear o coldre das pistolas do

alcance de Domingos Leite, e servir-se d'ellas em conjuntura apertada.

Seguia Domingos Leite o cavallo; e, no momento de entrar na cavallariça,

frouxamente allumiada, sentiu-se agarrado de sobresalto. Eram os braços

de ferro de Luiz Telles que o cingiam do peito ás costas, emquanto o

conde de Odemira lhe arrancava das mãos a caravina.

Leite nem levemente escabujou nas garras dos dois fidalgos. Cravou os

olhos no rosto de Roque da Cunha, e disse:

--Agradeço-te esta morte, ó infame. Todo o infeliz que chegou a conhecer

n'este mundo um homem como tu, deve desejar morrer. Podem largar-me, que

eu não lhes fujo nem lhes resisto, sr. Luiz Telles e sr. conde.

D'ahi a momentos, á porta da estalagem chegava uma escolta de paisanos

armados. Domingos Leite foi conduzido ao centro da escolta pelo conde de

Odemira, que, voltado ao preso, disse:

--Se tentar fugir, sr. Leite, é espingardeado.

\_E com grande silencio o levaram a Lisboa\_, diz o manuscripto.

Silencio comprehensivel! Os dois fidalgos que, por ordem de el-rei, o

apertaram nas roscas de aço dos seus musculos, sabiam que a mulher

d'aquelle homem, inevitavelmente levado ao patibulo, era amante de D.

João IV. A sua abjecta mensagem de esbirros ainda lhes consentia que

sentissem o opprobrio d'ella. Roque, na saga da escolta, não podemos,

não poderá ninguem esgaravatar que herpes lhe mordiam a consciencia.

Homens assim nem o Creador sabe decifrar o enigma que elles são. Querem

que Deus deva saber o que fez. Saberá.

Domingos Leite era o unico do prestito sinistro que levava o rosto

nobremente erguido, e parecia olhar para o ceo pedindo ás estrellas a

luz da fé, para que na morte lhe não faltasse a esperança de outra

existencia.

Entrou em Lisboa na madrugada de 31 de julho. Levaram-no ao palacio do

conde de Odemira, onde respondeu ao primeiro interrogatorio com a

altivez nunca vista em reo. Confessou tudo, sem nunca balbuciar o nome

da mulher. Matava el-rei, disse elle, em desaggravo da sua honra.

Nem um instante de quebranto, de pavor ou de supplica! \_Entrou na casa

do conde de Odemira\_, diz o doutor fr. Francisco Brandão no opusculo

referido, \_com um desafogo tal que parecia mais alvitrista dos

contrabandos d'el-rei D. João que cumplice dos maiores servidores do rei

de Castella. Com esta mesma segurança de animo se portou em todos os

mais lanços em que foi examinado; tendo só de bem confirmar sempre na

confissão com o companheiro que o deu á prisão, e com a primeira

confissão que uma vez lhe ouviram; de maneira que correndo por todo o

exame e rigor das interrogações que o direito dispõe não faltou nunca na

mesma rectificação de quanto sem as maiores violencias havia confessado;

imperfeita virtude no maior defeito!\_

Em um d'esses interrogatorios, \_sem as maiores violencias\_ (quer dizer

que a tortura não foi das mais requintadas) fizeram-lhe esta pergunta:

--Porque não atiraste a el-rei, tendo a escupeta apontada sobre o

sagrado corpo de sua magestade?

--Porque tive uma visão santissima: foi a mão de um anjo do ceo, que me

levou para si os olhos e a alma.

D'esta resposta formaram os fantasistas da historia uma parvoiçada de

aureolas luzentissimas que esconderam aos olhos do regicida o etherio

corpo de D. João de Bragança.

Transferido da caza do conde para o segredo do Limoeiro, divulgou-se em

Lisboa a noticia.

As turbas correram á porta do carcere pedindo que lhe entregassem

Domingos Leite Pereira para o espedaçarem. Acudiram os ministros,

clamando ao povo que o prezo era apenas reo de morte na pessoa do padre

Luiz da Silveira, e conseguiram debandar a chusma dos carrascos

voluntarios, ebrios de civismo.

Bernardo, quando soube da captura de seu amo, abordou-se ao cajado de

peregrino, e foi caminho de Guimarães dizer a Antonio Leite que seu

filho morria em desaffronta de sua honra.

Ao fim de 16 dias de prisão, Domingos Leite foi sentenciado.

Eis a sentença integralmente trasladada da original, e publicada em 1833

pelo desembargador Gouvêa Pinto:[12]

SENTENÇA

Que se proferiu contra Domingos Leite Pereira Escrivão da Correição do

Civel da Côrte, por querer atreçoadamente matar a El-Rei o Senhor D.

João o IV.

Acordam em Relação etc. Visto estes Autos, que pela calidade, e

detestação do caso, prova d'elle se fizeram summarios.

Mostra-se que o Reo \_Domingos Leite Pereira\_, sendo natural d'este

Reino, e Proprietario do Officio de Escrevão do Civel da Corte, se

passou d'elle para o de Castella no anno passado, a titulo de um seu

homezio, e estando em Madrid, foi n'elle despachado com o Habito de

Christo, e outras mercêz, e d'aly com ordem de certos Ministros de

El-Rei de Castella foi mandado a este Reino para matar a El-Rei Nosso

Senhor, dando-lhe para este effeito quatrocentos escudos e uma

espingarda com quartos, e um pelouro e dous vasos de peçonha para os

poder ervar, e Cartas do mesmo Rei de Castella para o Marquez de

Molenguem, Governador das Armas da Cidade de Badajoz, o deixar passar

livremente.

Mostra-se que vindo o Reo com animo de efectuar o sobredito, chegou a

esta Cidade com outro companheiro em seis do Mez de Maio do anno

prezente aonde andou escondido té os vinte dias do Mez de Junho, dia da

Procissão geral do \_Corpo de Deus\_, em que determinava dar á execução o

seu damnado, e abominado intento, para cujo effeito, por meio do dito

seu companheiro alugou tres moradas de cazas no principio da Rua dos

Torneiros, por onde havia de passar a dita Procissão, e n'ella

acompanhando o dito Senhor, na forma do costumado pelos Senhores Reis

d'este Reino, com tal apercebimento que uma das ditas casas ficassem com

a dita porta para outra rua diferente por onde facilmente, depois do

caso feito podesse escapar sem ser tomado, rompendo com uma alavanca de

ferro as ditas trez moradas de cazas, para mais facil expedição da sua

fugida.

Mostra-se, que no dito dia da Procissão ao tempo que o dito Senhor

chegou á dita rua, e casas, e o Reo com a mesma rezolução, e deliberação

do animo, o estava esperando em um buraco, que para o mesmo effeito

abriu nas ditas cazas, com a dita espingarda nas mãos carregada dos

ditos doze quartos, e um pelouro ervado com a dita peçonha, e tanto que

a Real Pessoa do dito Senhor, elle mesmo confessa, que se lhe

representou uma \_Superior Magestade do Ceo\_, que lhe fez cahir das mãos

a dita espingarda sem poder executar o intento, que de antes tinha, e no

mesmo dia se sahiu desfarçado das ditas cazas, deixando n'ellas a dita

espingarda, e alavanca, e vazos de peçonha; e se foi ao postigo de Nossa

Senhora da Graça aonde o dito seu companheiro o estava aguardando com

dous cavallos, que já alli tinha preparados para sua fugida, e n'elles

se tornaram ambos para Madrid.

Mostra-se, que ahi se tornou o Reo a vêr com os mesmos Ministros de

Castella, que o haviam mandado dando-lhe outras desculpas de não

effectuar o promettido por sua parte, e elles acceitando-lhas o tornaram

a mandar ao mesmo effeito, com os mesmos passaportes, e promessas de

aventejadas mercêz, dando-lhe mais dous mil cruzados em dinheiro; e

partindo o Reo com o mesmo intento, e deliberação, e o dito seu

companheiro, o mandou diante a esta Cidade a buscar cazas aonde se

podessem agazalhar, e que o fosse esperar ao Lugar da Povoa de D.

Martinho, para que ambos podessem entrar mais escondidos na Cidade.

Mostra-se, que o companheiro do dito Reo, uzando de melhor concelho

\_revelou tudo aos sobreditos Ministros da Justiça\_, do dito Senhor em os

trinta e um dias do Mez de Julho, em que o Reo chegou ao dito logar da

Povoa, o entregou n'ella á prizão, e o Reo no mesmo dia fez inteira e

plenaria confissão do seu damnado e deliberado intento, contestando em

tudo o acima referido; e que fazendo-se diligencia, e visturia nas ditas

cazas se acharam furadas, na forma referida, e n'ellas os dois vasos de

peçonha, escondidos no proprio lugar, que o Reo declarou, um d'elles

ainda cheio, outro já diminuto, pelo que elle havia tirado, para ervar

os ditos quartos e pelouro.

Não mostra o Reo por sua parte descarga alguma em sua defeza, sendo-lhe

dado vista, e Procurador para allegar de sua justiça e direito.

O que tudo Visto, e o mais dos Autos, disposição de direito em tal caso,

declaram ao dito Reo, por traidor aleivoso, parrecida, assassino, e

haver incorrido no detestavel crime de Leza Magestade de primeira

cabeça, e como a tal o condemnam, e mandam, que com baraço, e pregão

pelas ruas publicas, e costumadas seja levado á rasto á forca, aonde

sendo-lhe primeiro decepadas as mãos no Pelourinho morra enforcado de

morte cruel, e o seu corpo seja posto em uma fugueira e n'ella feito em

pó, e em cinza, para que d'elle não fique memoria; e o condemnam outro

sim em perdimento de seus bens para o Fisco, e Camara Real, e que seus

descendentes hájam as penas, que por direito lhes são impostas: e esta

Sentença se não publicará sem primeiro se dar conta ao dito Senhor, na

fórma de suas ordens: e pague o R. os Autos. Lisboa 12 de Agosto de

1647.--Marcham, Monteiro, Beja, Marz.º, Stacio, Porto.

--------

Ao alvorejar da manhã de 21 de Agosto de 1647, sahiu o regicida do

oratorio, onde permaneceu tranquillo, já orando, já conversando

affectuosa e christãmente com o sacerdote. Se algumas vezes orava com

fervor de lagrimas, e o padre lhe asseverava que nosso Senhor Jesus

Christo, pai de misericordias, lhe perdoava, o padecente respondia que

estava pedindo a Deus lhe tirasse d'este mundo uma filha que tinha, e cá

ficava sob o pezo da ignominia de seu pai.

Apontava o sol, quando os algozes entravam no recinto a tosquiar-lhe a

cabeça, a vestir-lhe a alva, e enroscar-lhe no pescoço e cintura a corda

por onde haviam arrastal-o. Levado, á beira do padre, até ao atrio do

Limoeiro, ahi mandaram-o estender-se sobre um esteirão, ao qual

aprezilharam as cordas da garganta e da cinta, de geito que, ao

repuxal-as, o não molestassem de modo que a vida perigasse.

As ruas desbordavam de povo que ululava gritos de colera, e premia os

flancos da escolta.

Chegado ao Pelourinho, mandaram-no erguer, conduziram-no pela corda a um

patamar de taboado, no centro do qual estava um cepo de madeira escura

pintalgado ainda do sangue dos conjurados de 1641 e de Francisco de

Lucena. Domingos Leite estendeu os braços no cepo, e o carrasco

decepou-lhe as mãos de dois golpes. A forca da Ribeira hasteava-se a

distancia de duzentos passos. Do Pelourinho ao patibulo o suppliciado

revelou enormes dores nos estorcimentos dos braços que jorravam sangue

em jactos fumegantes. O frade da agonia, lavado em lagrimas,

murmurava-lhe tudo que o homem pode dizer em honra de Deus e esperanças

do ceo.

Chegou o instante da piedade humana: o carrasco, balouçando-se-lhe nas

espaduas, quando o corpo se inteiriçava pendente do triangulo, fez um

gesto significativo de ter cumprido a justiça d'el-rei D. João IV.

Faltava ainda o complemento da sentença.

O verdugo cortou a corda. O cadaver baqueou no tablado. E logo dois

ajudantes do executor o esquartejaram em quatro partes que encravaram

com cavilhas de ferro em uns altos postes arvorados em quatro pontos da

cidade, os quaes ahi estiveram expostos até que a podridão aconselhou o

queimal-os, e arrojal-os ao Tejo.

Assim acabou Domingos Leite Pereira, o mancebo ardente que se devotára

ao duque de Bragança com patriotico desprezo da vida, e o marido brioso,

que respeitára em si o esposo trahido, e odiára no rei o adultero

infamador de sua honra.

CONCLUSÃO

Pelo que é de Domingos Leite Pereira está tudo concluido.

Mas a narrativa não pode parar aqui.

Ficam-lhe no mundo a filha, a esposa, o pai... e o traidor.

Oh! Roque da Cunha viu aquella tragedia, viu a cabeça esqualida no poste

da rua dos Torneiros, e ficou debaixo do ceo, para onde o frade apontava

com o Christo, quando o padecente tiritava nas horrentes dores da

mutilação!..

Vamos rastrear os destinos de Angela, visto que a Providencia a não

levou d'esta vida, quando o padecente lh'o rogava no oratorio. E, se no

rastro escuro ou luminoso da amada e innocente creatura, resvalarmos aos

lodaçaes, pode ser que lá topemos os personagens repugnantes de cujo

destino o leitor nos pede conta.

O livro hade chamar-se A FILHA DO REGICIDA. (\_Nota final.\_)

FIM

NOTAS

NOTA 1.ª

Diogo de Alvarado foi grande tangedor de \_tecla\_, que é o mesmo que de

\_orgão\_. Viveu longa vida e conservou sempre a mesma destreza e

agilidade no tanger d'aquelle instrumento. Quarenta e trez annos exerceu

o officio na capella real no tempo dos Philippes, e ainda trez no

reinado de D. João IV. Está sepultado na egreja de Nossa Senhora dos

Martyres, onde tem este epitaphio: \_Sepultura de Diogo de Alvarado

tangedor de tecla na capella real 43 annos, e de sua mulher, o qual

falleceu em 12 de fevereiro de 1643\_. «Memorias (ineditas) de Diogo de

Paiva de Andrade.» Estas \_Memorias\_ referem-se á antiga egreja arrazada

pelo terremoto de 1755. D'este musico não encontramos outra noticia, nem

d'elle a teve o cardeal patriarcha D. Frei Francisco de S. Luiz na

\_Lista de alguns artistas portuguezes\_. (Lisboa, 1839).

A referencia que acima se faz a \_Guerreiro\_, intende com o padre

portuguez Francisco Guerreiro, mestre da capella da Sancta Igreja de

Sevilha, o qual, como elle mesmo refere no seu \_Itinerario da Terra

Sancta\_, estando em Veneza por agosto de 1588, ahi mandara imprimir os

seus livros de musica.

NOTA 2.ª

Esta novidade da morte de Bernardim Ribeiro Pacheco, a tiro, na rua

Nova, deparou-n'ol-a um manuscripto que possuimos intitulado MEMORIAS

COLLIGIDAS POR DIOGO DE PAIVA DE ANDRADE. D'estes nomes e appellidos

houve tio e sobrinho. O primeiro foi grande theologo e mui sizudo padre

que decerto não ferragearia os escandalos que enxameam nas MEMORIAS. O

sobrinho, mais mundanal, e auctor do \_Casamento perfeito\_, seria o

collector de biographias, um tanto airadas, entre as quaes está a do

amador da infanta Beatriz. Diogo de Paiva nasceu em 1576 e morreu em 1660.

NOTA 3.ª

\_Memorias\_ citadas. Concordam com a supposição de Manuel Faria e Sousa

nos \_Commentarios ás rimas\_ de Luiz de Camões, e nomeadamente á

\_Canção\_ VII e ao \_Soneto\_ LXXVII.

NOTA 4.ª

O fidalgo, que assim ameaçou brutalmente uma senhora, foi D. Carlos de

Noronha. Este sujeito havia sido estrenuo cortezão da côrte de Madrid, e

recompensado por Filippe III largamente; porém, como pedisse uma graça

que o rei lhe não concedeu, voltou aggravado para Portugal, e

inscreveu-se entre os conjurados com arrebatado patriotismo. Como a

cobiça fosse o estimulo mais energico dos seus actos, curou de se

enriquecer, litigando a posse dos bens a quem os tinha. Questionou a

casa de Linhares a D. Miguel de Noronha, e perdeu a demanda. (Veja-se a

\_Historia Genealogica da Casa Real\_, T. 5.º, pagina 270). Em seguida,

como o marquez de Villa Real fosse degolado, demandou a corôa sobre a

successão da casa do sentenciado: perdeu a demanda. (Veja-se a \_Historia

Genealogica da Casa Real\_, T. 2.º, livro 3.º pagina 521). Como lhe não

rendesse nada o vampirisar nos cadaveres dos justiçados, fez uns

\_Estatutos da Ordem de Avis\_ em que constituiu visitador geral das ordens

militares de Portugal o presidente da Mesa da Consciencia. Ora, como

elle foi toda a sua vida presidente da referida Mesa, e pelo conseguinte

visitador vitalicio, arranjou por este engenhoso meio traças de se

locupletar, pondo em almoeda as suas concessões. Eis aqui um dos noventa

heroes de 1640! Quem os quizer contar leia a \_Historia da

Acclamação\_ etc., por Roque Pereira Lobo.

NOTA 5.ª

Pedro Barbosa foi assassinado em 1621, quando recolhia da Relação para

sua casa, que era um palacio na Ribeira. Este palacio, depois de 1640,

passou a um dos conjurados, de appellido \_Noronha\_, e era dos marquezes

de Angeja, quando o terremoto de 1755 o alluiu. Pedro Barbosa de Luna

era de Vianna do Minho.

NOTA 6.ª

O receio de que nos arguam de injusto n'esta apreciação do fundador da

dynastia bragantina, obriga-nos a dar cópia exacta de um autographo, que

possuimos, de D. João IV: são os apontamentos que o rei deu a Pedro

Vieira da Silva como bazes do seu testamento. Quem leu o \_Testamento

delRey D. João IV\_ no tomo IV das \_Provas da Historia Genealogica da

casa real\_ por D. Antonio Caetano de Sousa, pagina 764 e seguintes, e o

reputou da lavra do monarcha, tem rasão, se formar bom conceito da

intelligencia do testador; quem porém vir os traços fundamentaes d'esse

documento, duvidará que elle haja sido o auctor do livro de musica. Aqui

está o traslado textual do testamento escripto do punho de D. João IV:

«Jesus Maria a quem emcomendo minha alma, nomeio primeiramente por

herdeiro de meus Reynos, e Senhorios ao Princepe D. Afonso meu filho

como a quem directamente pertensem e por que elle se acha em menor edade

declaro por Regente de meos Reynos e tutora de meos filhos a Raynha

minha sobre todas prezada mulher; e por que ella pode morrer ainda

durante amenor idade de meu filho em tal cazo podera nomear os Tutores

ou Tutor Governador ou governadores para meus filhos e estes Reynos e

Senhorios pello conhecimento que tem delles e de meus vaçalos e

porquanto fio dela e de sua prudencia e do amor que me tem que detudo o

que aentregar fara o que eu fizera por ella a nomeio por minha

testamenteira e que faça pella minha alma tudo quanto a ella lhe parecer

que me comvém.

«Ordeno que meu corpo seja enterrado no convento de S. Vicente defora

para onde se tresladarão os ossos de meu filho o Princepe D. Theodozio e

os de minha filha a Infanta D. Joanna para o que se faram sepulturas

decentes e no dito convento se diram coatro missas cotudianas duas pella

minha alma e duas pello Princepe e Infanta.

«Deixo que os meus bens livres serepartão por meus filhos conforme a

cada hum tocar e peço ao Princepe lhe conserve as doaçoens que tenho

feito, e espero delle o faça e lhe acrecente outras visto que eu por não

defraudar o patrimonio Real lhas dei tão limitadas. Deixo aminha terça

ao Princepe mui sobre todos prezado filho e que della setirem vinte mil

cruzados que a Rainha minha testamenteira repartirâ em obras pias

cazando orfas e donzellas e dando esmollas a viuvas e pobres e porque

destes ha muitos que são meus criados mando que seião (sejam)

preferidos, e porque Antonio Cabide tem de todos inteiro conhecimento a

Rainha se informara delle para saber quaes são os mais benemeritos e

trez nomeadamente cujos nomes dira o meu confesçor.

«De Antonio cabide tenho inteira satisfação pello modo e zello com que

sempre mecervio e asim peço a Rainha sequeira servir delle no mesmo modo

com que eu me cervia por que fio delle o fara com toda a satisfação, e

por que muitos tempos correu com toda a minha fazenda e medeu dela

inteira conta o dou por quite e livre e que este lhe cirva de quitação.

Declaro que tenho huma filha por nome D. Maria de huma mulher Limpa que

esta no convento de Carnide a quem deixo a comenda mayor de santhiago

para a formatura da qual tenho passado decretos a mesa da conciencia e

ordens e se impetrarão do Papa os breves necessarios e asim mais as

villas de Torres vedras colares, e os lugares de Azinhaga, e cartaxo,

que logo os faço villas com jurisdição a parte com todas suas doaçoens

de juro, e herdade sempre sojeitas a Ley mental, e porque nestas doaçõns

pode aver ao diante duvida algua mando ao Princepe meu filho lhas

satisfaça emquanto eqivalente, e sincoenta mil cruzados para por sua

casa. E porque no modo e Estado que ella ouver de tomar tive alguns

intentos de que tudo sabe Antonio Cabide pesso a Raynha informada delle

siga minha mesma vontade.[13] Tenho tratado casar minha

filha D. Catherina com El Rey de Franca por asim mo averem pedido

Menistros daquella coroa e por que de todos estes negocios sabe a Raynha

lhe pesso siga nelles meus proprios intentos.

«A Antonio Cabide dava todos os annos atitolo decerto cerviço meu das

Rendas da casa de Bragança dous mil cruzados, a D. Maria minha filha

mando se lhe dem na mesma forma athe tomar estado.

«Tenho satisfeito os testamentos de meus Avos principalmente tudo o que

meu Senhor e Pay mandou e por que ao Morgado da Cruz conforme sua mesma

instituição devo acrecentar Vinte mil cruzados de renda mando que dos

meus bens se acrecentem.

«Os Reys mais que os outros homens devem dar ao mundo razão de suas

acçõens. E asim digo que me restituhi a estes Reynos, e Senhorios por

entender o devia fazer em conceencia por livrar a meus vaçalos do

dominio, e violencia estrangeira e esta razam me obrigou a fazer huma

couza que poderia ser contra meu natural. A Justiça e a observancia

della conserva as Monarchias máis que as armas e asim encomendo ao

Princepe meu filho siga nesta materia inviolavelmente esta acção.

«De todos meus criados tenho inteira satisfacam por me averem servido

com lialdade zelo, e trabalho principalmente os officiaes de minha caza,

Mordo mor (Mordomo-mor) Estrebeiro mor, cappelão mor, Porteiro mor, e os

mais, que aqui hei por expreços, e declarados, e peço ao Princepe meu

filho se sirva delles porque o faram como eu sempre experementey. O

conde Camareiro mor do meu concelho de Estado me tem servido nesta

doença como nas mais comtodo cudado e trabalho asim mando ao Princepe

meu filho lhe faca toda a honra e Estimação que mereceo e mando se lhe

entregue mil cruzados para repartir com os Mocos da camara que me

cervirão nesta doença. Declaro que governei este Reyno com toda a

Justiça comforme entendi e se herrei em alguma de minhas acçoens como

homem foi sempre cudadozo qual hera o melhor que se devia obrar.

«Tenho declarado a Raynha hum pessoa para Ayo do Principe que ella

nomeará quando lhe parecer.

«Tenho muitos papeis tocantes ao governo d'este Reyno, e conhesimento de

meus vasalos que podem servir á Raynha e ao Principe e porque da

publicação delles pode rezultar perjuizo amuitas pessoas mando que o

Bispo meu confessor e Antonio Cabide fassão inventario delles, e os

entreguem a Rainha.

«Fuy muito corioso da minha livraria da muzica, e asim para que se

conserve lhe deixo corenta mil reis todos os annos para fabrica, e mando

que esteja sempre na caza em que está, e que se empetre hum breve do

Papa com excumunhão reservada para que senão trezlade digo tire d'ella

Livro nem papel nem se trezlade, e nomeio para Biblioticario della a

Antonio Barbosa com cecenta mil reis de ordenado, e por Ajudante a

Domingos do Vale seu irmão, e faltando estas pessoas se hirão nomeando

outras para sempre estes cento e corenta mil reis (que) fara a Rainha

logo assentar no melhor parado da minha fazenda declarando se não tire

nunca das rendas da capella.

«A minha capella mando se acabe do mesmo modo que eu tinha ordenado com

Santuario Retabulo e çacrario e porque Antonio Cabide sabe o modo com

que eu queria isto o deixo por superintendente desta obra.

«Tenho mandado a Holanda empremir as obras de João Soares Rabello da

qual Impresão lhe faço merce rezervando para aminha Livraria vinte

Livros e os outros espalhara por Italia e Castela.[14]

«E como na observancia da Justiça consiste a conservação do Reyno

declaro que os Governadores das armas não terão nas Justiças mais

jurisdição que a que tem os capitaens de Africa. \_Fim do testamento.\_»

Quem estiver de pachorra confronte este modêlo de supina ignorancia dos

rudimentos da arte de escrever, com o estylo garrafal e engalanado do

secretario de estado Pedro Vieira da Silva. E depois, se poder, acredite

em D. Antonio Caetano de Sousa (\_Hist. Genealog. da Casa Real\_, tomo

VII, pag. 240) quando lhe diz que D. João IV ditara a Antonio Cavide a

maior parte ou todas as \_Relaçoens\_ anonymas das campanhas entre

Hespanha e Portugal, impressas entre 1641 e 1643, com o fim de \_ter

contentes os animos dos seus vassalos, e satisfeitos com os bons

successos de suas armas\_. O linhagista da casa de Bragança não satisfez

o seu encarecimento servil com menos de inventar um litterato no

fragueiro monteador de veados em Villa Viçosa.

Convem notar que o redactor do testamento procedeu sensatamente

expungindo dos regios apontamentos a clauzula de impetrar do Papa

excommunhão para quem trasladasse algum livro da Bibliotheca da musica.

Villão espirito e rancorosa alma que ainda almejavam sobreviver-se no

tumulo! D'essa estupenda biblioteca, no dia 1 de novembro de 1755, não

deixou o terremoto sequer um livro!

O autographo de D. João IV, aqui trasladado, pertenceu á livraria do

ministro de estado Fernando Luiz Pereira de Sousa Barradas.

NOTA 7.ª

Remechendo com infatigavel curiosidade o archivo das memorias que ha

vinte annos vamos collegindo ácêrca de filhas de bispos e outros coitos

damnados, encontramos um apontamento que dillucida a obscuridade do

manuscripto, e nos declara a ascendencia da menina regeitada por

Domingos Leite Pereira. É o seguinte caso, salva melhor interpretação:

O infante D. Fernando, pai de el-rei D. Manuel, teve uma filha bastarda

que se chamou Leonor. A rainha D. Leonor, mulher de D. João II, e meia

irmã d'aquella menina, levou-a para o paço, e educou-a com esmero e

carinho de irmã. Sahiu a dama muito namoradeira e desatinada, com

immenso dissabor da rainha, que a reprehendeu repetidas vezes

inutilmente. Até que um dia, estando a côrte em Santarem, a irmã colheu

a bastarda de sobresalto galanteando da janella para a rua um cavalleiro

que deu de esporas ao presentir a rainha. Travou-se altercação rija

entre as duas Leonores, rompendo a bastarda no excesso de reguingar que

havia de casar-se com quem muito lhe quadrasse. «Isso não!--replicou a

mulher de D. João II--hasde casar com quem eu muito bem quizer; e hade

ser com o primeiro homem que passar na rua, se fôr solteiro.» N'este

lance, apontou na extrema da rua um homem ordinario, de nome Alvaro

Fernandes, correeiro de officio. Chamou-o a rainha, deu-lhe um dote, e

ordenou ao capellão que os cazasse. Tiveram filhos. O padre Jeronymo

Fernandes, de Santarem, era bisneto da tal casquilha, filha do infante

D. Fernando, e irmã d'el-rei D. Manuel e tambem por tanto bisneto do tal

Fernandes correeiro. O padre allegou e provou a Filippe II que era

terceiro neto do infante D. Fernando, e obteve a mitra do Funchal. Este

devia ser avô da noiva regeitada.

NOTA 8.ª

A rua dos Tanoeiros ou Tanoaria principiava ao pé do Paço da Côrte Real,

e seguia até ao Arco do Ouro junto ao Terreiro do Paço. N'esta rua se

arruavam os tanoeiros em 1318, em numero de quinze. Quanto ao \_Sancto

Antonio de frei Bartholomeu dos Martyres\_, sabe-se o seguinte para

explicar o texto: em casa humilde nasceu n'esta rua o veneravel

arcebispo de Braga frei Bartholomeu dos Martyres; e na fachada da casa

onde nasceu, ainda antes de 1755 havia um nicho com a imagem de Santo

Antonio que o arcebispo, quando estudantinho, fizera com um canivete.

Este Santo Antonio era festejado todos os annos á custa dos devotos da

rua, e conservou sempre lampadario acceso, de noite e dia, porque toda a

freguezia dos Martyres se apegava com o milagroso Sancto nas suas

necessidades.

NOTA 9.ª

É notavel este facto omittido pelos historiadores, esquecido na

tradição, e consignado nas \_Memorias\_ colligidas por \_Diogo de Paiva de

Andrade\_. «D. Rodrigo da Camara, terceiro conde de Villa Franca, foi

preso por culpas de sedomia na inquisição de Lisboa, sendo inquisidor

geral o bispo da Guarda D. Francisco de Castro. Não faltou quem dissesse

que a soberba de um ministro d'aquelle tribunal o culpára ao conde sem

causa; porque tratando o conde de amores uma parenta do dito ministro,

este o avisára que cazasse com ella; e, tendo em resposta que só para

amiga lhe podia servir, lhe castigára o dito com um testemunho. Houve

votos de que sahisse publicamente na procissão do \_Auto da fé\_; porém, o

principe D. Theodosio embaraçou isto dizendo a D. Francisco de Castro

que, se não mudasse de proposito, deitaria fogo á Inquisição; do que,

sentido o bispo, se travaram de razões, e estas se atearam por maneira

que o principe lhe deu de bofetadas. O certo é que o conde não veiu a

publico, e sahiu em acto particular na sala da Inquisição. Disse-se que

o principe era muito avesso ás baixas manhas do inquisidor, e não

aprovava que el-rei seu pae honrasse com a prelazia o denunciador dos

máus portuguezes que padeceram em 1641.»

D'este principe D. Theodosio que dava bofetadas no Inquisidor-geral

formou o nosso amigo Pinheiro Chagas, na sua valiosissima \_Historia de

Portugal\_ (tomo VI, pagina 110) conceito muito mais ameno, quando

escreveu: «mancebo ascetico, melancolico e fanatico... dirigindo os seus

estudos em sentido mystico, etc.». Se Diogo de Paiva não desfazia no

genio pacifico do primogenito de D. João IV, a cara do inquisidor-geral,

bispo da Guarda, protesta contra o ascetico fanatismo do principe; e já

o arcebispo de Lisboa protestaria tambem quando o futuro rei lhe fez

chacota da magreza, dizendo-lhe que \_só um embalsamado podia trazer-lhe

a noticia de que elle seria principe do outro mundo\_, referindo-se ao

Brazil. Era mais \_calemburista\_ que asceta o irmão de Affonso VI,

quer-nos parecer.

NOTA 10.ª

O palacio dos duques de Aveiro que tambem foram depois marquezes de

Gouveia, foi mandado em 1758 arrazar em Belem, em seguimento ao

supplicio de D. José Mascarenhas. O marquez D. Manrique da Silva, cujo

secretario foi Domingos Leite, era quarto avô do ultimo duque de Aveiro,

e habitou o palacio de Pedroiços, no local onde ainda hoje se vê afogado

em cazinholas um padrão commemorativo do delicto.

NOTA 11.ª

«D. Maria de Castello Branco, filha de D. João de Castello Branco,

alcaide-mór da villa de seu appellido, cazou com Fernão Cabral,

alcaide-mór de Belmonte. Apaixonou-se esta dama por um clerigo com tanta

loucura, que trocou em odio o amor conjugal, e persuadiu o dito clerigo

que lhe matasse o marido. Descobriu-se o crime e a aleivosia, e por elle

foi sentenciada a morrer morte natural por justiça sem lhe valer a

grandeza do nascimento, nem a valia de seus muitos e illustres

parentes». \_Memorias de Diogo de Paiva de Andrade.\_

Não marca Diogo de Paiva o tempo d'este successo; mas conjecturamol-o no

meado do seculo XV, reinando D. João II. Este Fernão Cabral, que levou a

mulher ao patibulo, era quinto neto de Alvaro Gil Cabral, que el-rei D.

João I fizera alcaide-mór de Azurara. Computando o lapso das gerações

poderão os curiosos, favorecidos por algum linhagista menos indulgente,

determinar a época da tragedia. D. Maria era neta do almirante Nuno Vaz

Castello Branco, e bisneta por sua avó paterna de Micer Antão Peçanha,

almirante, que viveu no começo do reinado de D. Affonso V. De um dos

filhos d'esta senhora decapitada procedeu Pedro Alvares Cabral, o

descobridor do Brazil.

NOTA 12.ª

Estas miudesas do meu \_M. S.\_são corroboradas com a seguinte noticia

extractada das \_Memorias de Diogo de Paiva de Andrade\_: «Vicencia

Correia, chamada depois \_Dona\_ Vicencia, foi filha de uma grande

alcayota e bebeda, chamada Barbara, que morou na rua dos Cabides em

Lisboa, reinando el-rei D. Sebastião, e tão perita no seu officio que o

exercitava com destreza esquisita. Os seus primeiros annos passou bem

divertida por industria da mãe e habilidade propria, e vivendo de

mancebia com um fulano Cunha, teve d'elle um filho chamado Roque, e

d'outro fulano Pereira teve uma filha chamada Marianna. Mudou depois de

amorios com Francisco Leitão, com o qual casou; e este fazia tanta

estimação da sogra, da mulher e da enteada, que todos viviam junctos,

comiam á mesma mesa; e morrendo a enteada, que quiz casar com o porteiro

que então era do Juizo de India e Mina e elle não quiz, tomou lucto

publico. Servia n'este tempo Francisco Leitão de Juiz de India e Mina.

Foi depois (por valias, e não por merecimentos, por ser homem de poucas

lettras, falto de honra e atraiçoado) fidalgo da casa real, cavalleiro

da Ordem de Christo, desembargador do Paço, do conselho de Portugal em

Madrid, e lá teve grandes estimações, e a mulher, que era visitada dos

grandes e senhores da corte. E da mesma sorte o foi n'este reino, onde o

nosso D. Rodrigo da Cunha, arcebispo de Lisboa, bem conhecido pela sua

litteratura, visitava D. Vicencia, e a presenteava.»

Acho noticia d'este marido de D. Vicencia em um dos papeis que

appareceram em Madrid, por 1637, assignados pelo \_Manuelinho de Evora\_,

que symbolisava o espirito revolucionario de Portugal. Como peça

desconhecida, extrahimos o mais curioso d'ella. É uma satyra intitulada

\_Quadras que se mandaram a Sua Magestade para uma sala de bom retiro\_.

Figuram Philippe IV, as damas da corte, Diogo Soares, Miguel de

Vasconcellos, Francisco Leitão,[15] o conde do Prado e Thomaz Dibio, o

marquez de la Puebla, D. Jorge Mascarenhas, D. Antonio de Athaide,

Mathias de Albuquerque e o conde da Vidigueira. Aqui se deparam ao

leitor alguns nomes e appellidos que, rodados poucos annos, realçam em

Portugal pela sua dedicação.

Diogo Soares tem um livro na mão com esta lettra:

\_Este livro ensina os modos\_

\_De roubar os povos todos.\_

Miguel de Vasconcellos revê-se em uma taça de vinho com esta lettra:

\_Nos bofes fel e vergonha;\_

\_E em ser ladrão atrevido\_

\_Sahi a meu pai cuspido.\_

Vai Francisco Leitão com esta lettra:

\_Nasci de quem nasci,\_

\_Cazei com quem cazei,\_

\_E o prazo renovei\_

E á margem: \_Filius meretricis\_.

Vae o conde do Prado e diz este mote:

\_A missa ouço em S. Roque,\_

\_Beijo o chão antes que acabe,\_

\_A tenção só Deus a sabe.\_

Thomaz Dibio glosa-lhe o mote:

\_As palavras são de um sancto;\_

\_Mas as obras joeiradas\_

\_São malicias refinadas.\_

O marquez de la Puebla é pintado a espreitar por uma porta com este mote:

\_Desterrado y ocioso,\_

\_Miro solo la destresa\_

\_Con que hurta su Altesa.\_

E diz D. Jorge de Mascarenhas:

\_Com capa de zelo vosso\_

\_Muito dinheiro ajuntei,\_

\_Sem elle e sem vós fiquei\_

Mathias de Albuquerque, Jorge de Athaide, e o conde da Vidigueira, em

camisa com uma vela na mão, tem esta lettra de D. Antonio:

\_Mentir, calar, e fingir\_

\_Verbos de que tenho usado\_

\_Me pozeram n'este estado.\_

O mote de Mathias de Albuquerque diz:

\_Sem tiro e golpe de espada\_

\_A Pernambuco larguei,\_

\_São e rico me fiquei.\_

Mote do conde da Vidigueira:

\_Estes como eu fugiram,\_

\_E escaparam por taes modos,\_

\_Que eu vim a pagar por todos.\_

Diz o bispo do Porto:

\_Sou de geração humilde;\_

\_Mas mui sagaz e astuto\_

\_Com duas pedras de p...\_

Tem ementa á margem da trova, cuja ultima palavra é um \_calemburgo\_ que

finge estar no tempo presente, modo indicativo do verbo \_deputar\_. Diz a

glossa: \_Este bispo, n'este anno, fez tudo aquillo que quiz, pondo e

dispondo á sua vontade\_.

Em livro mais de molde a demoradas exhumações historicas, darei ao

leitor curiosa e ampliada noticia d'este prelado, definido pelo

\_Manuelinho de Evora\_.

A nota, que já se vae delongando, não é despecienda como amostra do

genero tão fallado como desconhecido que usaram os fermentadores da

restauração, a despeito da espionagem que rastreava os audacissimos

secretarios do \_Manuelinho\_.

NOTA 18.ª

Provavelmente, n'este anno de 1647, já Philippe IV e os seus ministros

conheciam o timido animo do rei de Portugal, que mais covardemente se

manifestou em 1650, depois da paz de Westphalia. N'este anno, pois,

encarregou D. João IV o padre Antonio Vieira de negociar desde Roma o

casamento do principe D. Theodosio com a infanta de Hespanha, dando esse

enlace como caução unica e segura á fuzão iberica; por quanto, não tendo

Philippe IV filho varão, áquelle tempo, succediam no throno de Portugal

o principe portuguez e a princeza hespanhola; acontecendo, porém, a

superveniencia de filho varão, reinariam em distinctos reinos, com

alliança offensiva e defensiva. Além d'isso, dado que o rei de Hespanha

teimasse em negar a legitimidade de D. João IV, este abdicaria no filho

e na infanta. O padre Vieira tractou o negocio com os jesuitas

castelhanos, em Roma, resalvando que Lisboa se constituisse a capital

dos dois reinos fundidos em uma monarchia grandiosa. A proposta abjecta

foi desprezada em Madrid. D. João IV, dando assim o pulso ao exame do

poderoso inimigo, revelava quão depauperado lhe girava o sangue nas

veias. E pelo que respeita ao jesuita medianeiro de tamanha protervia,

teve de fugir de Roma onde o espiavam os sicarios do embaixador

hespanhol. Judiciosamente escreve o sr. Manuel Pinheiro Chagas,

relatando os pormenores d'este vilipendio: «Lembraremos ao leitor que

n'isto se prova que se, depois da restauração de Portugal, houve algum

traidor que, por interesses pessoaes ou de familia, projectasse vender á

Hespanha a independencia da patria, esse traidor foi... D. João IV.»

\_Historia de Portugal\_, tomo 6, pagina 106 e seguintes.

NOTA 19.ª

Narra fr. Claudio da Conceição, nomeando os filhos de D. João IV: «Teve

fóra do matrimonio a senhora D. Maria, nascida a 31 de abril de 1644, de

uma senhora limpa de sangue, que entrando depois no convento de Chellas

professou a vida religiosa. Educada em casa do secretario de Estado

Antonio de Cavide, entrou a 25 de março de 1650 no Mosteiro de Sancta

Thereza de Jesus, das Carmelitas Descalças de Carnide, por ordem de

el-rei seu pae a receber as instrucções da Madre Michaella Margarida de

Sancta Anna, filha do imperador Mathias, e parenta do mesmo senhor rei

D. João IV,[16] fundadora do dito mosteiro de Carnide em

1612, sendo vinte e dois annos successivos priora. Estimou el-rei muito

esta filha, o que assás prova a seguinte carta que lhe escreveu antes de

morrer: «\_Minha filha, foi Deus servido que a primeira vez que tendes

carta minha, seja despedindo-me de vós, dando-vos a minha benção

acompanhada de Deus que fique comvosco, e lembrai-vos sempre de mim como

eu o fio de vós. Escripta em Lisboa a 4 de novembro de 1656. Vosso pai,

que fica com grande sentimento de vos não vêr.\_» (Traslada os legados do

rei á filha; segue uma carta de D. Pedro, regente, á irmã; e prosegue na

edificante biographia da virtuosa senhora). «A rainha D. Maria Francisca

a foi visitar a Carnide, e lhe fez grandes honras merendando no seu

apozento. A côrte lhe dava o tratamento de Alteza. Viveu sempre n'este

mosteiro em habito de religiosa, ainda que era de materia mais fina.

Propondo-se-lhe para esposo o duque de Cadaval com approvação regia,

respondeu: que não sahiria da clausura senão em postas a tomar outro

esposo, pois que já o tinha ha muito tempo»... Depois d'outros lanços

assim piedosos, remata fr. Claudio: «Falleceu recebendo todos os

sacramentos com summa edificação a 7 de fevereiro de 1693 quando contava

quarenta e nove annos de edade» \_Gabinete Historico, Tomo IV, pag. 214 e

seg.\_Da mãe de D. Maria não houve frade nem chronista que sequer nos

contasse como lá se foi derretendo em lagrimas a vida da freira que o

rei dera como esposa a Jesus, depois de se enfastiar d'ella como barregan.

NOTA 20.ª

«O sr. rei D. João IV... vendo um dia meu pai que tinha a honra de ser

seu trinchante mor com um Porpoint guarnecido com uma rendilha de prata,

lhe disse: \_vindes mui bizarro D. Antonio!; mas nunca fui tão rico que

podesse ter outro similhante\_. E assim era, porque sempre se vestiu de

estamenha... E mandou que nenhum (vassallo) viesse ao Paço com os seus

cabellos, por que elle os não conservava, e todos se tosquiaram». \_Carta

de Luiz da Cunha ao Principe D. José.\_

NOTA 21.ª

Esta allusão epigrammatica do christão novo requer illucidação

necessaria aos leitores descuriosos de genealogias. No reinado d'el-rei

D. Manoel veio a Portugal um rico mercador genovez, chamado João

Francisco de Lafeta ou Lafetá. De amores com uma fidalga de nome Guiomar

Freire, teve um filho illegitimo, e tambem teve uma cutilada legitima na

cara, com que o brindou um parente da senhora namorada, e teve ainda

outro filho de uma Judia fanqueira de Setubal, chamada Branca de Castro.

É indeciso nos linhagistas se o successor de João Francisco era filho da

fidalga, se da judia. É certo que o seu successor Agostinho de Lafeta

administrou o vinculo que seu pai instituira, foi trinchante de el-rei

D. João III, e casou com D. Maria de Tavora, filha de Ruy Lourenço de

Tavora. Deste matrimonio nasceram dois filhos: João e Cosme. O primeiro

casou com D. Antonia de Mello filha de Ruy Gomes de Azevedo, alcaide mor

de Alemquer; o segundo casou na India com a filha de um advogado que lá

chamavam por alcunha o \_conde da barba rapada\_. Os filhos d'este

assignaram-se Tavoras, e os do segundo Lafetas. Emquanto o pae, cazando

segunda vez com uma filha de Manuel de Mello, eivava de judaismo e

melhor sangue ostrogodo, um filho de João Lafeta cazava com D. Maria de

Vilhena, filha de Henriques Jacques de Magalhães, e D. Violante de

Vilhena. D'este consorcio, procederam Christovão de Lafeta, que casou

com sua prima D. Brites da Silva, filha do primeiro visconde de Fonte

Arcada, e D. Violante de Vilhena que casou com Gonçalo Garcez Palha.

D'estas ultimas allianças por diante, o appellido Lafeta é absorvido nos

mais illustres das raças historicas, por modo que, no dizer de um

genealogico de inexoravel critica, apenas haverá em Portugal trez

familias tradicionaes que não estejam inquinadas do judaismo dos Lafetas

genovezes, e da Branca de Castro, fanqueira de Setubal. Que lhes preste.

NOTA 22.ª

«Bem poderia referir outras muitas precauções que este principe (D. João

IV) tomava para não ser enganado pelos seus ministros; e comtudo,

conhecendo elle a innocencia de Francisco de Lucena, seu secretario de

estado, o deixou condemnar á morte, porque os fidalgos o fizeram passar

por traidor, não podendo soffrer que elle lhe aconselhasse que lhes não

devia alguma obrigação em lhe porem a côroa na cabeça, pois lhe era

devida, afim de que se não julgassem credores de grandes recompensas. Os

descendentes d'este ministro justificaram depois de muitos annos a sua

innocencia, e sua magestade lhes veiu a restituir as honras e os bens,

em que eu tive alguma parte estando em Madrid.» \_Carta de D. Luiz da

Cunha ao Principe D. José.\_Esta carta muito notavel e pouco lida,

publicou-a Antonio Lourenço Caminha em 1821, sob o titulo: \_Obras

ineditas do grande exemplar da sciencia do estado D. Luiz da Cunha,

etc.\_Observa avisadamente o erudito sr. Innocencio Francisco da Silva

que \_escaparam na edição numerosissimos erros que ás vezes transtornam o

sentido e intelligencia dos periodos\_. É exactissima a censura. Possuo a

mesma carta manuscripta, trasladada pelo academico Foyos, e que

envergonha as incurias do editor da impressa.

O que raras pessoas terão visto sem lhe saberem a procedencia, é a peça

explicativa do odio dos fidalgos, que acclamaram D. João IV, ao

secretario de estado Francisco de Lucena. Encontrei-a entre os

manuscriptos ineditos do chantre Manuel Severim de Faria (1583-1655).

Intitula-se: \_Carta de parabens, advertencias, avisos e conselhos que se

suppõem e figura escrever do outro mundo o duque de Bragança D.

Theodosio a seu filho o sr. D. João o Quarto, logo depois que pela

lealdade da patria foi acclamado legitimo Senhor e Rey de Portugal\_. É

attribuida a Francisco de Lucena, e escripta em 1641. Trasladamos os

conselhos do pae ao filho, ou antes do ministro ao principe: «...Resta

que vos façaes tambem temer e respeitar dos maiores fidalgos, que, como

vos viram nascer vassallo, e elles, por portuguezes, são invejosos e

soberbos, mais com rigor e medo se sujeitam que com amor e brandura; e

assim a vossa affabilidade com que os trataes, a vossa facilidade com

que os admittis e ouvis, a confiança com que de ordinario comeis perante

elles, o trage inferior de que, por dardes exemplo, vos vestis, tudo

isto os faz a elles peores, mais ousados, menos comedidos. Filho, não é

ainda tempo d'isto; virá ao diante, em que isto se vos estimará muito.

Agora, o que n'este particular fazeis, tão fóra está de se vos gabar e

estimar, que antes lhes serve de o motejarem uns com outros, attribuindo

tudo a faltas naturaes, e que são avisos divinos, ao diante lhe virão

assim a parecer.

«Até agora, filho, lidastes com vassallos que sempre foram vossos; agora

lidaes com os que ha só dois mezes que o são. Não vos hajais com elles

como se sempre o foram, comei raras vezes em publico para que se estime

quando o fizerdes. Ouvi a todos que quizerem requerer deante de vós; mas

não converseis com nenhum, para que, quando n'esta materia lhes fizerdes

algum favor, o tenham por mercê.

«Olhai, Filho, que, como muitos d'esses fidalgos riram e folgaram

comvosco sendo duque, com pouco azo que lhes deis, vos perderão o

respeito devido como a Rey; e, se assim fôr, dai-vos por acabado, porque

a principal guarda das coroas e sceptros é o respeito... A este fim vos

digo que n'estes principios não soffrais nem dissimuleis aos fidalgos

mais poderosos serem desmandados contra a vossa real pessoa, e contra a

lealdade que vos devem: lembre-vos que o dissimular estes crimes é dar

ousadia a maiores.

«Para os enfreardes ponde ferro em fogo em quem o merecer, e com o

castigo de dois se emendarão os mais, e com o dissimulardes com elles

todos se acabarão de damnar, porque os mais não vos hão de guardar e

defender; e mais certo é que vos hão de vender e trahir, e, se poderem,

matar».

Assim predispunha o secretario das mercês o animo do rei contra os

conjurados de 1641; e relevantemente se mostrou serviçal, collaborando

com o carrasco, pois que emprestou para a degollação dos fidalgos o

cutello que trouxera de Madrid, por haver sido com elle decapitado D.

Rodrigo Calderon.

NOTA 23.ª

Isto de ser agarrado pelas costas o duque de Vizeu, quando o Luiz XI

portuguez o esfaqueou, não se vislumbra da historia, porque a historia

dos governos monarchicos tem sempre sido escripta de joelhos sobre os

estrados dos thronos. De feito, D. João II, quando resolveu matar o

duque guarda-roupa das casas de Nuno da Cunha em Setubal, convidou trez

homens \_para testemunhas\_ do feito: Diogo de Azambuja, Lopo Mendes do

Rio, e D. Pedro d'Eça, alcaide de Moura. Este ultimo era um dos mais

valentes homens de Portugal. D'elle diz Diogo de Paiva de Andrade, nas

suas \_Memorias\_: \_foy um Fidalgo a quem a natureza dotou de muito animo

e grandes forças, e por isto El-Rey D. João II o escolheu quando quiz

matar a D. Diogo, Duque de Vizeu a quem abraçou por detraz\_. Eis aqui a

singular missão da \_testemunha\_!

E, como prova da coragem de D. Pedro d'Eça e dos medianos espiritos do

covarde matador do duque, refere Diogo de Paiva um bonito lance:

Acontecendo em Moura matarem um homem uns criados seus (do alcaide)

foram-se dois irmãos do morto queixar a El-Rey, e disseram-lhe que D.

Pedro lh'o mandára. Pelo que, El-Rey o mandou vir á côrte, e esteve

n'ella mais de dois annos, posto que, tirada a devassa, o não acharam

culpado. Enfadado D. Pedro, disse a El-Rey, que pois sua Alteza não

queria crêr que elle não tinha culpa na morte do homem, e os que o

accusavam eram dois, que lhe fizesse mercê de lhe mandar dar campo com

ambos, para assim se purificar: do que, agastando-se El-Rey lhe disse:

«que tomára elle ser um dos dois». E D. Pedro lhe respondeu: «Não fôra

Vossa Alteza meu Rey, e fosse com elles o terceiro».

NOTA 24.ª

Não é impertinente a noticia do processo de empeçonhar as balas.

Acceitemol-a do livro inedito de um Mestre de Campo do exercito de D.

Pedro II: «Tomarão licoctomum, que he outra casta de aconito ou de

Rozalgar (não alteramos a orthographia do texto) e Napello, dos quais

espremerão o sumo com hua empressa, que se receberá em hua vazilha de

vidro, precatando-se de não lhe toccar com as mãos, a qual vazilha será

exposta ao sol no mez de julho por espaço de 30 dias, recolhendo-a todas

as tardes ao por do sol em hua cestinha coberta e guardada em logar

calido, izento de todo cheiro forte, como de alhos ou cebollas, por os

tais lhe embotarem a força; e ó outro dia ao sair do sol se torne a

expor n'elle a vazilha até que o sumo se engrosse a modo de unguento que

será pouco mais ou menos ao cabo do tempo dito; advertindo que na

madrugada, antes que se tire a vazilha do cesto, para a expôr ao sol,

hão de descobrir o sesto desviando-a d'elle, e o deixarão assim aberto

por espaço de boa meia hora, antes de pegar na vazilha, e á tarde, antes

de a arrecadar no sesto a cobriram com alguma cousa, o corpo mais

desviado que poder ser. Despois tomaram trez ou quatro Rubetos que são

sapos de sylvas grandes, e cheios de nodoas de varias côres, muito

peçonhentos, e tanto mais o serão quando sejam apanhados em logares

sombrios e frios como nos paues cheios de palha tabua. Estes serão

metidos em uma vasilha de cobre de fundo redondo, capaz de os receber

commodamente, com sua tapadoura que venha justamente com a boca da

vazilha, que terá uma azêlha por cima pela qual poderá entrar a ponta de

hua aste para delonge a poderem descobrir; ao lado da vazilha hum pouco

por cima do seu fundo haverá huas cavas em forma de hua meia laranja,

situado em modo de Bebedouros de Gayolas, e no meio do fundo da vazilha

haverá hua fença ou abertura estreita que dará em hum segundo fundo, do

mesmo metal, a modo de funil. As ditas covas a modo de Bebedouros, se

encherão de oleo de Escorpião; feito o que, os sapos se meterão na

vazilha que será bem e justamente coberta com sua tapadoura e assentada

sobre uma trenpe, em modo que a ponta do funil do segundo fundo dê em a

bocca de hua garrafa de vidro, assentada em hua tigella de agua fria, e

a coisa assim desposta se fará hua cama em redondo de ladrilhos da

altura da trempe que a cercará toda ao redor, na largura de dois palmos

até dois palmos e meio, em cima da qual se accenderá um fogo de roda

brando e moderado de carvoens afastados da vazilha um palmo, mediante o

que a vazilha irá aquecendo pouco e pouco, dentro da qual os sapos

sentindo a quentura não acostumada, de sequiosos e suados, arremetterão

a beber o olio de Escorpião dos Bebedouros, que lhes fará bomitar toda a

peçonha que dentro em si tiverem, a qual, cahindo pela abertura do fundo

da vazilha no segundo fundo do funil, e deste á garrafa, continuará o

fogo, no mesmo estado por espaço de 4 a 5 horas, e assim o deixarão athe

o outro dia, em o qual, querendo abrir a vazilha, terão em sentido virar

as costas da parte do vento, e com hua vara ou aste hum pouco comprida,

que passará pela azelha da tapadoura, desviando se o corpo da vazilha, o

mais que poder, a destaparão e deixarão assim aberta por espaço de

outras 4 ou 5 horas, ao cabo das quaes seguramente se poderão chegar á

vazilha, e recolher o veneno da garrafa, ao qual se poderá ajuntar o

sumo das ervas dos aconitos dantes exprimidos, e juntamente anemona,

sicuta, meimendro, mendragora, malla insana, berengella, pés de ganços

de todas as castas, ranunculos, erva Moura, arsenico branco, e cerebros

de rato e de gato».

É de recear que o leitor desconfie da capacidade d'este sugeito que

mandava hervar as balas com succos de pés de ganço e miolos de gato e

rato! Saiba, pois, que o auctor da receita foi um militar de elevada

patente que exerceu em Portugal no reinado de D. Pedro II cargos

importantissimos na guerra. Possuo com grande estimação dois

manuscriptos ineditos de Miguel de Lescolle, que assim se chamava o

Mestre de Campo. Um, é este de que trasladamos o processo de hervar as

balas, e intitula-se: Recopillação de alguns fogos artificiaes, para

offensa e defensa de praças, e embarcações, e de alguns outros para as

alegrias e recreaçoens feitos pelo Mestre de Campo Miguel de Lescolle. O

outro manuscripto, de primoroso calligrapho do começo do seculo XVIII,

é: \_Liçoens de Artelharia recopilladas e feitas por Miguel de Lescolle,

Mestre de Campo intertenido na Provincia de Entre Douro e Minho, a cujo

cargo está a conservação do trem de Artelharia, Armas e Muniçoens

d'ella, e as fortificaçoens das Praças de sua fronteira por mandado do

snr. Marquez das Minas, dos Conselhos de Sua Alteza, Mestre de Campo

general, e Governador das Armas da mesma provincia\_.

Um homem d'este vulto, se acreditava na peçonha dos pés de ganço e do

cerebro dos ratos, é porque realmente, n'aquelles dias, a toxicologia

era mais investigada que hoje.

NOTA FINAL

As pessoas lidas na historia patria estão affeitas a encontrar, n'este

caso da tentativa de morte contra D. João IV, que houve um denunciante

de Domingos Leite, chamado \_Manoel da Cunha\_, e não \_Roque da Cunha\_,

como eu o denomino. Arguem-me pois de inventar nomes desnecessarios á

novella com aggravo da historia. É injustiça que me fazem. Todos os

historiadores que o leitor conhece o enganaram involuntariamente ou por

negligencia de quem fiou de mais nos seus antecessores e guias. Tenho

presentes o conde da Ericeira, (\_Portugal restaurado\_) Fr. Claudio da

Conceição, (\_Gabinete historico\_) D. Antonio Caetano de Sousa (\_Historia

Genealogica da Casa Real Portugueza\_), Roque Ferreira Lobo, (\_Historia

da acclamação de D. João IV\_) Ferdinand Denis, (\_Portugal Pittoresco\_)

João Baptista de Castro, (\_Mappa de Portugal\_) o sr. Viale, (\_Resumo da

historia de Portugal\_) e melhor que todos o sr. Manuel Pinheiro Chagas,

(\_Historia de Portugal\_). Dizem todos invariavelmente que o delactor de

Domingos Leite era \_Manuel Roque\_, porque todos invariavelmente se

guiaram pelo conde da Ericeira, que escrevia 32 annos depois do

successo. O mais curial seria averiguar nos escriptores coevos, e

nomeadamente as relações escriptas no mesmo anno de 1647. O investigador

laborioso encontraria, ácerca d'este assumpto, afóra a citada noticia de

\_Fr. Francisco Brandão\_ impressa em 1647, duas mais do mesmo anno, uma

de \_Antonio de Sousa de Macedo\_, e outra de \_D. Francisco Manuel de

Mello\_. São duas peças declamatorias: rethorica em barda, e muita

pobresa de particularidades. O documento mais precioso é do

chronista-mór do reino. O conde da Ericeira não o leu; que farte revela

ignorancia dos elementos que o deviam esclarecer. Diz que Domingos Leite

Pereira era de Lisboa, e de familia distincta. Quanto a ser de Lisboa,

claramente contradiz a affirmativa do escriptor coetaneo que o faz de

Guimarães n'este trecho da sua relação: \_Foi o executor da maquina...

Domingos Leite Pereira indigno de haver nascido na nobre e leal villa de

Guimarães, que sempre abominará tão monstruoso aborto\_. E em outra

passagem, já referida no texto, nos conta que Domingos Leite, da

primeira vez que viera de Castella a Lisboa, fôra procurado em

Guimarães. Pelo que respeita ao nome do traidor, em varios lanços o

nomeia \_Roque da Cunha\_, e em um d'elles, por signál, a critica de

Brandão desmerece grandemente dos creditos alcançados n'outros

escriptos. Senão, vejam: \_Dia de S. Roque, a 21 de agosto, se executou a

sentença no delinquente, e o ser Roque da Cunha o companheiro que o

entregou á justiça, faz crivel que por ser este Sancto um dos tutelares

do reino, escolhido pelo sr. rei D. João III, de que na capella real ha

particular confraria, accudiu á vingança merecida contra os legitimos

reis d'esta corôa\_.

FIM DAS NOTAS

[1] O pai d'estes fidalgos, tão acceitos a D. João IV, foi D. João

da Silva, conde de Portalegre parcialissimo de Philippe 2.º de

Hespanha, como filho que era de castelhano, contra D. Antonio Prior

do Crato, e contra D. Catharina, duqueza de Bragança. É esse mesmo o

auctor \_Dell'unione del regno de Portogallo alla corona di

Castiglia\_, publicado com o pseudonimo de \_Conestaggio\_. Não admira

que os filhos de tão faccioso castelhano se não bandeassem com os

patriotas de 1640; espanta, porém, que D. João IV os chamasse ao seu

despacho.

[2] Escuso dizer ao leitor que todas estas ruas e bêcos

desappareceram no terremoto de 1755. Ha memoria d'ellas em João

Baptista de Castro (\_Mappa de Portugal\_) e outros topographos de

Lisboa.

[3] O sr. M. Pinheiro Chagas, \_Historia de Portugal\_, tomo 6, pag.

291, e o sr. A. José Viale no \_Novo epitome da Historia de Portugal\_

pag. 158. Veja \_Monstruosidades do tempo e da fortuna\_ por fr.

Alexandre da Paixão, \_Ms.\_ da Bibliotheca do Porto--e Vida de

Affonso VI escripta no anno 1684, Porto, 1873.

[4] \_Port. Rest.\_ T, 2. pag, 906.

[5] O tratamento de \_senhoria\_ foi juridico para as donas, moças da

camara e açafatas, por alvará de 17 de maio de 1777, quando já de

antes a \_excellencia\_ era o tratamento usual. Na côrte de D. João

IV, a lisonja e a urbanidade não hesitariam tratar de senhoria as

açafatas, e as amantes do rei em perspectiva.

[6] Carta ao principe D. José.

[7] Em \_Nota\_ que hade ser posta como confirmação d'estas miudezas

verá o leitor que não tem rasão para se maravilhar da omissão dos

historiadores, salvo se lhe não é desconhecido um opusculo de fr.

Francisco Brandão, chronista-mór do reino, opusculo publicado

anonymamente em 1647, com este titulo: \_Relação do assassinio

intentado por Castella contra a Magestade d'el-rei D. João IV, nosso

Senhor, e impedido miraculosamente\_.

[8] Os secretarios de estado tiveram \_excellencia\_ de juri desde a

lei de 29 de janeiro de 1739. Os mordomos-móres já recebiam

\_excellencia\_ no tempo de D. João IV. Em 1648 o padre Antonio Vieira

tractava de \_vossa-mercê\_ em cartas o secretario de estado Pedro

Vieira da Motta.

[9] Relação do assassinio intentado por Castella contra a Magestade

d'el-rei D. João IV, nosso Senhor e impedido miraculosamente. Lisboa

1647.

[10] \_Relação do assassinio intentado por Castella contra a

Magestade de El-rei D. João IV nosso Senhor, e impedido

miraculosamente.\_ Lisboa, 1647.

[11] \_Obra citada.\_

[12] Ao meu erudito amigo, o sr. Innocencio Francisco da Silva devo

o favor do traslado, cuja orthographia se transcreve fielmente.

[13] O sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, escriptor tão

elegante quanto vernaculo, no seu estimavel livro intitulado: LES

CONTEMPORAINS, etc. a pag. 549 nos dá noticia de outro filho,

bastardo de D. João IV, nos seguintes termos: \_Un document officiel

passé par le\_ Rei d'Armas Portugal \_á la famille des\_ Braganças \_de

Cette, gentilshommes de la province du Minho, pour leur permettre de

porter les armoiries du duc D. Alphonse I., donne à Jean IV un autre

fils illegitime, non reconnu, appellé Alphonse Fayão, qui fut cure

(abbade) de Baltar. Nous avons lu ce document qui constate l'origine

de cette famille, la seule en Portugal qui porte le nom de Bragance.

Le dernier descendant est M. Emmanuel Leite de Bragança Correia.

Sousa dans l'histoire de la maison royale ne fait point mention de

ce fils de Jean IV; mais le document officiel est positif á cet

égard\_.

Até aqui o nosso eminente escriptor Antonio Augusto Teixeira de

Vasconcellos.

O representante d'esse filho illegitimo de D. João IV, o sr. Manoel

Leite de Bragança Correia, é actualmente... administrador do correio

de Felgueiras. Não nos parece que esteja dignamente collocado este

fidalgo tão consanguineo do sr. D. Luiz I. Aviso aos seus reaes

parentes. A direcção do correio de Felgueiras deve render 480 réis

por dia.

[14] Tinha escripto, antes de Italia, França, que riscou.

[15] Não se confunda com Francisco de Andrade Leitão desembargador

do Paço, que fez o discurso da acclamação de D. João IV.

[16] Este imperador da Allemanha havia morrido em 1619, depois de

ter abdicado em seu primo Fernando, quando o imperio era dilacerado

pelos turcos e pela revolta dos bohemios. Presumimos que a freira de

Carnide fosse filha illegitima do imperador, porque, á mingua de

legitimos, abdicára no primo.

Notas de transcrição:

Na edição original as notas 13 a 17 no fim do livro não aparecem;

A formatação das notas no final do livro foi normalizada;

No corpo do livro as notas 5 a 8 estavam mal identificadas, tendo sido

corrigidas nesta transcrição.

Na nota 6.ª perto do final aparecia erradamente 1 de \_setembro\_ de 1755

como a data do grande terremoto. Foi corrigida a data para 1 de

\_novembro\_ de 1755.

As erros apontados na errata contida no final do livro (transcrita

abaixo) foram corrigidos nesta edição.

ERRATAS

Pagina 38, linha 22, onde se lê: sua \_estola\_, leia-se: sua \_estofa\_.

» 41, linha 9, onde se lê: \_o cauteloso\_, leia-se: \_como cauteloso\_.

» 53, linhas 14 e 15, onde se lê: \_um feito, que\_, leia-se \_a um tal

feito; que\_.

» 81, linha 8, onde se lê: nos \_traz\_, leia-se: nos \_trazem\_.

» 123, linha 25, onde se lê: \_corfirmou\_, leia-se: \_confirmou\_.

» 161, linha 31, onde se lê: \_cavalgamos a noite\_, leia-se: \_cavalgamos

á noite\_.

» 186, linha 28, onde se lê: elle \_tremia\_ e tremia, leia-se elle

\_temia\_ e tremia.

End of the Project Gutenberg EBook of O Regicida, by Camilo Castelo Branco

\*\*\* END OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK O REGICIDA \*\*\*

\*\*\*\*\* This file should be named 26017-8.txt or 26017-8.zip \*\*\*\*\*

This and all associated files of various formats will be found in:

http://www.gutenberg.org/2/6/0/1/26017/

Produced by Pedro Saborano and the Online Distributed

Proofreading Team at http://www.pgdp.net (This book was

produced from scanned images of public domain material

from the Google Print project.)

Updated editions will replace the previous one--the old editions

will be renamed.

Creating the works from public domain print editions means that no

one owns a United States copyright in these works, so the Foundation

(and you!) can copy and distribute it in the United States without

permission and without paying copyright royalties. Special rules,

set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to

copying and distributing Project Gutenberg-tm electronic works to

protect the PROJECT GUTENBERG-tm concept and trademark. Project

Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you

charge for the eBooks, unless you receive specific permission. If you

do not charge anything for copies of this eBook, complying with the

rules is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose

such as creation of derivative works, reports, performances and

research. They may be modified and printed and given away--you may do

practically ANYTHING with public domain eBooks. Redistribution is

subject to the trademark license, especially commercial

redistribution.

\*\*\* START: FULL LICENSE \*\*\*

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg-tm mission of promoting the free

distribution of electronic works, by using or distributing this work

(or any other work associated in any way with the phrase "Project

Gutenberg"), you agree to comply with all the terms of the Full Project

Gutenberg-tm License (available with this file or online at

http://gutenberg.net/license).

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg-tm

electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg-tm

electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to

and accept all the terms of this license and intellectual property

(trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all

the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy

all copies of Project Gutenberg-tm electronic works in your possession.

If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project

Gutenberg-tm electronic work and you do not agree to be bound by the

terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or

entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" is a registered trademark. It may only be

used on or associated in any way with an electronic work by people who

agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few

things that you can do with most Project Gutenberg-tm electronic works

even without complying with the full terms of this agreement. See

paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project

Gutenberg-tm electronic works if you follow the terms of this agreement

and help preserve free future access to Project Gutenberg-tm electronic

works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation ("the Foundation"

or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project

Gutenberg-tm electronic works. Nearly all the individual works in the

collection are in the public domain in the United States. If an

individual work is in the public domain in the United States and you are

located in the United States, we do not claim a right to prevent you from

copying, distributing, performing, displaying or creating derivative

works based on the work as long as all references to Project Gutenberg

are removed. Of course, we hope that you will support the Project

Gutenberg-tm mission of promoting free access to electronic works by

freely sharing Project Gutenberg-tm works in compliance with the terms of

this agreement for keeping the Project Gutenberg-tm name associated with

the work. You can easily comply with the terms of this agreement by

keeping this work in the same format with its attached full Project

Gutenberg-tm License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern

what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in

a constant state of change. If you are outside the United States, check

the laws of your country in addition to the terms of this agreement

before downloading, copying, displaying, performing, distributing or

creating derivative works based on this work or any other Project

Gutenberg-tm work. The Foundation makes no representations concerning

the copyright status of any work in any country outside the United

States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate

access to, the full Project Gutenberg-tm License must appear prominently

whenever any copy of a Project Gutenberg-tm work (any work on which the

phrase "Project Gutenberg" appears, or with which the phrase "Project

Gutenberg" is associated) is accessed, displayed, performed, viewed,

copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with

almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or

re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included

with this eBook or online at www.gutenberg.net

1.E.2. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is derived

from the public domain (does not contain a notice indicating that it is

posted with permission of the copyright holder), the work can be copied

and distributed to anyone in the United States without paying any fees

or charges. If you are redistributing or providing access to a work

with the phrase "Project Gutenberg" associated with or appearing on the

work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1

through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the

Project Gutenberg-tm trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or

1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is posted

with the permission of the copyright holder, your use and distribution

must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional

terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked

to the Project Gutenberg-tm License for all works posted with the

permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg-tm

License terms from this work, or any files containing a part of this

work or any other work associated with Project Gutenberg-tm.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this

electronic work, or any part of this electronic work, without

prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with

active links or immediate access to the full terms of the Project

Gutenberg-tm License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary,

compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any

word processing or hypertext form. However, if you provide access to or

distribute copies of a Project Gutenberg-tm work in a format other than

"Plain Vanilla ASCII" or other format used in the official version

posted on the official Project Gutenberg-tm web site (www.gutenberg.net),

you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a

copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon

request, of the work in its original "Plain Vanilla ASCII" or other

form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg-tm

License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying,

performing, copying or distributing any Project Gutenberg-tm works

unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing

access to or distributing Project Gutenberg-tm electronic works provided

that

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from

the use of Project Gutenberg-tm works calculated using the method

you already use to calculate your applicable taxes. The fee is

owed to the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, but he

has agreed to donate royalties under this paragraph to the

Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments

must be paid within 60 days following each date on which you

prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax

returns. Royalty payments should be clearly marked as such and

sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the

address specified in Section 4, "Information about donations to

the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."

- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies

you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he

does not agree to the terms of the full Project Gutenberg-tm

License. You must require such a user to return or

destroy all copies of the works possessed in a physical medium

and discontinue all use of and all access to other copies of

Project Gutenberg-tm works.

- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any

money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the

electronic work is discovered and reported to you within 90 days

of receipt of the work.

- You comply with all other terms of this agreement for free

distribution of Project Gutenberg-tm works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg-tm

electronic work or group of works on different terms than are set

forth in this agreement, you must obtain permission in writing from

both the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and Michael

Hart, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark. Contact the

Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable

effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread

public domain works in creating the Project Gutenberg-tm

collection. Despite these efforts, Project Gutenberg-tm electronic

works, and the medium on which they may be stored, may contain

"Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or

corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual

property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a

computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by

your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right

of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project

Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project

Gutenberg-tm trademark, and any other party distributing a Project

Gutenberg-tm electronic work under this agreement, disclaim all

liability to you for damages, costs and expenses, including legal

fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT

LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE

PROVIDED IN PARAGRAPH F3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE

TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE

LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR

INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH

DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a

defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can

receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a

written explanation to the person you received the work from. If you

received the work on a physical medium, you must return the medium with

your written explanation. The person or entity that provided you with

the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a

refund. If you received the work electronically, the person or entity

providing it to you may choose to give you a second opportunity to

receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy

is also defective, you may demand a refund in writing without further

opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth

in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS' WITH NO OTHER

WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO

WARRANTIES OF MERCHANTIBILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied

warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages.

If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the

law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be

interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by

the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any

provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the

trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone

providing copies of Project Gutenberg-tm electronic works in accordance

with this agreement, and any volunteers associated with the production,

promotion and distribution of Project Gutenberg-tm electronic works,

harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees,

that arise directly or indirectly from any of the following which you do

or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg-tm

work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any

Project Gutenberg-tm work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg-tm

Project Gutenberg-tm is synonymous with the free distribution of

electronic works in formats readable by the widest variety of computers

including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists

because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from

people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the

assistance they need, is critical to reaching Project Gutenberg-tm's

goals and ensuring that the Project Gutenberg-tm collection will

remain freely available for generations to come. In 2001, the Project

Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure

and permanent future for Project Gutenberg-tm and future generations.

To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4

and the Foundation web page at http://www.pglaf.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive

Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non profit

501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the

state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal

Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification

number is 64-6221541. Its 501(c)(3) letter is posted at

http://pglaf.org/fundraising. Contributions to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent

permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's principal office is located at 4557 Melan Dr. S.

Fairbanks, AK, 99712., but its volunteers and employees are scattered

throughout numerous locations. Its business office is located at

809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887, email

business@pglaf.org. Email contact links and up to date contact

information can be found at the Foundation's web site and official

page at http://pglaf.org

For additional contact information:

Dr. Gregory B. Newby

Chief Executive and Director

gbnewby@pglaf.org

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation

Project Gutenberg-tm depends upon and cannot survive without wide

spread public support and donations to carry out its mission of

increasing the number of public domain and licensed works that can be

freely distributed in machine readable form accessible by the widest

array of equipment including outdated equipment. Many small donations

($1 to $5,000) are particularly important to maintaining tax exempt

status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating

charities and charitable donations in all 50 states of the United

States. Compliance requirements are not uniform and it takes a

considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up

with these requirements. We do not solicit donations in locations

where we have not received written confirmation of compliance. To

SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any

particular state visit http://pglaf.org

While we cannot and do not solicit contributions from states where we

have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition

against accepting unsolicited donations from donors in such states who

approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make

any statements concerning tax treatment of donations received from

outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg Web pages for current donation

methods and addresses. Donations are accepted in a number of other

ways including including checks, online payments and credit card

donations. To donate, please visit: http://pglaf.org/donate

Section 5. General Information About Project Gutenberg-tm electronic

works.

Professor Michael S. Hart is the originator of the Project Gutenberg-tm

concept of a library of electronic works that could be freely shared

with anyone. For thirty years, he produced and distributed Project

Gutenberg-tm eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg-tm eBooks are often created from several printed

editions, all of which are confirmed as Public Domain in the U.S.

unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily

keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our Web site which has the main PG search facility:

http://www.gutenberg.net

This Web site includes information about Project Gutenberg-tm,

including how to make donations to the Project Gutenberg Literary

Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to

subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.